
INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

DM
VALE/A.1

CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA LEGAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A comunicação à luz de ♀♂ em sujeitos adultos
com história infantil de maus tratos – estudo
através do Rorschach

Ana Teresa de Paulos Martins do Vale – n.º 1905

Orientadora: Professora Doutora Maria Emília Marques
Instituto Superior de Psicologia Aplicada



2005

ISPA Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Cr

Registo: 16845

Data: 26.9.06

RESUMO

Com este trabalho, procurou-se ampliar a capacidade da metodologia Rorschach de modo a que pudesse aceder a outras dimensões do funcionamento mental que não aquelas que fazem parte da abordagem clássica da prova. Consequentemente, a inscrição do trabalho faz-se no contexto da metodologia projectiva; ainda assim, no seio desta metodologia, foi rejeitada a submissão a um racional psicopatológico, buscando novos sentidos e aplicando ao Rorschach, dentro da Psicanálise, o modelo desenvolvido por W. Bion, procurando desta forma focar o funcionamento psíquico do sujeito à luz dos processos de pensamento e simbolização, mais especificamente, a dimensão da comunicação no contexto da relação ♀♂. Para isto, explorámos o modelo e delineámos procedimentos de análise a partir dele, procedimentos que orientaram a nossa análise do protocolo de Rorschach.

Esta abordagem ao Rorschach vem na sequência de outros trabalhos que têm vindo a ser desenvolvidos entre nós, como por exemplo os trabalhos de Emília Marques. O carácter inovador do trabalho que agora se apresenta prende-se com a questão específica que investigámos (a comunicação) e com a aplicação desta metodologia a um objecto de estudo particular – adultos com história infantil de maus tratos.

Pensando a situação de maus tratos com o recurso ao modelo bioniano, pensamos ter delineado um novo olhar sobre esta questão, perspectiva essa que difere da literatura existente actualmente sobre o tema.

Desta forma, centrou-se a perspectiva no sujeito e não no acto, explorando os vários sentidos que a situação de maus tratos pode ter para o sujeito adulto que a viveu na sua infância. Assim, encontrámos as dimensões realçadas pelos autores que fizeram parte da nossa pesquisa bibliográfica: o evitamento da relação, a insensibilização dos sentidos, a impermeabilização ao outro (marca da comunicação comensal), bem como a desconfiança de colorido paranóide, associada a afectos de frustração, ódio, angústia, dor e desorganização mental (enquanto marca da comunicação parasitária). Mas igualmente, encontrámos movimentos em direcção ao objecto, a necessidade e o apelo à relação, momentos em que a comunicação simbiótica parece tornar-se mais possível, os quais abrem alguma possibilidade de transformação e de pensar a experiência emocional.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Emília Marques, pela sua orientação, sem a qual este trabalho não seria o mesmo.

Ao Dr. Bruno Brito e ao Dr. Guilherme Canta, pela amizade com que imediatamente disponibilizaram material proveniente da sua actividade clínica que pudesse ser-me útil nesta dissertação.

Aos meus pais, por tudo o que deram e pelos recursos internos que me permitiram construir.

À Dra. Fernanda Alexandre, por me acompanhar na minha caminhada pessoal, por vezes difícil, em direcção ao crescimento.

Ao Professor Doutor Carlos Amaral Dias, por ser um mestre no verdadeiro sentido do termo e por tudo o que me tem ensinado acerca deste ofício de Psicoterapeuta.

Ao Dr. José Pereira da Silva, pelo afecto e incentivo que sempre me transmitiu.

A todos os meus colegas e amigos que me “aturaram” ao longo do processo, nem sempre bonito, que foi dar à luz esta tese.

ÍNDICE

I. Introdução.....	2
II. Maus Tratos Infantis.....	12
Definição do conceito.....	13
Factores desencadeadores da situação de maus tratos.....	14
Dinâmica relacional e maus tratos.....	16
Maus tratos e comunicação.....	20
III. A Comunicação à Luz da Relação ♀♂.....	24
Da comunicação do sujeito com o outro à comunicação do sujeito consigo próprio.....	25
Comunicação e identificação projectiva.....	29
Comunicação e barreira de contacto.....	33
O negativo e a simbolização.....	36
Modelos de comunicação no contexto da relação ♀♂.....	42
IV. Os Maus Tratos Infantis – Significação e Inscrição.....	47
V. Objectivo do Estudo.....	56
VI. Método.....	62
O Rorschach.....	62
Procedimentos de análise.....	66
Processos de ligação, criação e transformação.....	68
A comunicação.....	78
Síntese.....	83
Sujeito - Andreia.....	87
Comentário.....	88
Análise e interpretação do protocolo.....	90
Psicograma.....	90
Análise cartão a cartão.....	92
Discussão.....	110
VII. Conclusão.....	122
VIII. Referências Bibliográficas.....	129
ANEXO 1 – Protocolo de Rorschach de Andreia.....	138
Protocolo.....	138
Psicograma.....	139

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho vem na continuidade de um trabalho anterior desenvolvido por nós na monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica¹ do Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Nesse trabalho, levámos a cabo um tipo de investigação que utiliza a prova projectiva Rorschach de uma forma que se afasta do seu uso mais comum, bem como a dos instrumentos de avaliação psicológica em geral.

De facto, uma grande parte dos instrumentos de avaliação psicológica assenta numa lógica psicométrica, procurando a medida e a comparação do sujeito com um grupo de referência. Ora, a avaliação que se baseia nas técnicas projectivas afasta-se desde logo deste racional comparativo, substituindo a lógica da validade do instrumento pela lógica do sujeito e das suas características de funcionamento psíquico. Deste modo, as metodologias projectivas teorizam as possibilidades inerentes ao próprio instrumento de medida, levando em conta na sua aplicação o diferente significado que esse instrumento tem para cada sujeito. Ainda assim, o procedimento habitual conduz em geral ao diagnóstico psicopatológico, que acaba por ser outra forma de enquadrar o sujeito num determinado grupo.

No nosso caso, embora nos inscrevamos dentro de uma linha metodológica projectivista, a utilização do Rorschach não visa fins diagnósticos, nem se submete a um racional psicopatológico. Tanto no trabalho supracitado como neste que agora se apresenta, procurámos estabelecer uma relação entre concepções teóricas e metodologia, enfatizando o processo de construção de sentido, presente no processo de elaboração das respostas Rorschach. Dito de outro modo, será que o método Rorschach pode reflectir outras dimensões para além daquelas que são as mais frequentes? Portanto, se as concepções teóricas mais utilizadas são as de base freudiana e kleiniana, procurámos utilizar concepções que, dentro da Psicanálise, se inscrevem nas teorias pós-freudianas e pós-kleinianas, nomeadamente no modelo bioniano. Logo, esta abordagem e utilização do Rorschach não é ainda consensual, consistindo este trabalho numa exploração das potencialidades do método.

¹ Vale, A. (2001) *O vazio psíquico – sua expressão através do Rorschach* (Monografia de licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

No presente trabalho, procurámos alargar os limites do Rorschach como instrumento de observação e investigação, desenvolvendo um trabalho essencialmente metodológico, como uma forma de investigação dentro da Psicologia que procura dotar os instrumentos de uma maior capacidade para dar conta das características do funcionamento mental e do pensamento, único e idiossincrático, dos sujeitos em avaliação.

Neste sentido, a nossa dissertação assume-se como um trabalho que assenta numa metodologia que usa os instrumentos de avaliação psicológica, procurando, por um lado, ampliar a capacidade da Psicologia, em contexto de avaliação, para aceder ao conhecimento do sujeito, suportada pela utilização de instrumentos específicos; e visando, por outro lado, a explicitação e o alargamento da amplitude do método Rorschach, de modo a possibilitar o acesso não só ao funcionamento mental do sujeito, mas sobretudo aos seus processos de simbolização, ligação e transformação, ou seja, aos seus processos de pensamento, entendido no sentido bioniano.

Evidentemente, a metodologia projectiva é suportada por um determinado referente teórico. No caso, o nosso trabalho encontra suporte na teoria psicanalítica, não só porque é a teoria segundo a qual trabalhamos e na qual nos inscrevemos, mas também porque o Rorschach, como instrumento de avaliação, se aprofundou e tem sido largamente trabalhado com recurso aos modelos da Psicanálise. Com efeito, os trabalhos de Traubenberg (1997/1970), Anzieu (1976) e Chabert (1998; 2000) visaram o estudo e o aprofundamento do método e da técnica Rorschach, com base em referenciais psicanalíticos. Na senda destes, muitos outros autores têm vindo a explorar o Rorschach e a desenvolver investigações com base nesta metodologia e inscritas neste referencial teórico, como é o caso, entre nós, de Marques (1996; 1999).

Tendo em conta esta inscrição teórica e a natureza metodológica deste trabalho, o passo seguinte foi escolher um tema no âmbito do Curso de Mestrado em Psicologia Legal, dentro de uma linha de investigação que procura, recorrendo às concepções psicanalíticas, lançar um novo olhar sobre fenómenos abrangidos pelo sistema legal que requerem a intervenção da Psicologia, bem como sobre os actores que neles têm um papel, não só os agressores, mas também as vítimas. Trata-se, pois, da forma como, num determinado contexto, neste caso o legal, se pode pensar no sujeito que age na transgressão da lei e naquele que sofre os danos consequentes desses mesmos actos.

Foi a partir da nossa prática clínica e da reflexão que ela nos suscita que acabámos por encontrar esse tema, na pessoa de uma paciente adulta com história infantil de maus tratos. Dado que cada sujeito se estrutura a partir não só das suas vivências, mas também e sobretudo das relações que estabelece entre vivências e significados e das representações que constrói com base nessas vivências, esta situação levantava-nos várias questões. Nomeadamente, qual o significado destas vivências para esta mulher, agora adulta? Que impacto haviam causado nela e qual o destino desse impacto? De que forma esta mulher pensava estas vivências, a que cargas emocionais estavam estas associadas? Que utilização lhes dava no seu espaço psíquico?

Inicialmente, os maus tratos sofridos na infância / adolescência eram, para esta mulher de 29 anos, explicação para todas as suas características de funcionamento mental e eram, na sua perspectiva, a raiz de todo o seu sofrimento psíquico. A sua identidade parecia marcada de tal modo por essas vivências, que quando se apresentava a si mesma, era esse o primeiro aspecto que focava. Os maus tratos do passado estavam de tal modo presentes na vida quotidiana, que eram, para ela, a explicação imediata para os súbitos ataques de choro, os problemas no trabalho, as dificuldades na relação amorosa, a falta de desejo sexual. Não descurando a intensidade das experiências vividas e a importância que elas tiveram no seu crescimento, esta relação de causa-efeito estava mais próxima de uma racionalização do que propriamente de uma ligação e construção de sentido, acabando por criar um obstáculo à exploração do passado e à reconstrução retrospectiva da forma como ela teria vivido esse período da sua vida. Esta relação de causalidade estabelecida pela paciente aproximava-se, portanto, mais de um enunciado falso do que de uma verdade psíquica². Qual, então, a razão e o processo através do qual a experiência vivida tinha sido transformada neste enunciado falso?

Porém, pensámos que o espaço clínico não seria o campo ideal para procurar de forma sistemática resposta a estas perguntas, visto que a intervenção psicoterapêutica persegue outros objectivos que não a investigação. Deste modo, as nossas questões e reflexões teriam que ser levadas para um outro contexto, aquele da investigação no âmbito deste curso de Mestrado.

² O enunciado falso, conceito bioniano, está associado ao conceito de O ou de verdade psíquica; no enunciado falso, uma verdade não pode ser completamente assumida, pelo que se cria uma formação substitutiva (Amaral Dias, 2000). O sujeito sabe, no entanto, que há algo de falso no seu sintoma, como a paciente em questão sabia que a relação entre a experiência do passado e os sintomas do presente não poderia ser tão linearmente uma relação de causa-efeito.

Muito embora a clínica deva permitir um questionamento da teoria e vice-versa, pensámos que a investigação neste contexto poderia interferir com a nossa intervenção no campo psicoterapêutico, logo, acabámos por decidir que o material desta paciente não poderia ser utilizado directamente na investigação a que nos propúnhamos; mas foi esta mulher que, dentro de nós, nos permitiu traçar o caminho que seguimos.

Depois da escolha do tema, colocava-se, então, a questão essencial de como abordá-lo. A partir da reflexão suscitada pelo caso clínico, perguntámo-nos acerca da diferença entre a realidade e a sua representação mental, entre o vivido e o pensado, entre o objecto concreto e o símbolo que o representa. Com estas questões como pano de fundo, iniciámos o delineamento da investigação pela recolha de literatura sobre este assunto. Entre os aspectos mais referidos, encontrámos fundamentalmente duas grandes dimensões – por um lado, o estudo dos factores que conduzem à situação de maus tratos, factores esses relacionados com os pais mal tratantes, com a criança maltratada, com a dinâmica da relação que se estabelece entre ambos, com a dinâmica familiar e mesmo com o contexto sócio-económico; por outro lado, as consequências psicopatológicas para o sujeito que sofre sistematicamente maus tratos.

A partir destas vias, ficavam por responder algumas das questões que havíamos colocado. A questão da comunicação, tomada inicialmente no sentido das trocas estabelecidas entre sujeito e objecto, surgiu de forma mais ou menos inesperada, em conjunto com a Professora orientadora deste trabalho, mas aceitámo-la imediatamente como um vector que nos levava a um questionamento, que nos fazia pensar. Quando remoíamos a palavra *comunicação* dentro de nós, procurando associações que nos indicassem um caminho a seguir, encontrámos, entre outras referências, Juan José Millás e o seu romance *A ordem alfabética*:

«Lá em casa havia uma enciclopédia da qual o meu pai falava como de um país distante, por cujas páginas podíamos perder-nos como por entre as ruas de uma cidade desconhecida. Tinha mais de cem volumes que ocupavam uma parede inteira da sala. (...) Ele garantiu que, num dia em que ninguém estivesse à espera, se eu persistisse em não ler, os livros saíam a voar de casa, como pássaros, e ficaríamos todos sem palavras.

Algumas noites, ao meter-me na cama, tentava imaginar um mundo sem palavras; supunha que tínhamos começado a perdê-las por ordem alfabética e que do a só nos restavam as palavras de *assassino* em diante; e então não tínhamos *ar* nem *abelhas* nem *advogados* nem *abreviaturas* nem *aço* nem *agulhões* nem *anciãos*. (...) Uma catástrofe natural, enfim, cujo responsável era eu. (...)

Comecei, pois, a vigiar a enciclopédia e os outros livros da casa como se fossem inimigos. E eles, da sua opacidade, espreitavam-me também com algum rancor, culpando-me antecipadamente daquele desastre ecológico comparável ao desaparecimento de variedades zoológicas. Então, quando ouvia falar em espécies em extinção, já não pensava nos lagartos ou nos búfalos, mas nas palavras. Escolhia uma qualquer – *escada*, por exemplo – e começava a dar voltas à possibilidade de ela desaparecer. Revia mentalmente os lugares a que não poderia subir ou aqueles de que não poderia descer. (...)

A minha mãe (...) acabou por me levar a um médico. (...) Voltámos para casa de autocarro, sentados em frente um do outro. A mamã não parava de observar-me com desconfiança, como se soubesse que eu escondia um segredo que me fazia mal. Então, imaginei que a palavra *mãe* desaparecia e comecei a transpirar enquanto me desfigurava irremediavelmente. Ela assustou-se um pouco e sugeriu que saíssemos do autocarro e regressássemos a casa a pé, mas não era possível sair de lado nenhum porque tínhamos perdido a palavra *escada*. Noutras circunstâncias, teríamos podido saltar, mas verifiquei que também a palavra *salto* se extinguiu; teríamos de passar o resto das nossas vidas dentro daquele veículo imundo, rodeados de pessoas que não conhecíamos. A visita ao médico não melhorara as coisas.» (Juan José Millás, *A ordem alfabética*, pp. 9 – 11)

Nesta obra, encontramos um rapazinho e a sua relação com o conhecimento, simbolizado pela enciclopédia infinita, onde sente que se pode perder. A lei paterna, a palavra do pai, profetiza as piores desgraças se o rapaz insistir em afastar-se do conhecimento, mas ao mesmo tempo a própria relação paterna com o conhecimento é da ordem da autoridade e da acumulação de saber, e não inscrita na curiosidade, na busca, na ligação, na construção. Perante a ameaça paterna, o rapaz, aparentemente numa relação de oposição à autoridade paterna e, conseqüentemente, com esta forma de se relacionar com o conhecimento, imagina o que seria um mundo sem conhecimento, em que os objectos a que se referem as palavras desaparecessem, deixassem de ter sentido, quando as próprias palavras desaparecessem. No entanto, este afastamento do conhecimento acaba por ser a confirmação da ameaça paterna, havendo, no fundo, uma submissão à sua lei.

Coloca-se aqui, então e desde logo, a questão da relação entre símbolo e objecto simbolizado – será que uma coisa existe no espaço psíquico se não houver nome para ela? O que aconteceria se as palavras perdessem sentido e os objectos a que elas se referem desaparecessem? O que aconteceria se as palavras voassem para longe e deixassem de poder ser utilizadas por nós quando comunicamos com os outros, quando pensamos, quando tentamos dar sentido àquilo que vivemos?

O afastamento do conhecimento dá, pois, origem ao desaparecimento dos objectos, das palavras, à destruição do mundo simbólico, o que provoca uma experiência quase claustrofóbica de estar fechado num espaço constrangedor, do qual parece não haver saída. Se a saída para essa angústia é a relação com o conhecimento, ou seja, o pensamento, a fuga a essa relação deixa o sujeito paralisado e sem recursos.

Millás constrói uma ficção em volta de um rapaz que vive num mundo em que as palavras deixam de ter sentido - todo o mundo se transforma numa outra coisa e as palavras deixam de poder falar a angústia, bem como todos os outros afectos e vivências que fazem de nós humanos.

Como é que é possível pensar uma coisa se ela não pode ser simbolizada? Como se processa o pensamento perante uma experiência que não tem nome, não tem sentido, não tem palavra? De que são feitas estas palavras que usamos, como é poder imaginar um mundo em que deixam de existir palavras para podermos imaginar um mundo? Como é que isto se liga com a relação do sujeito ao conhecimento e ao pensamento?

No fundo, a questão seria da seguinte ordem: como é que o sujeito se apropria de uma experiência emocional, que sentido lhe atribui, que símbolos constrói a partir dessa significação, como é que o sujeito pensa o que vê e vive?

Consideramos a situação de maus tratos físicos como uma experiência real, que está inserida no contexto de uma relação e imersa numa carga emocional específica, em que se jogam várias dimensões – o desconhecido; o acto agressivo exercido sobre o corpo da criança; os afectos em jogo na relação e a sua inconstância. Resolvemos, então, colocar a questão, que iremos tentar compreender ao longo deste trabalho, da seguinte forma: que percurso se estabelece entre a experiência tal como foi vivida na infância e a sua inscrição no espaço psíquico do sujeito adulto que a viveu no passado?

Tal como no contexto clínico, não estamos centrados na realidade tal como ela se sucedeu, mas sim na reconstrução, enquanto hipótese especulativa, que pode ser feita a partir da realidade psíquica do sujeito adulto, a qual remete para uma atribuição de sentido. Por outras palavras, como é que a situação de maus tratos, vivida na infância, é acolhida no psiquismo do sujeito que a viveu, ou seja, como é que o sujeito se apropria de uma experiência desta ordem, lhe dá significado, no fundo, como é que o sujeito a pensa? Qual o lugar que, na mente do adulto, pode ocupar esta experiência vivida no passado?

A questão da comunicação nos maus tratos é normalmente abordada na literatura a partir de outros pressupostos diferentes daqueles que queríamos utilizar neste trabalho. Nos estudos desenvolvidos, a comunicação é equacionada com a linguagem e o comportamento vincutivo da figura de vinculação em relação à criança. Sistemáticamente, é constatado nas figuras mal tratantes um desfasamento entre a necessidade da criança e a resposta parental, bem como uma menor capacidade empática da figura de vinculação em relação à criança. Mas não era a questão da adequação / desadequação, nem tão pouco a questão do saudável / patológico, que queríamos colocar, na medida em que o que nos interessava era da ordem da relação entre a vivência e a representação mental dessa vivência, da atribuição de significado, do pensamento.

De qualquer forma, para responder à nossa questão, e como é habitual num trabalho de investigação, começámos por rever o que já foi dito sobre este assunto pelos autores que o estudaram. Evidentemente, não desenvolvemos todas as questões que se colocam na literatura; houve um trabalho de selecção do material e, na sua exposição, houve uma orientação para o nosso objectivo, a qual guiou já a nossa leitura. Nesta selecção, procurámos um facto seleccionado que pudesse dar coesão à exposição teórica e ao pensamento sobre as concepções apresentadas.

Procurávamos, então, compreender qual seria o caminho que vai da experiência vivida à inscrição dessa experiência no aparelho mental do sujeito. Isto é, a dimensão que procurávamos dizia essencialmente respeito ao sujeito e aos seus processos de pensamento, relativamente a esta questão específica que é a vivência de maus tratos. Então, como falar da mesma questão com “novas” palavras?

As “novas” palavras ou, mais exactamente, o novo vértice de observação, é o que, na Psicanálise, nos oferece W. R. Bion, no modelo que desenvolveu. Sem deixar de ter em consideração que o nosso conhecimento é um saber em construção, em constante evolução, tentámos partir das concepções desenvolvidas por Bion para propor um novo olhar sobre a questão dos maus tratos.

Seguimos Bion (1962 / 1991) quando afirma que, perante a experiência real vivida e o impacto emocional que essa experiência provoca, ou seja, perante a experiência emocional, o sujeito tem duas alternativas – acolher a experiência e a emoção ou evitá-las.

Se o sujeito acolhe a experiência emocional, esta pode ser transformada, isto é, através daquilo que o autor denomina de função-alfa, há um processo de atribuição de sentido e de nomeação da experiência. Isto permitirá a construção de símbolos, que conduzem à capacidade de representar mentalmente a experiência vivida e a emoção a ela associada, permitindo o seu enquadramento no sistema simbólico do sujeito, ou seja, no aparelho mental como um todo, entendido como continente. Esta integração vai, portanto, permitir a inscrição do vivido no espaço psíquico, possibilitando a ligação com outras experiências, a transformação e a criação de novos símbolos.

Todo este percurso se processa no seio daquilo que o autor entende por relação continente-conteúdo, ou seja, no seio da comunicação do sujeito com os seus objectos internos. A experiência vivida vai, então, transformar o continente em que se inscreve, continente esse que irá receber novos conteúdos, permitindo que a comunicação se processe com características de vitalidade e de crescimento mental.

Se o sujeito evita a experiência, esta não é acolhida, não encontra lugar em continente, logo, não pode haver transformação. Se continente não se harmoniza com conteúdo e se a função-alfa não opera sobre a experiência emocional, esta não é transformada em elementos psiquicamente manejáveis, ou seja, não é pensada, apenas podendo ser usada no sentido da evacuação, através da identificação projectiva.

Nesta evacuação, o sentido perde-se, não há processo de inscrição e criam-se objectos bizarros que ameaçam o espaço mental do sujeito. Esta fuga impede, pois, o pensamento, reduzindo o contacto do sujeito consigo mesmo e com o outro ao contacto com objectos inanimados; logo, impedindo a comunicação.

Abordámos então a questão da comunicação, inscrita indelévelmente no contexto da relação; na verdade, entendemos que a comunicação não existe sem relação, nem a relação existe sem comunicação, sendo estas dimensões, bem como a dinâmica que se estabelece entre elas, constitutivas do ser e do devir do sujeito. Dado que a forma como entendemos a comunicação se inscreve nas teorias da relação de objecto, tanto uma questão como outra se processam não só entre sujeito e objecto externo, mas também no seio do mundo interno do sujeito.

Neste sentido, conceitos como relação continente-conteúdo, função-alfa, identificação projectiva, barreira de contacto e simbolização, na sua relação com o trabalho do negativo, revelaram-se incontornáveis. A partir deste modelo, procurámos, então, um novo vértice de observação em relação à questão dos maus tratos.

Na nossa perspectiva, podemos pensar a situação de maus tratos como sendo um conteúdo a ser recebido em continente. Perante o adulto com história infantil de maus tratos, poderemos pensar retrospectivamente sobre a forma como esta experiência emocional foi acolhida no período em que foi vivida e que transformações sofreu desde aí na mente do sujeito. Deste modo, vão-lhe sendo atribuídos sentidos, o que vai dando origem à construção de símbolos que representam mentalmente a experiência. Isto significa que a mesma experiência pode ter não só sentidos diferentes para sujeitos diferentes, como também significações diferentes dentro do mesmo sujeito.

Desta forma, a vivência de maus tratos terá um impacto sobre o pensar, ao mesmo tempo que as características do aparelho para pensar os pensamentos do sujeito vão influenciar a forma como este acolhe, transforma e inscreve esta experiência.

O Rorschach surgiu aqui como uma forma de aplicar o modelo construído. Este instrumento, muito trabalhado e com muita literatura que o sustenta, está desenvolvido essencialmente para permitir o diagnóstico e a avaliação de dimensões como a dinâmica pulsional, a representação de si e a representação da relação, no seguimento dos trabalhos da escola francesa, inscritas nas perspectivas psicanalíticas, essencialmente as freudianas e as kleinianas.

Procurámos, portanto, usar o instrumento de uma forma diferente, de modo a que pudesse dar conta das dimensões propostas. O passo seguinte no delineamento da investigação foi, então, estabelecer os procedimentos de análise, a partir do que foi proposto no modelo. A nossa busca dirigiu-se para a compreensão das potencialidades do instrumento para dar conta dos processos de comunicação, de transformação e de simbolização, a operar no psiquismo do sujeito no momento da prova.

Nesta medida, a nossa abordagem ao Rorschach procurou que este reflectisse o percurso trilhado pela experiência emocional no espaço mental do sujeito, desde a experiência real, bem como o impacto emocional que ela provoca (operacionalizada pelo estímulo constituído pelas manchas-Rorschach, as quais remetem para determinadas solicitações latentes) até à sua inscrição propriamente dita no sistema mental do sujeito (operacionalizada pela formulação da resposta-Rorschach enquanto resultado de um processo interno). Ou seja, a forma como o sujeito dá sentido à situação-Rorschach e a forma como esse sentido se vai transformando, unindo-se a novos significados, que vão sendo construídos na dinâmica da relação continente-conteúdo.

Deste modo, procurámos compreender como é que a experiência é acolhida pela mente do sujeito, que símbolos serão construídos para representar a experiência, que representações e emoções se conjugam nestes símbolos, como é que os símbolos se integram no sistema simbólico do sujeito como um todo, como são transformados e como transformam o aparelho mental que os produziu.

A análise de um protocolo utilizando estes procedimentos de análise é uma forma de ilustrar uma utilização diversa do instrumento, tendo em conta o modelo proposto.

Tendo presente que todos os trabalhos são limitados, esperamos que este trabalho contribua para um conjunto de estudos que têm vindo a ser elaborados nesta linha de investigação. E, claro, partimos com a expectativa de que este trabalho de investigação – sempre um esboço, um ensaio... – contribua para o nosso crescimento interno, pessoal e profissionalmente, porque ambas as dimensões estão ligadas na forma como entendemos e vivemos esta profissão.

II. MAUS TRATOS INFANTIS

«O tempo a aumentar o meu medo. No dia seguinte, o sol foi negro, as vozes das crianças foram negras. A tempestade ergueu-se lentamente da terra. As nuvens caminharam lentamente no céu, afastando-se, como se partissem de cabeça baixa. No dia seguinte, depois de tudo, o pânico lento e seguro. Estava ainda mais sozinho. Estava completamente só. (...) Eu estava rasgado por dentro. Eu estava rasgado onde existia dentro de mim.»

José Luís Peixoto, *Uma casa na escuridão* (p. 147)

Os maus tratos são uma realidade que atinge um número impressionante de crianças³, deixando marcas inegáveis no psiquismo das crianças que os sofrem, deixando-as rasgadas dentro de si mesmas, para parafrasear Peixoto. Neste trabalho, vamos procurar compreender como é que, a partir da experiência real vivida, esta situação é integrada no psiquismo do sujeito que a vive, ou seja, a forma como o sujeito pensa uma experiência desta ordem.

Deste modo, propomos que a vivência na infância de uma situação de maus tratos continuados influencia a estruturação do aparelho mental do adulto consoante o modo como o sujeito deu significado, elaborou, pensou a experiência vivida. Como não poderia deixar de ser, sendo o psiquismo algo tão complexo como é, esta influência estende-se a aspectos diversos do funcionamento psíquico. O que nos irá interessar, então, será olhar para o funcionamento psíquico de determinado ponto de vista, a saber, a questão da comunicação, entendida como um processo que decorre no interior do sujeito, isto é, a comunicação do sujeito com os seus objectos internos. Realçamos que, nesta ordem de ideias, não procuramos eleger como objecto de estudo os maus tratos infantis em si mesmos, mas mais exactamente a forma como o sujeito integra na sua vida psíquica e dá significado à experiência vivida e de que forma essa integração / significação irá influenciar o modo como o processo de comunicação decorre no seio do mundo interno do sujeito.

³ Segundo Dayan (2004), em França, foram registadas, no ano de 1995, 7000 vítimas de violência física, 7500 vítimas de negligência grave e maus tratos emocionais e 5500 vítimas de abusos sexuais.

Vamos começar por definir o que se entende por maus tratos, procurando em seguida fazer uma revisão bibliográfica que, conjugada com conceitos da teoria psicanalítica, permitirá delinear o modelo a partir do qual analisaremos a questão a que pretendemos dar resposta(s).

Definição do conceito

A maior parte dos autores (Figueiredo, 1998; Martinet, 2000; Pearce & Pezzot-Pearce, 1997; Rouyer & Drouet, 1986; Steele, 1994; Dayan, 2004) distinguem vários tipos de maus tratos, nomeadamente, maus tratos físicos, maus tratos emocionais, negligência e abuso sexual. No entanto, realçam que a distinção entre os vários tipos é essencialmente académica, visto que, com grande frequência, dois ou mais tipos de maus tratos ocorrem na mesma família simultaneamente.

Os maus tratos físicos caracterizam-se por violências físicas de qualquer género exercidas sobre a criança, desde murros, queimaduras, entre outras.

Em relação aos maus tratos emocionais, trata-se de proibições acompanhadas por ameaças, provocando na criança o medo, a culpabilidade, o terror de ser abandonado ou destruído. A chantagem afectiva surge neste quadro e a palavra é portadora de uma desvalorização constante, atingindo a criança e, sobretudo, o adolescente na sua identidade sexual e no sentimento de auto-estima. A rejeição, a desvalorização, o encarceramento, a exploração da criança, colocando-a em situações das quais se retira proveito próprio, enquadram-se também neste tipo.

Os maus tratos emocionais são indissociáveis dos abusos físicos ou substituem-nos quando a criança cresce e escapa em parte ao controlo físico dos pais. É corrente observar o desaparecimento dos abusos físicos e a sua substituição por ameaças aterrorizadoras, um discurso desvalorizante, punições humilhantes.

A negligência é descrita como a não satisfação das necessidades básicas da criança – esta não é adequadamente alimentada e vestida, não há condições mínimas de higiene ou assistência médica, estando também ausentes as trocas afectivas e a estimulação sensorial.

Finalmente, o abuso sexual é descrito como qualquer tipo de aproximação de tipo erótico entre uma criança e um adulto, ou seja, a participação, directa ou por observação, da criança em actividades sexuais que não está em condições de compreender. Este é um tipo de maus tratos muito específico, que geralmente é estudado à parte dos outros.

Resumindo, consideramos situação de maus tratos aquela em que, de formas diferentes, a criança é atingida na sua integridade física e psicológica, havendo uma notória incapacidade por parte dos pais para detectar as necessidades da criança e/ou para as suprir, colocando, pelo contrário, as suas próprias necessidades acima das necessidades da criança. Estabelece-se, portanto, uma relação com contornos específicos, que vai ser a base a partir da qual o sujeito vítima de maus tratos vai construir a sua forma idiossincrática de comunicar consigo próprio e com o outro.

Factores desencadeadores da situação de maus tratos

Seguindo as ideias de Bohec, Suard e Monperrus (1990) e Bayle (2000), pensamos, portanto, a situação de maus tratos como um padrão de comunicação que se cria entre pais mal tratantes e criança mal tratada. Neste sentido, a dinâmica relacional que se constrói é fundamental para compreendermos quais são os conteúdos desta comunicação e de que forma são comunicados.

Portanto, os maus tratos não são considerados aqui apenas como uma conduta agida, como um comportamento externo, ao contrário do que acontece em muitos dos trabalhos sobre o tema. De facto, podemos pensar que a violência, nestas famílias, é a forma como se expressam os afectos que ligam os vários membros da família. Há mensagens que são transmitidas através da passagem ao acto, que irão, de algum modo, ser captadas e descodificadas pela criança. Num conjunto alargado de mensagens transmitidas no contexto da relação pais - criança, os maus tratos irão ser mais um conteúdo dessa comunicação.

Ao recorrer à literatura sobre o tema, verificamos que os maus tratos são uma questão que é frequentemente abordada tendo em conta aquilo que os autores consideram ser os factores causais que conduzem a esta situação, bem como as características da dinâmica relacional que se estabelece entre pais mal tratantes e criança mal tratada, as quais talvez nos possam permitir pensar os conteúdos do que é comunicado.

Quando se referem a situações de maus tratos, os autores (Rouyer & Drouet, 1986; Criville, 1987; Bohec, Suard & Monperrus, 1990; Novick & Novick, 1994; Steele, 1987 e 1994) centram-se na dinâmica psicológica e entendem esta situação como um sintoma de disfunção familiar, que contribui para a manutenção de um equilíbrio patológico, uma homeostase que liga estreitamente todos os membros da família. A violência toma, então, forma de uma comunicação falhada, impossível, entre os membros da família.

Assim, são vários os aspectos que são trabalhados. Um grupo de investigações (Perelberg, 1999; Fonagy & Target, 1999) foca as características dos pais mal tratantes, nomeadamente a confusão entre o acto e a fantasia, a utilização excessiva de identificação projectiva, a dificuldade em pensar, as dificuldades de separação sujeito - objecto.

Outros autores (Rouyer e Drouet, 1986; Motz, 2001) centram-se no acto violento em si mesmo, defendendo que este dá conta de uma indisponibilidade psíquica das figuras parentais e de uma relação abusiva entre pais e criança, na qual esta se torna o receptáculo das projecções dos pais.

Finalmente, encontramos ainda um conjunto de estudos que se debruça sobre o estabelecimento da relação de vinculação. Seguindo as ideias de Steele (1987; 1994), nas situações de maus tratos, existem dificuldades graves ao nível de vinculação da mãe em relação ao seu bebé, que vão provocar distorções na relação precoce, afectando a capacidade empática da mãe para com os estados e necessidades do seu bebé. O autor considera, então, estas situações como patologias da vinculação, compreendendo os maus tratos na sua ligação com o estabelecimento da relação de vinculação e, conseqüentemente, com todos os factores que influenciam esse processo.

Qualquer um destes aspectos vai contribuir para que um determinado tipo de comunicação seja estabelecido, criando uma dinâmica relacional própria, da qual salientaremos em seguida alguns aspectos que nos parecem os mais relevantes para o nosso tema.

Dinâmica relacional e maus tratos

O padrão comunicativo que se estabelece entre os pais e a criança vai ser construído a partir da interacção em diferentes momentos e daquilo que é comunicado em cada momento, em que determinadas características, como sejam a regularidade, a constância, a previsibilidade, têm o seu papel. Nessa interacção, estabelecem-se rituais e padrões que o bebé rapidamente aprende a reconhecer e cujo significado é partilhado (Brinich, 1982).

Se recorrermos a Stern (1985 / 1998), a sintonização da mãe em relação ao comportamento da criança vai ser um instrumento poderoso nesta construção do padrão comunicacional. De facto, a mãe apenas vai «sintonizar-se» com determinados comportamentos do bebé; ou seja, a mãe só tem capacidade de resposta para determinados estímulos, criando aquilo que o autor denomina sintonia selectiva (*selective attunement*)⁴.

Da mesma forma, os momentos em que a mãe responde “ao lado”, digamos assim, daquilo que a criança procura transmitir, isto é, quando a criança procura transmitir uma mensagem, mas a mãe responde como se o que a criança procurasse transmitir fosse outra coisa, contribuem também para a construção deste padrão comunicativo.

⁴ Stern distingue o processo de sintonia (*attunement*) da empatia, a qual, pensamos nós, está ligada à identificação projectiva: «(...) while affect attunement, like empathy, starts with an emotional resonance, it does something different with it. Attunement takes the experience of emotional resonance and automatically recasts that experience into another form of expression. Attunement thus need not proceed towards empathic knowledge or response. Attunement is a distinct form of affective transaction in its own right.» (Stern, op. cit., p. 145)

Isto porque o poder comunicativo desta selectividade é enorme, porque, de facto, é desta forma que a mãe demonstra ao seu bebé o que é que é permitido, aceitável, compreensível para ela, ao mesmo tempo que afasta todo o conjunto de experiências proibidas, inaceitáveis, incompreensíveis, o que inclui preferências, graus de intensidade das experiências afectivas e mesmo tipos de experiências afectivas. Para esta exclusão acontecer, não é necessário existir uma crítica ou uma censura directas, mas apenas uma não partilha de determinados estados internos.

Da mesma forma, micro-falhas na sintonia (nas palavras de Stern, *misattunement*) vão contribuir para a criação deste padrão comunicativo. Uma falha na sintonia encontra-se num ponto central entre dois extremos – ou seja, entre os momentos de sintonia e os momentos em que a mãe responde “ao lado”, digamos assim, da comunicação da criança. Esta «des-sintonia» aproxima-se de uma sintonia, mas fica aquém dela, na medida em que não procura uma comunhão, uma partilha de uma experiência, mas sim a alteração do comportamento ou da experiência da criança.⁵

Ora, vemos como, neste processo subtil de alteração da experiência emocional da criança, passam as fantasias da mãe em relação à criança, funcionando o processo de identificação projectiva. Esta alteração vai ser vivida pela criança, quer como uma comunicação de que determinados graus de intensidade das experiências são proibidos ou não partilháveis, quer como, na sua forma mais extrema, um roubo da experiência emocional, na medida em que a mãe, ao alterar a experiência da criança, pode fazê-lo de tal forma que esta fica distorcida, a ponto da criança não a reconhecer. Fica apenas um sentimento de roubo subjectivo – ou seja, há algo que perde sentido, que não é nomeável, nem transformável.

Desta forma, a mãe, através de identificações projectivas mais ou menos subtis, transmite à criança não só a mensagem de que deve comportar-se de acordo com as suas projecções, mas também aquilo que é permitido, aceitável, partilhável no padrão comunicativo da díade, bem como aquilo que é proibido, inaceitável, sem sentido, não manejável.

⁵ Nas palavras do autor: «“Successful” misattunements must feel as though the mother has somehow slipped inside of the infant subjectively and set up the illusion of sharing, but not the actual sense of sharing. She has appeared to get into the infant’s experience but has ended up somewhere else, a little way off. The infant sometimes moves to where she is, to close the gap and establish (or re-establish) a good match. The misattunement then has been successful in altering the infant’s behaviour and experience in the direction the mother wanted.» (Stern, op. cit., pp. 213)

Segundo os estudos sobre o comportamento interactivo das figuras de vinculação mal tratantes (Kreiser, 1985; Rouyer & Drouet, 1986; Steele, 1994), a irregularidade e a imprevisibilidade são características patentes – por vezes, a resposta da figura de vinculação em relação à criança é adequada, enquanto que, noutras circunstâncias, é extremamente inadequada, quer pela rejeição e negligência, quer pela intrusividade. As crianças são confrontadas com uma dupla imagem dos seus pais, imagem tanto positiva e afectuosa, como brutalmente aterrorizadora, perigosa e aleatória.

Numa revisão de literatura relativa ao comportamento de vinculação em crianças mal tratadas e as suas mães, Figueiredo (1998) salientou que, comparativamente com mães não abusivas, as mães abusivas iniciam mais raramente a interacção com a criança, ignorando-a mais frequentemente, recorrendo com maior frequência à agressão verbal e dando-lhe menos oportunidades de interacção verbal. A compreensão das necessidades de bem estar e protecção da criança é, portanto, muito limitada. De facto, é de realçar que, segundo a mesma autora, os pais mal tratantes são menos eficazes em responder às expressões emocionais da criança.

Frequentemente, as mães mal tratantes têm um comportamento intrusivo, são excessivamente controladoras e punitivas, comunicam frequentemente hostilidade e são encoberta ou abertamente rejeitantes, exercendo a autoridade com gritos, humilhações e ameaças. Assim, encontra-se um padrão de hostilidade encoberta, consistindo em acções intrusivas e interferentes com os objectivos e/ou necessidades da criança. Um outro padrão frequentemente encontrado nestes estudos é aquele em que a mãe exhibe uma expressão neutra e de desligamento, sub-estimulando o seu bebé.

Por seu lado, ainda de acordo com a mesma autora, as crianças mal tratadas expressam frequentemente afectos negativos em relação à mãe, evitando a interacção com ela; assim, raramente iniciam a interacção, evitam a proximidade física com a mãe, inclusivamente evitando o contacto ocular. Encontra-se também com muita frequência um padrão de obediência compulsiva, em que a criança aparentemente se submete às directrizes da mãe. Tais relações patológicas são descritas por Novick e Novick (1994) como sado-masoquistas, sendo as questões do poder e da submissão centrais na relação.

Suportando esta ideia estão os estudos sobre a vinculação da criança mal tratada, que unanimemente afirmam que esta, em comparação com a criança que não sofre maus tratos, tem mais frequentemente um padrão de vinculação inseguro, quer evitante, quer resistente-ambivalente (Aber & Allen, 1987; Mrazek, 1993; Skuse & Bentovim, 1994; Rogosch, Cicchetti, Shields & Toth, 1995; Pearce & Pezzot-Pearce, 1997; Figueiredo, 1998).

De facto, parece que, tal como defende Galdston (1981), a criança permanece vinculada à mãe mal tratante, porque disso depende a sua sobrevivência, mas mantém com ela uma relação extremamente ambivalente, impossibilitada de desenvolver um sentimento de confiança básica. Partindo destes estudos, podemos pensar que, na comunicação entre mãe e criança, é passada a mensagem de que a interacção e a relação são, em geral, fonte de mal estar e frustração e não de gratificação, sendo mesmo inclusivamente situações de perigo. A relação pode, então, ser entendida pela criança como uma situação de vulnerabilidade face aos ataques que podem vir do outro. Nestas díades, passa a mensagem de que as emoções devem ser desvalorizadas e podem mesmo ser perigosas. Paradoxalmente, a comunicação estabelece-se para ser rompida, a relação é mantida para ser constantemente evitada.

De acordo com os autores (Kreidler, 1985; Rouyer & Drouet, 1986; Criville, 1987; Steele, 1994; Motz, 2001), podemos dizer que o jogo de projecções é complexo – num movimento regressivo, o pai mal tratante identifica-se com o filho, vítima, e, simultaneamente, com o agressor, podendo ser a figura materna ou a figura paterna, ou ambas, identificando-se ainda com a mãe negligente, não protectora.

Em termos de padrão comunicacional, isto pode significar que a criança vai interiorizar uma relação imprevisível, em que a resposta do outro à sua comunicação é aleatória, o que deixa a criança numa situação de desamparo e desconfiança básica. Ao mesmo tempo, a intensidade da identificação projectiva pode levar-nos a colocar a hipótese de que um dos conteúdos comunicados através dos maus tratos é a ausência de um lugar para aquela criança na mente dos pais. Por outro lado, vemos como a violência e a hostilidade são formas de comunicação que, nestas díades, ganham supremacia em relação a outras formas possíveis, comunicando o ódio, a angústia, as dificuldades internas.

Nesta linha de pensamento, Motz (2001) defende que a parentalidade pode tornar-se uma forma de compensação de violências sofridas, assim como de vingança pelos maus tratos e humilhações, isto é, uma esfera de autoridade, poder e controlo. Os maus tratos podem ser, então, uma passagem ao acto de experiências não digeridas, não pensadas. Neste sentido, o bebé reactiva memórias de desejos e necessidades frustradas e de raiva infantil da própria mãe, despoletando uma dor mental que não é pensada, mas evacuada através da passagem ao acto.

No entanto, estas abordagens à situação de maus tratos não nos esclarecem relativamente ao impacto que esta situação tem na criança. De facto, parece-nos que os mesmos efeitos não se produzem em todas as crianças mal tratadas, o que, aliás, é amplamente suportado pela literatura que procura estabelecer os efeitos a curto (e.g. Pearce & Pezzot-Pearce, 1997) e a longo prazo (e.g. Steele, 1987) dos maus tratos. Da mesma forma, Rouyer e Drouet (1986) verificam que as perturbações psicológicas que a criança apresenta não estão em proporção directa com a gravidade das sevícias físicas que sofre.

Iremos abordar esta questão após analisarmos os estudos que, na literatura, se centram especificamente sobre a questão da comunicação na relação entre pais mal tratantes e criança mal tratada.

Maus tratos e comunicação

Na literatura, alguns estudos (Coppolillo, 1982; Kempe, 1987; Kreisler, 1985; Pearce & Pezzot-Pearce, 1997) mostram que a comunicação sofre rupturas com grande facilidade nas díades mãe mal tratante e criança mal tratada, ou seja, a comunicação é interrompida com muita frequência e mesmo evitada, quer pela mãe, quer pela criança. Assim, a comunicação nestas díades tende a ser inadequada em relação à idade da criança, contendo características salientadas pelos autores, como a depressividade, a ambivalência, a labilidade e mesmo a hostilidade.

A não adequação do estilo comunicacional das mães mal tratantes, salientada pelos autores, vai conduzir a diversas dificuldades ao nível da linguagem e da comunicação, nomeadamente, atrasos no desenvolvimento sintáctico e da comunicação funcional e na expansão do vocabulário (Skuse & Bentovim, 1994; Pearce & Pezzot-Pearce, 1997). Pearce & Pezzot-Pearce (1997) destacam que, nestas crianças, o atraso na linguagem é, sobretudo, patente ao nível do discurso que diz respeito aos estados internos afectivos, ou seja, à verbalização dos próprios afectos.

Helfer (1987) e Dayan (2004) falam de uma insensibilização dos sentidos ou desprendimento – a criança aprende, com os maus tratos, que é mais seguro não ouvir, não ver, não falar, não sentir. Isto vai provocar uma limitação grande na capacidade de comunicação da criança com o exterior e, provavelmente, com ela mesma. De facto, pensamos que, por vezes, para a criança vítima de maus tratos, fechar-se ao exterior e, inevitavelmente, ao interior, parece ser a única forma de defesa contra o perigo que sente que pode vir do outro.

Straus e Rouyer (1982) salientam igualmente um atraso global na aquisição da linguagem – adesão do discurso ao concreto, ausência de referência ao passado, impossibilidade de antecipação. Da mesma forma, o desenho e o jogo são estereotipados, o que leva estes autores a concluir que a imaginação destas crianças é pobre e as dificuldades na simbolização patentes.

Quando os autores (Steele, 1987; Helfer, 1987; Kempe, 1987; Levine, 1994; Motz, 2001) se debruçam sobre os adultos que sofreram maus tratos na infância, é salientada a dificuldade destes sujeitos em confiar no outro, manifestando uma atitude pseudo-paranóide e um enorme medo da relação de intimidade – estes sujeitos temem ser anulados ou destruídos pelo outro.

No entanto, como já foi referido, as consequências dos maus tratos não são as mesmas para todas as pessoas que os sofreram e essa diferença vai depender de inúmeros factores: relativos aos maus tratos (frequência, duração, gravidade, uso da força, co-ocorrência de outros tipos de maus tratos); factores individuais da criança (idade, sexo, inteligência e competências cognitivas); factores familiares (relação entre a criança e os pais, dinâmica familiar, psicopatologia dos pais, relação conjugal); factores ambientais (eventual processo psicoterapêutico; rede social; envolvimento da justiça) (Mrázek, 1993; Pearce & Pezzot-Pearce, 1997).

Muitos factores entrarão, então, em linha de conta para explicar esta discrepância, nomeadamente factores externos como os que são apontados pelos autores citados. Para além destes, parece-nos também importante salientar factores internos como o modo como a criança recebe esta comunicação agida de tal forma e o modo como a transforma e lhe dá significado.

O padrão comunicacional construído no seio da dinâmica relacional que se cria, conjuntamente com o significado que lhe é atribuído, vão permanecer como um padrão interno, que determinará a forma como o sujeito irá comunicar consigo próprio e com os seus objectos internos. Entendemos, portanto, que o padrão comunicacional que é construído entre a criança e os pais vai ter particularidades que nos interessa analisar, sobretudo para compreender como é que esta situação vai ser integrada no psiquismo do sujeito que a vive e que tipo de significação e/ou transformação irá sofrer.

De acordo com a literatura, podemos, portanto, dizer que, entre pais mal tratantes e criança mal tratada, há uma comunicação em que a identificação projectiva patológica ou excessiva ocupa o lugar da identificação projectiva normal, devido às dificuldades de pensamento, que criam obstáculos ao desempenho normal da função parental. Neste sentido, há uma dificuldade em pensar aquela criança e as suas necessidades, aspecto que aparece na literatura quando os autores remetem para a indisponibilidade das figuras parentais ou para a patologia da vinculação.

A relação estabelecida passa não pelas respostas emocionais, na medida em que não há espaço para estas serem acolhidas, transformadas e pensadas, mas pelo poder, isto é, pela obediência ou pela revolta a esse domínio.

Assim, o padrão comunicacional estabelecido assenta em características que nos parecem relevantes, como a irregularidade, a imprevisibilidade, a aleatoriedade, que nos parece sintoma de uma dificuldade em manejar a distância e a proximidade: o contacto com o objecto é demasiado intrusivo ou, pelo contrário, é insuficiente, negligente, rejeitante. Encontramos, pois, uma oscilação entre uma interferência demasiado grande e um desligamento total, que impede a construção de um sentimento de confiança básica.

Há, desta forma, uma desconfiança permanente em relação ao que vem do objecto e ao que vem do mundo; ligar-se é estar em perigo, demasiado vulnerável, mas não se ligar é insuportável, porque equivale ao bloqueio e, no limite, à morte psíquica.

Este dilema difícil de ultrapassar coloca o sujeito numa fronteira impossível entre a proximidade e a distância, entre a ligação e a não ligação.

Nos estudos apresentados, a comunicação é entendida como as transacções que ocorrem entre a criança e os pais. Como complemento a esta perspectiva, no nosso trabalho, procuramos pensar a comunicação como um processo que ocorre no interior do sujeito, ligado com os processos de simbolização e pensamento. Deste modo, podemos compreender os maus tratos como um conteúdo que a criança recebe e que irá acolher, pensar e transformar de acordo com o aparelho de pensar os pensamentos, ou seja, o continente, que tem à sua disposição. A nossa questão seria, portanto, compreender o percurso que vai desde a vivência da experiência real de maus tratos até à sua inscrição no espaço psíquico do sujeito que a viveu.

Recorreremos, para tal, à teorização de W. Bion (1962 / 1991; 1963 / 1989). Segundo o autor, a função-alfa ($-\alpha$) é uma função da personalidade que torna a experiência emocional compreensível e a dota de sentido, permitindo que aquela seja armazenada em traços mnésicos, para ser utilizada nos sonhos e no pensamento. Assim, a função- α actua sobre os dados sensoriais, transformando-os em elementos psíquicos, ou seja, elementos com os quais a mente pode trabalhar e sobre os quais pode pensar.

Neste sentido, esta função da personalidade, combinação dos processos primário e secundário, age sobre os elementos-beta ($-\beta$), elementos estes que são impensáveis, transformando-os. Deste modo, os elementos- β são impressões desprovidas de sentido, sendo experienciados como coisas em si mesmas, ou seja, corpos estranhos à mente, e não como elementos psíquicos. Ao agir sobre estes elementos não-verbalizáveis e não-pensáveis, a função- α transforma os elementos- β em elementos- α .

Será precisamente recorrendo a esta teorização que iremos procurar construir uma nova abordagem para olhar para a situação dos maus tratos. De acordo com a nossa perspectiva, a questão da comunicação joga-se na relação, sendo mesmo indissociável do padrão relacional que se cria, enquanto dimensão constitutiva do mundo interno do sujeito.

Com esse objectivo, iremos agora abordar os conceitos contidos no modelo, explicitando-os, para em seguida proceder à sua aplicação à situação dos maus tratos infantis.

III. A COMUNICAÇÃO À LUZ DA RELAÇÃO ♀ ♂

«Não jogues com as palavras, por favor, tu tens essa habilidade, mas eu não, não a herdaste de mim, Alguma coisa nossa terá de ser de lavra própria, em todo o caso, isso a que chamou jogar com as palavras é simplesmente um modo de as tornar mais visíveis, Pois então a essas podes voltar a tapá-las, não me interessam.»

José Saramago, *A Caverna* (p. 190)

Do que foi dito anteriormente, decorre que há, na situação que agora nos ocupa, isto é, os maus tratos infantis, um padrão de comunicação com algumas características particulares: a utilização da identificação projectiva excessiva; a dificuldade em acolher a emoção no aparelho mental e, conseqüentemente, transformá-la; o sentimento de desconfiança básica; o conflito entre proximidade e distância, ligação e não ligação. Esse padrão de comunicação, estabelecido entre a criança e os pais aquando da experiência infantil e vivido pela criança de uma forma singular, tem como destino ser interiorizado por ela, a qual, enquanto pessoa adulta, pode continuar a utilizá-lo, com maiores ou menores modificações, para comunicar no seio do seu mundo interno.

Neste capítulo, vamos, então, procurar compreender como se processa esta comunicação, à luz do modelo bioniano, que passaremos a explicitar. Para o fazer, vamos começar por clarificar a forma como o autor teoriza as transacções emocionais que acontecem entre a mãe e a criança. De facto, este é o exemplo que o próprio autor escolhe para ilustrar o que entende por relação continente-conteúdo (♀ ♂), a qual é concebida como um processo interno, isto é, que acontece não só entre sujeito e objecto externo, mas também no interior do sujeito, entre este e os seus objectos internos.

Segundo o autor, é no seio da relação ♀♂ que a experiência emocional é manejada, ou seja, o destino da experiência emocional na mente do sujeito vai depender da forma como esta mente foi, até ao momento, construída e, conseqüentemente, dos recursos que tem ao seu dispor.

Estes recursos estão dependentes de determinadas funções psíquicas, que remetem para conceitos, que iremos apresentar – a função- α , a identificação projectiva, o funcionamento da barreira de contacto, a capacidade negativa e a simbolização. Deste modo, a comunicação pode processar-se no contexto da relação ♀♂ de formas muito diversas.

A explicitação do modelo tenta estar direccionada para a sua aplicação a uma situação concreta, sendo este o objectivo a que nos propomos com este trabalho. Assim, procuraremos apresentar o modelo tendo em mente a sua aplicação ao funcionamento mental de pessoas adultas que, na infância, sofreram situações de maus tratos. No fundo, como é que o sujeito se apropria de uma experiência emocional deste tipo, que sentido lhe atribui, que símbolos constrói a partir dessa significação, como é que o sujeito pensa o que viveu no passado?

Esta será, então, a exploração que faremos no capítulo seguinte. Passamos agora à apresentação do modelo e à explanação dos conceitos que nele estão contidos.

Da comunicação do sujeito com o outro à comunicação do sujeito consigo próprio

Efectivamente, a comunicação humana é um processo complexo, que passa não só pela linguagem, mas também por toda uma panóplia de aspectos não verbais, e mesmo inconscientes. Podemos admitir que comunicação humana diz respeito a todo e qualquer acto humano, verbal ou não verbal, no qual haja uma intenção, consciente ou inconsciente, de transmitir uma mensagem a outra pessoa. Esta mensagem pode ter teores muito diversificados, tal como o meio utilizado para a transmitir pode assumir mil e uma formas diferentes.

A comunicação implica, então, um processo em que duas ou mais pessoas participam: Por seu lado, participação implica um certo grau de identificação que permite a realização de uma actividade em comum com alguém. Finalmente, o termo processo significa mudança, transformação numa determinada direcção.

Portanto, quando há comunicação, há um grau de comunhão entre as duas pessoas, comunhão essa que é produto de uma mudança e é propiciadora de novas mudanças (Lieberman, 1981).

Utilizando os conceitos de Bion, poderíamos dizer que, na relação, se organizam, então, conjunções constantes⁶ (Bion, 1965 / 1991), em que os padrões comunicativos de duas pessoas se encontram para formar um terceiro padrão comunicativo, desta feita num clima relacional, que não é de um, nem de outro, mas um terceiro que se formou⁷.

Neste contexto, o modelo ♀♂ (Bion, 1962 / 1991; 1963 / 1989), como paradigma da relação do sujeito com o outro e paradigma também da forma como o pensamento ocorre no interior do sujeito, permite-nos compreender a forma como essa comunicação se processa.

Assim, há algo que é insuportável para o sujeito, quer seja dor, desconforto provocado pela fome, angústia, medo, excitação ou euforia; insuportável porque desprovido de sentido, porque o bebé não tem em si os instrumentos necessários, isto é, um aparelho de pensar os pensamentos que lhe permita lidar com a experiência emocional, qualquer que ela seja.

A partir desse momento, todo o processo comunicativo se desenrola - há um apelo, um apelo a um outro que exerça essa função pelo bebé. Quando a mãe capta esse apelo, vai, através da sua função- α , funcionar como ♀ para o ♂ que é a experiência emocional do bebé. Aqui, a mãe, utilizando a sua função continente, vai exercer a sua capacidade de *rêverie*, enquanto capacidade que faz parte da função- α , desintoxicando os conteúdos recebidos.

⁶ A conjunção constante é, para o autor, a observação de que vários elementos surgem ligados, formando um conjunto ao qual é atribuído um sentido, sentido esse que é particular a cada sujeito. «The constant conjunction is a function of consciousness in the observer. The observer feels that it is a necessity for him that the conjunction should have a meaning for him» (pp. 73). A conjunção constante implica então o estabelecimento de uma ligação que permite a atribuição de sentido.

⁷ Podemos associar esta ideia ao conceito de terceiro analítico, desenvolvido por Thomas Ogden (e.g. Ogden, 1997).

Efectivamente, quando essa experiência, assim partilhada entre mãe e bebé, é recebida no psiquismo da mãe, sofre uma transformação. Isto porque a mãe vai lidar com esta experiência emocional utilizando os recursos internos ou as funções psíquicas, vale dizer, o aparelho de pensar os pensamentos, que fazem parte do seu psiquismo, desintoxicando a experiência emocional do que ela possa ter de aterrorizador, ameaçador, persecutório, para o bebé, devolvendo esta experiência já desintoxicada.

Nesta linha e também de acordo com Bollas (1987; 1995), pensamos que se cria uma estética do discurso, própria daquele par; o outro é conhecido como um objecto, mas essencialmente como um processo de transformação, quer no sentido progrediente, quer no sentido regrediente, suportado pela relação $\varphi\sigma^1$, na qual entendemos processar-se a comunicação.

A partir da experiência precoce de ser acolhido pela função materna e de ver os seus conteúdos transformados, constitui-se no interior do sujeito a função- α , que irá dar origem ao pensamento, suportado pela dinâmica $\varphi\sigma^1$, desta feita ocorrendo no interior do sujeito, num processo dialéctico de comunicação entre o sujeito e os seus objectos internos.

A comunicação é, então, por nós entendida como um processo que ocorre no seio do funcionamento mental do sujeito e será a este nível que irá ser abordado.

Neste sentido, é no contexto da relação $\varphi\sigma^1$, e nunca fora dele, que acreditamos poder pensar a questão da comunicação, enquanto processo que opera no interior do sujeito. De facto, pensamos que comunicação é indissociável de relação, enquanto dimensão constitutiva do eu. O devir e o ser do sujeito estará, então, intrinsecamente ligado, segundo a nossa perspectiva, com a dimensão relacional e, conseqüentemente, comunicacional, na medida em que entendemos esta como decorrendo daquela.

Deste modo, seguindo as propostas de Bion (1962 / 1991), partimos da experiência real vivida pelo sujeito, a qual provoca no sujeito que a vive um impacto emocional. Será, pois, a emoção, conjugada com a experiência real, que constitui a experiência emocional no sentido que Bion a entende, experiência emocional essa que será um elemento- β , vivido pela mente como uma coisa em si. Ora, perante a experiência emocional, o sujeito tem duas opções – ou escolhe acolher a experiência ou escolhe evitá-la. A partir desta escolha, dois caminhos distintos se traçam.

Se o sujeito acolhe a experiência emocional no seu espaço psíquico, sobre a experiência real conjugada com a emoção vai operar a função- α , transformando os elementos- β em elementos- α . Isto é, vai ocorrer um processo de atribuição de sentido, em que o sujeito dá um nome à experiência e transforma os elementos vindos da realidade em elementos psíquicos propriamente ditos, que podem ser armazenados sob a forma de traços mnésicos e que, por essa mesma razão, poderão então fazer parte da cadeia onírica, que é, para Bion, a primeira forma de pensamento.

A transformação de β em α vai permitir, portanto, a construção de símbolos que representem mentalmente a experiência. Usando a formulação de Amaral Dias (1998), temos, então, um facto, isto é, aquilo que aconteceu na realidade, e temos a contrapartida representacional, ou seja, a sua representação na realidade psíquica. O símbolo será, portanto, um continente para um significado, para os sentidos que são dados no espaço psíquico à vivência e à emoção conjugadas, ou seja, à experiência emocional.

Neste momento, a experiência pode ser enquadrada no sistema simbólico, ou seja, no aparelho mental como um todo, entendido como um \varnothing que recebe σ^1 , o que irá permitir a inscrição do vivido no espaço psíquico, tornando a experiência emocional, ou mais exactamente, a sua contrapartida simbólica, num elemento psíquico que interage com outros elementos. Aí, a sua transformação é possível, na medida em que o símbolo não é mais um elemento isolado, mas parte de um sistema dinâmico, que se modifica. E, se assim é, a transformação de um elemento implica a modificação do sistema como um todo e a modificação do sistema implica a transformação de cada elemento em particular (Amaral Dias, 2004).

Assim, a experiência vivida vai transformar o continente onde se inscreve, fazendo com que o acolhimento de novos conteúdos se processe de forma ligeiramente diferente ao que se processava antes da escolha inicial feita pelo sujeito.

Pelo contrário, quando o sujeito evita a experiência real e o seu impacto emocional, a experiência fica desprovida de sentido, porque não há possibilidade de transformar β em α . Sem este primeiro passo no processo do pensar, não há possibilidade de inscrever a experiência no aparelho psíquico e esta fica como um elemento- β , apenas podendo ser evacuado através da identificação projectiva, movimento esse que pode dar origem à constituição de objectos bizarros que ameaçam a mente.

Evitar a experiência é, para Bion, atacar a função- α , enquanto possibilidade de dotar a realidade de sentido e de a transformar. Ora, isto irá impedir a comunicação, reduzindo o contacto do sujeito consigo mesmo e com o outro a uma comunicação com objectos inanimados.

A comunicação joga-se então nestes dois caminhos. Se o sujeito segue o caminho do pensar é da elaboração da experiência, a comunicação, enquanto processo interno a ocorrer na mente do sujeito, faz-se no sentido da vitalidade, do crescimento e da expansão mental. Aqui, o sujeito vivo estabelece uma comunicação viva e dinâmica com um objecto que não está morto, que vive, modifica-se e transforma o espaço mental que o acolhe. Se o sujeito segue o caminho da evacuação, a comunicação fica reduzida ao contacto que pode ser estabelecido entre um sujeito e objectos mortos, inanimados, estáticos, em que o *establishment* se mantém a todo o custo, sem qualquer transformação.

Portanto, isto implica que a comunicação se processe modelada por determinadas funções psíquicas, como sejam, a função- α , enquanto função transformadora, a capacidade negativa, a utilização da identificação projectiva, o funcionamento da barreira de contacto.

Comunicação e identificação projectiva

O conceito de comunicação põe, então, em jogo o da identificação projectiva, conceito indispensável para a compreensão do processo da comunicação humana, colocando em jogo os níveis comunicacionais e anticomunicativos, a significação e a não-significação (Amaral Dias, 1994). Igualmente, põe em jogo a emergência do verbal, enquanto ferramenta indispensável para a resignificação e transformação das experiências emocionais vividas.

Assim, no sujeito adulto, pretendemos ter acesso à matriz comunicacional que opera no interior do sujeito, não através de uma investigação acerca do que aconteceu no passado; posto que as condições da comunicação tal como ela teve lugar são inabordáveis, mas através da especificidade do sujeito tal como ele se apresenta enquanto pessoa adulta, nomeadamente através das vicissitudes da identificação projectiva e da forma como o sujeito utiliza tal mecanismo.

Ogden (1979) salienta com enorme clareza o poder comunicativo da identificação projectiva, processo que se constitui de três fases. Numa primeira fase, encontramos a projecção de partes do *self* no outro; numa segunda fase, o sujeito pressiona o outro para agir de acordo com as partes do *self* que ele agora alberga; numa terceira fase, há a re-internalização no *self* da parte projectada, agora de alguma forma transformada pelo outro.

Deste modo, a identificação projectiva é entendida por Ogden como a fantasia, que acompanha a relação objectal, de que o sujeito pode libertar-se de partes do *self* indesejadas, depositando-as no interior do psiquismo do outro, para posteriormente recuperar uma versão modificada do que foi projectado.

Neste movimento, após a projecção de partes do *self*, o sujeito exerce no outro uma pressão para sentir e agir de acordo com a parte que nele foi projectada.

Deste modo, a fantasia associada à identificação projectiva é a de estar temporariamente no interior do objecto, ou de viver nesse interior ou ainda de controlar o objecto a partir de dentro. No movimento de resposta, a mãe vai digerir as partes projectadas do bebé, devolvendo-as transformadas.

Utilizando este mecanismo, o bebé, face a uma experiência emocional com a qual não consegue lidar, vai projectá-la na mãe, procurando com isto libertar-se da experiência penosa, porque desprovida de significação. No mesmo acto, estabelece uma comunicação com a mãe, que o acolhe. Desta forma, a mãe conhece o seu bebé pelos conteúdos que este projecta, enquanto que o bebé conhece a sua mãe pela forma como esta o contém (Amaral Dias & Fleming, 1998).

O processo de identificação projectiva tem, então, várias consequências. Em primeiro lugar, tem como consequência a distância que o sujeito ganha face àquilo que projectou no outro, ou seja, face aos seus próprios conteúdos, o que pode ter um efeito positivo, como alguém que se afasta de um objecto para o ver melhor, para não ficar centrado no detalhe, no fundo, para criar uma mudança de vértice⁸.

⁸ Não ignoramos que esta distância pode ter efeitos perniciosos, na medida em que o sujeito se separa de uma parte de si mesmo, podendo estar ao serviço de uma estratégia para lidar com a dor mental através da evacuação.

Por outro lado, cria um sentimento de ser um com o outro, ou seja, estar em sintonia (*at-one-ment*, nas palavras de Bion). Efectivamente, este é o processo que fundamenta a capacidade empática, criando no sujeito o sentimento de ser compreendido pelo outro.

Ao mesmo tempo, esta é uma das formas que temos, enquanto seres humanos, para lidar com a questão da separação em relação ao objecto. É, no fundo, a ilusão dos vínculos que estabelecemos com o outro – através da identificação projectiva, podemos manter a ilusão que não estamos irremediavelmente sós perante a nossa condição humana (Amaral Dias, 1992)⁹.

Finalmente, a identificação projectiva tem como consequência a mudança psicológica, que está implícita quando o sujeito re-internaliza aquilo que projectou, desta feita transformado pela função- α do outro.

Não é difícil compreender que esta transformação é, efectivamente, um processo de mudança (na melhor das hipóteses, de crescimento mental), que convoca o outro como aquele que pode estar nesse lugar, no lugar que poderá permitir uma espiral ascendente de transformação, significação, expansão mental.

Assim, o processo de identificação projectiva não existe sem relação. Citamos Amaral Dias (2000) quando diz:

«Toda a identificação projectiva (...) se faz no sentido de algo que procura uma significação que a pessoa não encontra dentro de si mesma. O recurso à identificação projectiva é um recurso a um outro espaço psíquico aonde se possa encontrar significação.» (p. 178)

Logo, a identificação projectiva não só é uma procura de comunicar algo a outro, mas também uma procura de um objecto transformador (Bollas, 1987), que possibilite uma transformação da experiência, através da construção de novas significações. Nas conjunções constantes de comunicação que se formam no campo relacional, a construção da significação tem um papel primordial.

⁹ «O solipsismo está em todo o sítio do humano. A crueldade desta constatação reenvia-nos à dureza da solidão que se contrapõe à nossa gregaridade. (...) O que há de irónico na nossa existência é que, porque inteligentes, nos sabemos sós, já que habitados por uma voz interior que de quando em quando nos segreda o enlace fatal.» (Amaral Dias, 1992, pp. 69)

Dar significado é criar - o próprio acto de procurar significado é comunicar e comunicar é, em si mesmo, dar significado. Nomear a experiência, no sentido de dar um nome, e também inscrição da experiência, no sentido de inscrever a experiência num campo de significados construídos no campo da relação (Bion, 1970 / 1993).

Numa área de ilusão, no campo relacional, o significado é procurado, destruído, transformado e novamente encontrado, num movimento de atribuição de sentido, apoiado numa oscilação constante PS↔D, em que não é numa nem noutra posição mental que é encontrado o significado, mas, de facto, no movimento de oscilação entre elas. Efectivamente, a experiência vivida não pode ser alterada, mas a sua significação, essa sim, pode ser transformada.

Esta transformação com o outro, pelo outro, o objecto real e/ou o objecto interno, faz-se em espelho, num espelho transparente e opaco ao mesmo tempo, um e o outro lado do espelho.

Jogando com as palavras de modo a torná-las visíveis, como diria Saramago, não nos espantamos que a palavra latina *communicare*¹⁰ tenha, para além do significado de falar ou conversar, outros significados como pôr ou ter em comum, repartir ou ainda reunir, associar, misturar. Estar fundido? Estar em comunhão? Dividir, repartir, portanto, perder algo? Perder para ganhar algo? Dois que se juntam para dar origem a um terceiro que vai ser proveitoso para ambos? Ou dois que se juntam para dar origem a um terceiro que vai destruir ambos? Ou ainda dois que nunca se juntam mas criam a ilusão de estarem juntos para lidarem com as angústias que provocam a proximidade, a intimidade, a fusão, e depois a inevitável separação, o abandono, a perda, o luto?

De facto, a proposição latina *trans*¹¹, prefixo de *transformare*, tem o significado prosaico (ou talvez nem tanto) de passar para o outro lado, como quem passa para o outro lado do rio. Significa ir para além de... ir para além do sujeito, ao encontro do outro, interno ou externo, ir para lá do espelho, ir para o campo, o campo da relação, o espaço potencial criado entre o sujeito e o outro, em que não há eu e tu, mas nós, numa relação, num campo relacional, no qual tudo se passa... Porque o prefixo *trans* tem ainda o significado de um lado para o outro, totalmente...

¹⁰ *Dicionário de Latim-Português* (1999/1966). Porto: Porto Editora.

¹¹ *Ibidem*

Efectivamente, parafraseando Ricoeur (1990), o outro surge num lugar simultaneamente opaco e transparente; *transparente*, no momento em que aparece como alguém que representa outro alguém ou parte de alguém que não está presente; opaco quando afirma de alguma maneira a sua subjectividade e se assume como diferente do sujeito, mas apesar de tudo capaz de o compreender e de comunicar com ele.

A comunicação surge então, neste sentido, como um processo de circularidade, ou, mais exactamente, de espiral, em que se estabelece uma dialética de comunicação e transformação de experiências vividas, entre o sujeito e os seus objectos internos e/ou externos (Lieberman, 1981).

Podemos dizer que o sujeito cria na comunicação consigo mesmo um esboço à espera de ser acabado, que com o objecto vai ser elaborado, num processo em que a palavra reenvia à imagem, à sensação, à experiência, que por sua vez reenvia de novo à palavra.

Um esboço à procura de uma forma que o contenha, ♂ à procura de ♀, num impacto (estético?) em que qualquer coisa irrompe, produzindo uma transformação, que opera sobre a conjunção constante, numa circularidade que se pode enriquecer até ao infinito das possibilidades, num movimento de expansão mental, ou que pode conduzir ao bloqueio, à anulação e eventualmente à destruição.

Assim, a transformação dos conteúdos pela função continente presente no psiquismo do sujeito vai implicar que a identificação projectiva se processe no sentido da significação e não no sentido da evacuação. Porém, esta capacidade só vai ser possível se existir no psiquismo do sujeito uma barreira de contacto a operar de determinada forma.

Comunicação e barreira de contacto

A transformação que se pode operar vai, então, ser possível na medida em que exista no interior do sujeito uma barreira de contacto a operar de uma forma sólida e simultaneamente flexível.

Freud (1915 / 1996) desenvolveu a ideia da comunicação entre sistemas, afirmando que o inconsciente se encontra em constante ebulição e que estabelece com o pré-consciente relações de vária ordem. Assim, um influencia e é influenciado pelo outro, sobretudo em certas circunstâncias particulares, como é o caso do sonho. No texto de 1915, avança o esboço daquilo que vai ser o conceito de barreira de contacto, paradigmático para a compreensão da comunicação interna, nomeadamente ao nível da capacidade de pensar a experiência emocional.

Segundo Bion (1962 / 1991), a barreira de contacto forma-se para pensar os pensamentos, sonhar, distinguir fantasia e realidade, transformar as impressões sensoriais e as experiências emocionais, diferenciar consciente e inconsciente – este é um processo contínuo, que nunca está finalizado.

A capacidade transformacional surge no sujeito porque alguém o sonhou e o transformou, num processo de *rêverie* permeado pelo afecto, inseparável da função continente (Cabral, 1998). Neste sentido, a barreira de contacto forma-se na relação com o objecto primário, que, ao devolver os conteúdos projectados pelo bebé, devolve não só estes conteúdos desintoxicados, logo, transformados, como também projecta elementos provenientes da sua própria função- α .

Forma-se, assim, uma barreira de contacto constituída por elementos deste tipo, semi-permeável, permitindo a transformação, que está em constante formação, isto é, vai sendo sempre construída ao longo da vida.

Assim, o aumento de compreensão de si mesmo conduz ao aumento da comunicação interpessoal e intrapessoal, e esta, por sua vez, conduz a um aumento de compreensão de si mesmo, numa espiral ascendente (Lieberman, 1981). Ao mesmo tempo, este saber sobre si mesmo implica um não saber sobre si mesmo, ou seja, implica a tolerância ao infinito desconhecido, a tudo o que sempre haverá que ainda falta conhecer (Amaral Dias, 1993).

Deste modo, consciente e inconsciente são mutuamente dependentes, porque unidos e, ao mesmo tempo, separados pela barreira de contacto, cada um definindo e preservando o outro, através da diferença que os separa e pela comunicação entre ambos (Ogden, 1992). Segundo Amaral Dias (1997), pensamentos oníricos e sonhos surgem como produtos de uma barreira de contacto funcionante, os quais levam à construção dos mitos pessoais.

A linguagem e o pensamento não eliminam, portanto, a frustração (na verdade, não se desenvolvem sem frustração e sem tolerância à frustração), mas são os elementos que permitem que o afecto se transforme num fenómeno mental (Green, 1973).

De facto, segundo Amaral Dias (1998), pensar é a contrapartida interna da intimidade nas relações interpessoais. Da mesma maneira que a capacidade de estabelecer relações de intimidade e de comunicação autêntica é uma forma madura de relação com o objecto, a reflexão, o pensamento, é uma forma madura de relação do sujeito consigo mesmo.

Os elementos que constituem a barreira de contacto estão unidos entre si, criando, pondo em contacto e, simultaneamente, separando o consciente do inconsciente, de modo a permitir uma passagem selectiva de um para outro. Quando isto não acontece, forma-se uma tela de elementos- β , impermeável e que impede o processo de aprender com a experiência, isto porque não permite os processos de ligação, transformação e criação de conteúdos mentais (Bion, 1962 / 1991).

Neste caso, cria-se na mente um vazio psíquico, na medida em que a tela β é rigidamente impermeável – não havendo um fluxo entre consciente e inconsciente, não existem na mente representações que possam ser ligadas. Aqui estamos perante um continente negativo, saturado pela inveja, ou seja, há uma interacção invejosa, e, por isso mesmo, destrutiva. Ora, como nos ensina Amaral Dias (1993), o problema da inveja não é que o sujeito queira destruir o seio que inveja, mas o facto de destruir dentro de si a própria boca que se quer alimentar.

Então, se a função- α é deficitária, são também deficitários o pensamento onírico, o funcionamento da barreira de contacto, a capacidade de aprender com a experiência e, conseqüentemente, a capacidade de mentalização da experiência emocional (Bion, 1962 / 1991).

Por outro lado, os elementos- β existentes são sentidos como invasivos e persecutórios, criando um estado de confusão mental tal, que se torna um buraco negro (Grotstein, 1999) que impede a ligação, a transformação e a elaboração, na medida em que existem conteúdos na mente, mas não podem ser ligados nem transformados. Resta apenas a evacuação projectiva, que, sendo libertadora num primeiro momento, tem como consequência posterior o esvaziamento objectal e o empobrecimento do self.

Neste sentido, a análise da qualidade da barreira de contacto vai permitir-nos observar a forma como no sujeito opera a relação ♀♂, dando conta das possibilidades de transformação da experiência vivida e da sua significação.

O negativo e a simbolização

A função- α vai, pois, sendo desenvolvida numa relação entre uma mãe e um bebé suficientemente bons e em sintonia um com o outro. No entanto, a simbolização propriamente dita só nasce com a separação em relação ao objecto primário, aquando do advento da posição depressiva.

Segundo Mancia (1992), o aparecimento da posição depressiva assinala a passagem maturativa essencial da criança, que poderá passar a viver a mãe como objecto total e encontrar-se em posição de se preocupar com os ataques que, em fantasias, lançou sobre o seu corpo e contra os objectos. Nesta nova posição, a culpa e a angústia são depressivas e permitirão que a criança tolere a falta do objecto e que tenha a possibilidade de o representar, isto é, simbolizar.

Neste sentido, completar-se-á o processo de simbolização e desenvolver-se-á a linguagem; por outro lado, a perda do objecto levará a criança a introjectá-lo e a colocá-lo dentro de si, integrando-o num supereu tardio que divergirá do supereu precoce. Assim, a posição depressiva é fundamentalmente a capacidade para gerir a ausência e conhecer a realidade (Amaral Dias, 1998).

Embora, na teoria kleiniana, se conceptualize estas duas posições como sendo cronologicamente uma a seguir à outra, a própria Klein considera a posição depressiva como um estágio de desenvolvimento que tem que ser negociado regularmente ao longo da vida. Bion fala de uma oscilação constante, no adulto, entre posição esquizo-paranóide e posição depressiva (PS \leftrightarrow D).

Esta oscilação implica um movimento de um estado de desintegração e dispersão para um estado de coerência e integração, de tal modo que o funcionamento mental vai passando de um registo para o outro, num balanceamento constante entre fragmentação e síntese.

A expansão mental pressupõe tolerância à dispersão e capacidade negativa, ou seja, a capacidade para suportar as dúvidas, as angústias e o vazio de não conhecer, e são estas capacidades que vão permitir a emergência de uma nova síntese (Symington & Symington, 1999).

A capacidade de comunicação simbólica vai também, segundo Bion, ser suportada por aquilo que o autor chama capacidade negativa, a qual é «a capacidade de expansão simbólica da mente humana» (Rezende, 1998, p. 54).

Assim, o negativo será a capacidade de não-saturação da mente - é esta capacidade de realização negativa que organiza a relação do sujeito com o mundo externo e interno, estruturando o pensamento (Amaral Dias, 1999).

Já Freud (1925 / 1996) estabelecia com clareza que, para haver representação, é necessário que o objecto real tenha sido perdido. A percepção é perdida para que o seu lugar possa ser ocupado pela representação. É este lugar da ausência que vai permitir o pensamento – tal como virá afirmar mais tarde Bion (1959), nos seus trabalhos sobre o pensamento.

Seguindo a perspectiva de Amaral Dias (1999), a experiência do negativo emerge quando o objecto se separa do sujeito; ao separar-se, o objecto desampara, isto é, coloca o sujeito face ao desamparo básico, condição da espécie humana, ou seja, face à solidão inexorável do sujeito humano.

Desta forma, o negativo será o hiato intransponível entre sujeito e objecto, sendo que a única solução para o elaborar é pensar – isto é, representar, simbolizar, transformar. Assim, segundo o autor, é a insuportabilidade do desamparo e da solidão que leva o ser humano a criar relações, estabelecer vínculos, manter elos de ligação. Eros gera-se para tornar suportável o insuportável. É deste modo, quando o objecto é perdido, no seu lugar cria-se a comunicação simbólica. Ou, nas palavras do autor, «a constituição do sujeito é o lugar do sacrifício do objecto » (p. 32).

Por seu lado, Green (1986; 1999; 2002) irá desenvolver o conceito de trabalho do negativo. O autor vê o aparelho psíquico como um lugar virtual onde constantemente decorrem transformações, suportadas pela comunicação interna entre instâncias, entre o self e os seus objectos internos, entre o sujeito e o mundo externo.

Estas transformações tomam a forma de um trabalho psíquico – o autor estabelece, então, aquilo a que chamou o trabalho do negativo, que ocorre a todo o momento no psiquismo humano. Segundo o autor, o trabalho do negativo é constituído por todas as operações psíquicas ligadas ao recalçamento, como a negação, o desmentido, a recusa, a clivagem, a forclusão, a alucinação negativa, operações estas que introduzem a dimensão de relação com o desconhecido e com o infinito (Pédinielli, 2004).

Deste modo, o trabalho do negativo tem funções estruturantes e desestruturantes. No funcionamento psíquico normal, o trabalho do negativo pode aparecer na capacidade saudável de viver o Nada enquanto ausência ou vazio, no interior de um continente, que lhe proporciona um contexto significativo: é, na verdade, um espaço potencial, onde se exerce a criatividade e onde poderão surgir realizações positivas futuras.

Nos seus aspectos patológicos, o negativo pode expressar-se como o vazio, o branco, o sentimento de futilidade e a falta de sentido. O negativo será então sentido como um buraco negro (Grotstein, 1999), um lugar vazio onde algo que deveria estar não está; a incapacidade para transformar este espaço vazio conduz, então, à experiência de ausência de sentido e à incapacidade de dar um nome à experiência vivida. Entre estes dois extremos, encontramos vias medianas que podem ser percorridas pelo trabalho do negativo, as quais podem tender para a ruptura, o ataque aos vínculos, a clivagem.

Ora, como podemos ver, a capacidade de transformação da experiência vivida e o acto de lhe conferir sentido vão ser suportados pela capacidade negativa.

Segundo Amaral Dias (1999), a capacidade negativa e a capacidade simbólica são indissociáveis, na medida em que o símbolo, tendo origem na identificação projectiva, é o nada em forma de pensamento. Nesta nova ordem introduzida pela separação, a barreira de contacto, o aparelho para pensar os pensamentos e a função da simbolização desenvolvem-se para preencher o vazio e a frustração deixados pela não satisfação do desejo e pela ausência do objecto.

Deste modo, K é inseparável de L e H, na medida em que a própria articulação do pensamento fica na dependência do vínculo afectivo entre as pessoas: é na medida em que as pessoas se ligam, que as palavras também podem se ligar.

Encontramos, em Bion, uma teoria afectiva do símbolo: há símbolo quando as coisas se juntam numa conjunção constante. O conhecimento torna-se mais ou menos possível na medida em que os afectos a ele nos predispõem: se K influi em L e H, L e H influem em K (Rezende, 1994).

Deste modo, o símbolo é sempre dinâmico e reenvia-nos sempre para uma falta, para a ausência. Ora, por essa razão, é essencialmente equívoco e enigmático. Esta visão do símbolo encontra-se próxima da visão de Ricoeur, autor que, apesar de não se inscrever no campo psicanalítico, nos parece útil de convocar.

Para Ricoeur, o conceito de função simbólica traduz dois movimentos complementares – por um lado, a distância entre o símbolo e a coisa simbolizada; por outro lado, o enraizamento do símbolo no mundo, isto é, a aproximação do símbolo à realidade. Ou seja, a distância e a pertença. Assim, o autor dá importância àquilo que ele denomina o símbolo incarnado, isto é, «o carácter realizante e operativo do símbolo» (Correia, 1999, p. 40).

Deste modo, no dizer de Correia (1999), estudioso da obra de Ricoeur, «a expressão simbólica do sentido coincide com a constituição de modelos discursivos e linguísticos que reconfiguram permanentemente a significação do real, permitindo o enraizamento do sujeito no mundo» (p. 14).

Isto é, o símbolo é um modelo para pensar o mundo, é já uma transformação do mundo, vale dizer, do objecto. O próprio símbolo não só permite a recriação, a transformação, como ele próprio é, desde logo, recriação, ligação, transformação¹².

Segundo Ricoeur (1969), o mesmo símbolo tem sempre dois vectores, um que se dirige ao passado e outro que se dirige ao futuro, ou seja, dizendo de outra forma, um vector que se dirige para aquilo que é mais primitivo, e outro que se dirige ao crescimento e à expansão mental.

Os símbolos são, portanto, novas pontes que unem o que está separado – em última análise, a simbolização não é só abstracção, mas integração e conjunção, na medida em que o processo dialéctico de separação / simbolização é uma ligação a outro nível (Cabral, 1998).

¹² «A concepção do símbolo como modelo do real implica a adopção de uma visão funcional das representações imagéticas. Os símbolos não são entidades substanciais, mas antes funções operativas que redimensionam a experiência» (Correia, 1999, p. 15).

Para Rezende (1994), o que permite esta ligação ao ausente é o vínculo afectivo, sem o qual a simbolização não era possível¹³.

De facto, o processo de simbolização é um processo integrativo: ao contrário da clivagem, que, ao isolar o bom do mau, simplifica a realidade, empobrecendo-a, a formação do símbolo implica uma síntese, impossível na posição esquizo-paranóide (Thorner, 1981). Assim, tal como afirma Rezende (1994), «o contrário de simbolizar é esquizofrenizar, o contrário de juntar é separar, o contrário do símbolo é a cisão. E se a conjunção propicia o crescimento, a disjunção o impede» (pp. 187).

Mas para que na ausência surja a capacidade simbólica, é necessária a introjecção de uma estrutura continente, ou seja, é necessário um desenvolvimento psíquico e uma relação continente-conteúdo saudável, sem os quais a função- α , a posição depressiva e, posteriormente, a simbolização não chegam a formar-se (Green, 1975; 1997).

Se estes desenvolvimentos não acontecem, o sujeito funciona em equação simbólica, ou seja, não existem verdadeiros símbolos, mas mera identificação projectiva, que permite que o sujeito continue a negar a separação em relação ao objecto. Neste sentido, o símbolo confunde-se com o objecto concreto e é tratado enquanto tal.

Pelo contrário, quando o sujeito atinge a formação simbólica, o símbolo é uma metáfora do objecto e é tratado como um elemento psíquico, a partir do qual se pode pensar (Segal, 1978).

Neste sentido, a confusão entre o símbolo e o objecto simbolizado é consequência da identificação projectiva patológica. Inversamente, na representação simbólica, o símbolo é colocado no lugar do objecto simbolizado, mas sem ser perdida a diferença entre realidade e símbolo, o que só é possível quando já foram abandonadas as formas onipotentes de identificação projectiva. Isto porque o símbolo é utilizado para superar uma perda aceite, da qual já foi feito o luto. O símbolo é, portanto, de uma ordem dinâmica, reenviando sempre a uma falta – em todo o símbolo, está implícita a relação com a ausência (Amaral Dias, 1999).

¹³ «Une nouvelle forme de réunion qui permette d'accéder à la métaphore de l'objet, qui n'est que l'objet du lien; ni mien, ni tien: lien» (Green, 1979, pp. 67).

Deste modo, o vínculo é o símbolo, na medida em que pressupõe a capacidade de lidar com a ausência do objecto, tendo-o presente de uma outra forma (Rezende, 1998).

Vemos, portanto, que existe uma relação intrínseca entre o desenvolvimento e a simbolização, na medida em que crescer é sofrer transformações e transformar(-se) é simbolizar (Rezende, 1994). Pelo contrário, a não simbolização da ausência leva o sujeito a gerar um mau objecto no lugar do objecto ausente (Amaral Dias, 1993).

Por outro lado, segundo Amaral Dias (1993), há uma espessura no problema da falha, o que implica que esta pode ser mais ou menos elaborada. Pensamos mesmo que não se pode afirmar que exista algum sujeito que não elabora de todo o problema da falha, da mesma forma que não podemos afirmar que exista um sujeito humano que nunca, em momento algum, simboliza. Tal como provavelmente não existe sujeito que elabore a falha em toda a sua espessura, nem que simbolize a todo o momento. Portanto, há sempre uma parte da mente capaz de pensar e uma parte psicótica da mente que não é capaz de o fazer. Na ausência, há uma parte do sujeito que reclama o objecto, que exige que o objecto preencha o lugar da falta.

O processo de simbolização refere-se, então, a uma função de ligação do pré-consciente ou do eu, traduzindo-se na circulação dinâmica das diferentes representações (Bacqué, 1992). Este é um processo de transformação qualitativa, que acontece numa matriz inter e intrapessoal, e pressupõe um contínuo trabalho de ligação através da multiplicação e reorganização das representações mentais (Lecours & Bouchard, 1997).

Pensar os pensamentos é, portanto, pensar as emoções, é ter vida interior, é caminhar para a essência daquilo que se é, é ir sendo $O (K \rightarrow O)$. Quanto maior é a tolerância à dor mental, maior é a aproximação a O (Bion, 1970 / 1984; Dias & Fleming, 1998).

É o lugar radical, fundado pela ausência, que abre aí o espaço à função do conceito, ou seja, à comunicação simbólica com o objecto. E comunicar simbolicamente com o objecto é, efectivamente, pensar.

A comunicação, no sentido em que a entendemos, é um processo mental que decorre no interior do sujeito, no contexto da relação $\text{♀} \text{♂}$, a qual permite que o sujeito entre em contacto com os seus objectos internos de forma viva, dinâmica e transformadora.

Neste sentido, a comunicação está indelévelmente associada aos processos de simbolização e de pensamento, na medida em que é simbolizando a experiência, pensando sobre ela que o sujeito consegue inscrevê-la no seu aparelho mental e utilizá-la para comunicar no seio do seu mundo interno.

Modelos de comunicação no contexto da relação ♀♂

Assim, o lugar do outro neste processo está precisamente na relação ♀♂. A relação ♀♂, como já vimos, é introjectada pelo sujeito humano, criando o aparelho de pensar os pensamentos. Este irá permitir que o sujeito estabeleça uma relação de comunicação consigo mesmo, idealmente uma relação de conhecimento, de $K \rightarrow O$.

Esta comunicação interna vai ser suportada pela construção de uma barreira de contacto, suficientemente flexível para permitir a comunicação entre instâncias psíquicas, mas ao mesmo tempo suficientemente sólida para o sujeito poder pensar, ter acesso à penumbra associativa, sem ver o seu espaço mental invadido (Amaral Dias, 1988).

O processo relacional que se estabelece na díade vai, então, ser interiorizado e a criança terá disponível dentro de si um aparelho para pensar os seus próprios pensamentos, isto é, uma função- α que irá transformar os elementos- β produzidos no confronto da mente com o real e com a experiência emocional.

Neste processo, há uma experiência emocional vivida que é acolhida no interior do sujeito, à qual vai ser atribuído um ou mais sentidos, para que, a partir daí, possa ser construído um símbolo que represente mentalmente a experiência. Este símbolo unir-se-á então a outros, no seio da cadeia simbólica que constitui o pensamento, conduzindo a mudanças, a transformações, dando origem à modificação do continente que irá acolher novas experiências emocionais.

Bion (1970 / 1993) vem definir que esta relação dinâmica ♀♂ pode assumir várias formas. Aquela que temos vindo a descrever seria a forma simbiótica, ou seja, aquela em que, entre mãe e bebé, se estabelece um vínculo em que ambos se influenciam reciprocamente.

A mãe aprende a ser mãe com o seu bebé e o bebé aprende a ser o bebé da sua mãe, relação que predominantemente dá origem a vínculos positivos, no sentido bioniano (sobretudo +K). Neste caso, temos dois que se encontram para dar origem a um terceiro, que será benéfico para ambos. No entanto, nem sempre o processo é o mesmo na relação ♀♂.

Na forma parasitária de ♀♂, temos dois que se encontram para dar origem a um terceiro que ameaça destruir os dois. Há uma falência da função- α da mãe, que não consegue captar a mensagem, ou seja, não tem dentro de si continente (♀) para o conteúdo (♂) projectado, e/ou não consegue transformar conteúdo (♂), nem o consegue devolver transformado de tal forma que o bebé o possa usar.

Neste contexto, a mãe fica a braços com a angústia e o intenso desprazer que a relação com o bebé nela provoca, enquanto que este fica invadido por conteúdos não transformados, não desintoxicados, criando aquilo que Bion (1965 / 1991) denominou o terror sem nome. De qualquer forma, há comunicação, no sentido em que há transmissão de mensagens de um para o outro.

Finalmente, temos ainda a forma comensal de ♀♂, em que ambos coexistem lado a lado, mas não se influenciam, porque não se encontram. É uma não-relação no lugar da relação que não se estabeleceu. Neste caso, temos dois que não se encontram, conseqüentemente, não podem dar origem a nada.

Pensamos que esta diferenciação nos permite uma primeira caracterização de três grandes tipos de comunicação com que nos podemos deparar. A partir daqui, podemos procurar as várias características da matriz comunicacional – se é consistente ou frágil; se se mantém constante ou se se operam rupturas com frequência, e que tipo de conteúdos dão origem a essas rupturas; se estão presentes conteúdos de esperança ou, pelo contrário, de desamparo; se há confiança ou desconfiança; se os vínculos presentes são positivos ou negativos.

Se esta relação assume a sua forma simbiótica, a identificação projectiva normal é utilizada, sobretudo, nas suas funções comunicativas, ou seja, estabelece-se uma verdadeira comunicação simbólica do sujeito com o objecto (Amaral Dias, 1999; 2000).

Deste modo, o sujeito comunica consigo mesmo e com a representação interna que tem dos seus objectos – paradoxalmente, neste caso, a comunicação acaba por ser apenas e sempre uma comunicação interna, permitindo, deste modo, que o sujeito mantenha a ilusão dos vínculos que o ligam ao outro.

E o que é que pode suceder noutros tipos de relação $\text{♀} \text{♂}$? Podemos pensar que vários cenários serão possíveis. Numa relação $\text{♀} \text{♂}$ parasitária, a mensagem do desamparo fica a pairar como uma ameaça sobre a díade e marca fortemente a comunicação que dentro dela se estabelece.

Isto porque aquilo que o sentimento de esperança vem no momento em que é possível «alfabetizar» os elementos- β , ou seja, no momento em que a mãe tem capacidade para transformar, desintoxicar, resignificar e devolver uma nova versão do ♂ projectado.

Quando a função- α da mãe falha, a mensagem que passa é de não esperança – ao mesmo tempo que a criança se sabe dependente do objecto, este não lhe permite criar a ilusão necessária à sua sobrevivência enquanto sujeito psíquico.

A mensagem que é transmitida é a de que há experiências emocionais que não podem ser transformadas e que, inclusivamente, podem ser perigosas para a díade, na medida em que ameaçam destruí-la. O terceiro que se cria, que ameaça destruir os dois, é a angústia primária, o terror sem nome.

Entre estes dois cenários possíveis não são, obviamente, encontrados de forma constante nos pares comunicantes formados pelas crianças e pelas suas mães. Há oscilações, dentro de um movimento $\text{PS} \leftrightarrow \text{D}$, em que há momentos em que a díade funciona num ou noutro registo, em climas relacionais diferentes, que constroem a matriz comunicacional.

Por outro lado, numa dada díade, determinadas experiências emocionais podem desencadear uma relação $\text{♀} \text{♂}$ parasitária, enquanto que, na maior parte do tempo, a díade funciona em $\text{♀} \text{♂}$ simbiótico, ou vice-versa. Outras experiências são totalmente excluídas do campo relacional e da comunicação nesse campo, na medida em que desencadeiam momentos de $\text{♀} \text{♂}$ comensal.

Na comunicação simbólica, suportada por ♀♂ simbiótico, o desamparo básico e o negativo encontram uma solução através de +K, através da tolerância à realização negativa. Seguindo o pensamento de Amaral Dias (1999), o negativo é, então, o lugar onde o símbolo costura o nada, onde o nada é vivido como um espaço vazio de onde irá emergir o pensamento, a criatividade, onde o sujeito se funda enquanto tal e se confronta com a sua inexorável solidão e com a sua condição humana.

Mas é precisamente este confronto que permite viver a ilusão dos vínculos de uma forma gratificante, afastada da dependência implacável que obriga à presença do objecto, longe da intolerabilidade da frustração provocada pela ausência (Amaral Dias, 1999).

Pelo contrário, se ♀♂ assume a sua forma parasitária, encontramos a utilização patológica da identificação projectiva; aqui, o sujeito não faz identificação projectiva sobre a representação mental do objecto, mas dentro do próprio objecto, procurando evacuar os conteúdos e não transformá-los.

Deste modo, a comunicação simbólica fica muito dificultada e a comunicação acontece a outros níveis, nomeadamente ao nível do agir. Também a linguagem é usada como descarga, próxima do agir, e não como expressão do simbólico e do pensamento. Por essa razão, este tipo de comunicação corre o risco de não ser entendida enquanto tal, mas enquanto uma intrusão intolerável do sujeito no outro.

O desamparo básico não é elaborado e assalta o sujeito constantemente, colocando-o à mercê do objecto. O negativo assume as suas formas destrutivas e bloqueadoras, em que o nada é o local onde não está algo que devia estar (Green, 1986; 1999; 2002). A ausência é intolerável e a presença necessária, suportada num vínculo -L, muito imbricado com -H e -K.

Neste contexto, o trabalho do negativo tende geralmente para a ruptura, o ataque aos vínculos, a clivagem, bloqueando os processos de transformação e de crescimento mental.

Na relação comensal, encontramos dois sujeitos que não entram em contacto – a identificação projectiva ocorre pouco frequentemente, porque de facto, não há relação, não há comunicação. Esta é uma forma radical do sujeito negar a dependência em relação ao objecto, na medida em que nega a própria existência do objecto.

O negativo é, portanto, falsamente resolvido através da negação da separação. E se não há separação, não há comunicação, não há simbolização, não há sujeito humano no verdadeiro sentido da palavra.

Assim, é de esperar que na relação simbiótica o sujeito possua uma maior capacidade negativa, sendo possível vários graus de simbolização. Não só o sujeito utiliza os símbolos oníricos, no sonho e na imagética, como utiliza os símbolos míticos, nas narrativas que constrói, transformando igualmente pré-concepções em conceitos (Amaral Dias, 1997).

Na relação parasitária, há uma menor capacidade negativa, logo, o sujeito não suporta o vazio, os símbolos são menos complexos e surgem mais equações simbólicas (Segal, 1978).

Podem construir-se símbolos oníricos ou míticos, que são comunicados através de imagens de sonho ou de fantasias, mas são pouco utilizados no sentido da expansão mental. A construção de conceitos fica, pois, dificultada pela intolerância do sujeito à ausência e ao negativo e a capacidade de transformação / significação é menos utilizada no sentido do crescimento interno.

Em ♀♂ comensal, o sujeito afasta-se da comunicação consigo mesmo e com o outro, envolvendo-se pouco e mantendo-se num registo superficial. A linguagem será utilizada de acordo com o nível de relação em que o sujeito se encontra num dado momento – ou é utilizada como tentativa de significação, procura de um sentido para o nada e para a dor mental, ou como evacuação de elementos β e dos maus objectos que se formam pela incapacidade de tolerar a ausência e a realização negativa. A própria estruturação da linguagem, a utilização das palavras, será afectada por isto.

Sabemos, porém, que o sujeito não se encontra sempre a funcionar no mesmo nível de relação, nem com a mesma capacidade de comunicação, a função- α oscilando na sua aptidão para transformar. Deste modo, é esperado que o mesmo sujeito funcione em registos diferentes em momentos diferentes, sendo um dos modelos mais predominante.

Vamos agora lançar o nosso olhar de novo sobre a situação de maus tratos, desta feita utilizando os conceitos aqui delineados, tendo em consideração o objectivo do nosso trabalho.

IV. OS MAUS TRATOS INFANTIS – SIGNIFICAÇÃO E INSCRIÇÃO

«Eu convencera-me de que a nossa inteligência só deixa filtrar até nós um pequeno resíduo dos factos: interessava-me cada vez mais pelo mundo obscuro da sensação, noite negra onde fulguram e rodopiam ofuscantes sóis.»

Marguerite Yourcenar, *Memórias de Adriano* (pp. 141)

Na perspectiva que defendemos neste trabalho, decorre do anteriormente dito que o problema dos maus tratos pode colocar-se em dois níveis mutuamente dependentes: por um lado, o impacto deste tipo de vivência sobre o pensar e, por outro lado, as características do aparelho para pensar os pensamentos que acolhe esta experiência. Como se torna claro, um nível influencia e é influenciado pelo outro, na medida em que o impacto da experiência emocional vai influenciar a constituição do aparelho de pensar os pensamentos, ao mesmo tempo que as características desse aparelho continente vão ter influência sobre o impacto que a experiência vai ter e na forma como esta vai ser inscrita no funcionamento mental.

Deste modo, não podemos apenas considerar a realidade da experiência, mas sempre ter em consideração «o mundo obscuro da sensação», nas palavras de Yourcenar, ou seja, a forma como o sujeito viveu a experiência e lhe deu sentido, dependentemente dos recursos que tinha ao seu dispor para operar um movimento de significação e transformação sobre os elementos sensoriais ou elementos- β . A disponibilidade destes instrumentos varia consoante a criança, a sua personalidade, a sua idade, o seu grau de desenvolvimento. Assim, a função- α pode estar mais ou menos desenvolvida, a identificação projectiva pode ser utilizada com maior ou menor intensidade, o acesso e recurso à linguagem vai estar mais ou menos desenvolvida, a capacidade de simbolização será maior ou menor.

Efectivamente, a experiência tal como aconteceu no plano da realidade não é cognoscível enquanto tal, sobretudo quando, como é o caso deste trabalho, o nosso interesse recai sobre o indivíduo adulto que viveu, no passado, situações de maus tratos.

Neste sentido, não podemos ter acesso àquilo que realmente sucedeu, mas apenas à forma como o sujeito sentiu e sente a experiência e ao modo como foi capaz, e até que ponto foi capaz, de a pensar. Mas não é essa centração na realidade interna, em detrimento da externa, precisamente uma das mais importantes características dos percursos e processos de conhecimento da Psicologia Clínica?

E finalmente, não podemos deixar de levar em consideração que, por trás do acontecimento ou da situação, se encontra uma relação, que implica necessariamente uma comunicação. O acontecimento por si só não tem valor senão no contexto da relação que existe entre os intervenientes.

Desta forma, o nosso olhar recai sobre as vicissitudes da experiência emocional no interior do sujeito – como é que a experiência de maus tratos infantis pode ser acolhida na mente, quais os seus destinos na mente do sujeito, que sentidos lhe podem ser atribuídos e, conseqüentemente, de que formas é que a experiência pode ser pensada.

Na nossa perspectiva, podemos pensar a situação de maus tratos como sendo um conteúdo que é projectado, sendo recebido no continente mental de que a criança dispõe; processo que será diferente consoante o desenvolvimento do aparelho de pensar os pensamentos da criança em causa.

Este conteúdo recebido vai ser transformado pelo continente que o recebe, vão ser-lhe atribuídos sentidos, o que dará origem à construção de símbolos que representam mentalmente a experiência - e serão essa significação e essa representação mental que vão operar no psiquismo da criança. Isto é, é a significação que a criança atribui à situação que vive e a representação mental da mesma que irão provocar o impacto no seu psiquismo e não a situação em si mesma.

Pensamos, efectivamente, que a teorização bioniana será a mais indicada para compreender os fenómenos do impacto, da transformação e da simbolização da experiência vivida, presente na situação de maus tratos, bem como o significado que essa experiência irá ter para a criança.

Na nossa perspectiva, dentro da teoria psicanalítica, a teoria bioniana é aquela que aborda o processo da comunicação da forma que nos parece mais relevante e passível de ser aplicada a diferentes contextos, na medida em que pensa este processo como um fenómeno que se passa no interior da mente do sujeito, de acordo com um modelo interno - a relação ♀♂.

Se pensarmos em termos deste modelo, a criança, quando vive a experiência de maus tratos, vai dar-lhe um sentido consoante a função continente e a função- α de que dispõe no seu psiquismo, as quais lhe irão permitir receber e transformar o vivido. À medida que o desenvolvimento da criança se processa, o adulto em que ela se transformará irá também conferir sentidos diferentes à situação de maus tratos vivenciados na infância, consoante essas mesmas funções psíquicas foram transformadas, expandidas ou danificadas pelos conteúdos acolhidos. Isto significa que a mesma experiência tem não só sentidos diferentes para sujeitos diferentes, como também tem significações diferentes dentro do mesmo sujeito.

Deste modo, partimos da experiência real e procuramos compreender o caminho que esta faz até à sua inscrição no aparelho mental do sujeito que a viveu. A experiência de maus tratos sistemáticos é vivida num contexto emocional e relacional específico, em que se jogam as dimensões do desconhecido, da inconstância e da agressividade exercida sobre o corpo.

De facto, os maus tratos colocam o sujeito que os vive numa situação de desamparo e de impotência, na medida em que não tem controlo sobre o despoletar da violência. Neste sentido, a experiência é vivida como aleatória, independente da conduta ou da atitude do sujeito mal tratado, e aterrorizadora, porque pode acontecer a qualquer momento, em qualquer circunstância. A ansiedade, como sinalizadora do perigo, e o medo são sentimentos que estão constantemente presentes. O momento específico em que acontecem os maus tratos, circunscrito no tempo, é um conteúdo que circula na dinâmica relacional, sendo também conteúdos o clima de tensão expectante, que se prolonga no tempo, e a agressividade que atinge o corpo do sujeito.

Assim, se a literatura nos aponta quase sempre o mesmo significado para a situação de maus tratos infantis – isto é, ódio, rejeição, hostilidade, desejo de morte -, questionamo-nos se será necessariamente dessa forma, ou se é possível que a situação vivida sofra outro destino dentro do psiquismo do sujeito que a viveu, atribuindo outros significados paralelamente com estes.

Em caso afirmativo, que tipo de transformações pode, então, sofrer esta vivência dentro do psiquismo do sujeito?

Esta experiência real terá um impacto emocional no sujeito, colocando em jogo sentimentos de diversa ordem; a experiência emocional que irá ser sujeita a um trabalho psíquico é, então, constituída pela experiência vivida conjuntamente com o impacto emocional que tem na pessoa.

Tal como já foi exposto, este elemento- β pode ter, em traços gerais, dois destinos, de acordo com a teorização de Bion (1962 / 1991) – pode ser acolhido na mente ou pode ser evacuado.

Quando é acolhido na mente, a função- α exerce sobre este elemento o seu trabalho, atribuindo sentido, nomeando a experiência. Isto permitirá a construção de símbolos que representam mentalmente a experiência, permitindo o seu enquadramento no sistema simbólico do sujeito.

Partindo de trabalhos de Freud, Amaral Dias (2004) postula que o símbolo é continente para o significado e, simultaneamente, elo de ligação na cadeia dos vínculos que formam o pensamento. «O pensamento é um sistema no qual os símbolos se juntam como vínculos entre si e, ao mesmo tempo, eles próprios são continentes dum conteúdo que é o significado» (pp. 16).

Com este movimento dinâmico, pode ocorrer a inscrição do vivido no espaço psíquico, possibilitando a sua transformação. Na mesma obra, o autor vem precisamente defender o conceito de memória enquanto retranscrição ou transformação. Na concepção do autor, a memória é necessariamente um sistema constituído por signos que interagem entre si, logo, a modificação de um elemento implica a modificação do sistema e vice-versa. Ou, dito de outra forma, σ^7 transforma ρ e ρ transforma σ^7 . Assim, a experiência vivida vai transformar o sistema psíquico em que se inscreve, estabelecendo-se uma verdadeira comunicação simbólica entre o sujeito e os seus objectos internos, em $\rho \sigma^7$, comunicação essa com características de vitalidade, dinamismo e crescimento.

Do mesmo modo, pensamos nós, a própria experiência de maus tratos vai transformar-se em continente para novas experiências; as experiências emocionais que o sujeito vai acolhendo vão ser contidas tendo em conta as experiências passadas, conforme os significados atribuídos a esse vivido.

Estes significados vão depender da forma como o sujeito experiencia e dá sentido à relação com as figuras agressoras, dependendo, portanto, da qualidade da função- α e da função continente de que dispõe.

Por outro lado, se o elemento- β é evacuado, o sentido perde-se e a experiência emocional fica apenas disponível para a evacuação através da identificação projectiva. Não havendo transformação de β em α , a comunicação não se estabelece, na medida em que, segundo Bion, os ataques à função- α impedem a comunicação do sujeito consigo mesmo e com os objectos como objectos vivos; no limite, apenas resta o contacto com os objectos como se estes fossem objectos inanimados, num contacto com características de paralisação e morte.

Assim, o processo dinâmico de conter e ser contido é facilitado ou dificultado pelo acolhimento ou evitamento da experiência emocional. Simultaneamente, podemos pensar que o mesmo processo é facilitado ou dificultado pelas significações construídas. Esta atribuição de sentido será também determinante nas qualidades da relação interna $\text{♀} \text{♂}$. Se se trata de uma experiência emocional tão específica como a situação de maus tratos sistemáticos e continuados ao longo da infância ou de um período da infância, como é que esta questão se coloca?

Recorrendo aos conceitos que foram anteriormente expostos, esperamos encontrar nos adultos com história infantil de maus tratos um funcionamento mental oscilando entre um nível de relação parasitário ou comensal, e menos frequentemente a um nível simbiótico.

Pensamos que podemos encontrar pessoas que funcionem predominantemente num nível de relação $\text{♀} \text{♂}$ parasitária, com a utilização da identificação projectiva no sentido da evacuação e com menor capacidade para lidar com a separação entre sujeito e objecto, portanto, para lidar com o negativo.

Podemos também encontrar pessoas que funcionem predominantemente num nível de relação $\text{♀} \text{♂}$ comensal, devido à força dos traços paranóides de desconfiança na relação com o outro. Neste caso, podemos encontrar uma insensibilização dos sentidos, em que o sujeito acredita que mais vale ignorar os estímulos e as experiências emocionais, através do desmentido, da evacuação, do que tomar consciência das emoções, nomeadamente dos afectos depressivos, sofrê-las e transformá-las.

De acordo com a função- α disponível e a funcionar no interior do psiquismo do sujeito, a elaboração da experiência de maus tratos vai ser feita em maior ou menor grau.

No caso extremo de falência da função- α enquanto função transformadora, encontrarmo-nos-emos perante a ausência de um continente que acolha os conteúdos ou perante a presença de um continente que, pelas suas características, não tem capacidade para transformar a experiência, criando-se então uma não-relação. Consequentemente, a comunicação fica impedida - esta será a situação que esperamos encontrar com maior frequência nos sujeitos com história de maus tratos infantis.

Por outro lado, como já vimos, a capacidade de transformação do vivido vai assentar igualmente na forma como o sujeito utiliza o mecanismo da identificação projectiva. Efectivamente, este mecanismo pode ser usado quer no sentido da procura de significação, quer no sentido da evacuação de partes do self impossíveis de suportar.

Assim, o sujeito pode servir-se da identificação projectiva como forma de procurar um nome para dar à experiência, predominando, neste caso, os vínculos positivos - que visam o estabelecimento da ligação e, portanto, a comunicação simbólica -, ou pode, através deste mecanismo mental, livrar-se de uma experiência intolerável, predominando, neste caso, os vínculos negativos - que visam destruir a ligação. Entre estes dois opostos, podemos encontrar vias intermédias, como por exemplo, o mecanismo de identificação ao agressor.

Ora, a forma como o sujeito utiliza a identificação projectiva vai ter como consequência a maior ou menor eficácia do mecanismo de reinternalização dos conteúdos projectados, desta feita transformados. De acordo com o grau de eficácia deste movimento, podemos encontrar diversas situações, que se posicionam num espectro que vai desde o acolhimento no psiquismo de continente transformado - dando origem a um movimento de expansão mental - até à recusa em acolher os conteúdos que anteriormente projectou - bloqueando o processo de pensamento e sofrendo o retorno desses conteúdos sob a forma de objectos bizarros. Neste espectro, onde será que se posiciona o nosso sujeito?

Da mesma forma, o funcionamento da barreira de contacto vai ser fundamental, sobretudo ao nível da sua permeabilidade. De facto, é a flexibilidade da barreira de contacto que vai permitir a oscilação $PS \leftrightarrow D$, conduzindo à transformação e simbolização da experiência sensorial.

Quando esta barreira é inflexível, a sua rigidez imprime dificuldades ao nível da simbolização, essencialmente pelos obstáculos que cria ao processo de construir representações. De facto, a inflexibilidade da tela- β não possibilita uma comunicação fluida no interior do aparelho mental do sujeito, de modo a permitir a ligação dos elementos no interior da mente, ligação essa imprescindível para que o processo de simbolização aconteça. Por outro lado, na sua rigidez, a tela- β tem tendência a sofrer rupturas com maior facilidade, conduzindo a uma invasão do espaço mental por elementos não transformados e, portanto, não utilizáveis pela mente no processo do pensamento.

Temos, portanto, uma ampla gama de situações que vão desde a barreira de contacto funcionante, semi-flexível, mas ao mesmo tempo sólida, até à tela- β , rígida e sofrendo por isso rupturas constantes; entre estes dois opostos, podemos encontrar formas de funcionamento da barreira de contacto mais ou menos flexíveis ou mais ou menos sólidas, permitindo um maior ou menor contacto entre consciente e inconsciente e uma maior ou menor capacidade de transformação e simbolização.

Dado o impacto que a situação de maus tratos pode ter na constituição do pensamento, podemos pôr a hipótese de que será mais provável encontrar uma barreira de contacto mais construída sob a forma de tela- β , o que, com alguma facilidade, conduzirá o sujeito a situações de incapacidade de construção de representações mentais ou a situações em que vê o seu espaço mental invadido por elementos- β , que não consegue transformar.

Igualmente, o trabalho do negativo poderá conduzir ao estabelecimento de vínculos positivos ou negativos, no sentido da ligação ou, pelo contrário, do ataque à ligação. Deste modo, a capacidade para elaborar o negativo conduz a um movimento criativo, que permite o pensamento, isto porque permite a tolerância ao infinito e à separação entre sujeito e objecto.

Será, pois, este movimento criativo que permitirá a construção de representações mentais e o estabelecimento de ligação entre elas, permitindo, conseqüentemente, a procura de significado e a nomeação da experiência.

Pelo contrário, perante uma grande dificuldade em lidar com a separação e a ausência, o negativo surge como uma experiência insuportável, que conduz ao bloqueio, ao ataque à ligação e à destruição, numa tentativa de negar a separação e, portanto, a própria relação. O movimento criativo fica estagnado e o sujeito fica preso num movimento circular fechado, de onde é complicado sair e onde a expansão mental acontece dificilmente.

Mais uma vez, entre estes dois opostos, existem vias intermédias que apontam mais para a ligação, a transformação e a criação, ou mais para o bloqueio, a estagnação e a dificuldade em pensar os pensamentos.

Onde se posicionam os sujeitos adultos com história infantil de maus tratos face a esta problemática? O que é esperado é que o negativo seja vivido mais como uma experiência insuportável e menos como uma experiência passível de ser elaborada e pensada – no caso dos sujeitos funcionando predominantemente ao nível da relação parasitária, o negativo pode ser uma experiência que, em determinados momentos, desorganiza o sujeito, enquanto que, quando funciona ao nível da relação comensal, o sujeito pode negar a existência sequer dessa separação, fazendo uma escotomização de tudo o que, na relação consigo próprio e com o outro, lhe possa lembrar essa realidade.

Assim, a simbolização pode surgir ao nível da construção de elementos oníricos, míticos e conceitos, utilizáveis pelo pensamento no processo de transformação do vivido, ou pode ficar reduzida ao estabelecimento de equações simbólicas. Se os símbolos são pontes que unem o que está separado, na medida em que o processo dialéctico de separação / simbolização é uma ligação a outro nível (Cabral, 1998), a equação simbólica faz uma disjunção, separa, cliva.

O processo de significação e transformação estará dificultado. É, portanto, de esperar movimentos regredientes intensos, que dêem conta das dificuldades do sujeito, nomeadamente da vivência do self como danificado. Se a dor mental não é vivida, não pode ser significada, transformada, utilizada no sentido da expansão mental. Este bloqueio fará com que o negativo seja vivido nas suas formas destrutivas, como um buraco negro impossível de suportar.

Qual será, então, o percurso traçado desde a experiência vivida até à sua inscrição no espaço mental? No fundo, a questão será perceber o que é que o sujeito adulto faz, no seio do seu aparelho mental, com a experiência de maus tratos vivida na infância.

Por um lado, qual o impacto que a experiência de maus tratos poderá ter tido na constituição do pensamento do sujeito e, simultaneamente, como é que o sujeito inscreve a experiência nesse mesmo pensamento, utilizando os recursos que tem disponíveis para o fazer – quais os sentidos que lhe atribuí, que símbolos constrói para a poder representar mentalmente, como pensa esta experiência e, finalmente, que transformações são possíveis através do pensamento?

V. OBJECTIVO DO ESTUDO

Os maus tratos infantis são uma situação que, neste trabalho, queremos tratar como um conteúdo que é recebido em continente, ou seja, uma experiência que é vivida por um sujeito, que tem um determinado impacto emocional e que conhece um destino, diferente consoante o sujeito em causa, no seu aparelho mental. Nesta medida, a questão que nos interessa aqui é o percurso que esta experiência trilhou no espaço mental do sujeito, desde a experiência emocional até à forma como o sujeito deu sentido à experiência e à forma como esse sentido se vai transformando, unindo-se a novos significados, que vão sendo construídos na dinâmica da relação ♀ ♂.

A criança mal tratada e o adulto em que esta se tornará vai, portanto, acolher a experiência no seu psiquismo como um conteúdo, o qual vai sofrer determinado destino consoante a função continente disponível - pode ser evacuado, pode danificar o continente que o acolhe, pode ser transformado em diferentes sentidos e de diferentes formas, pode ser ligado com outros conteúdos, formando, por exemplo, conjunções constantes que funcionarão como novo continente para receber novos conteúdos. Desta feita, o destino que terá, no interior da mente do sujeito, a experiência emocional associada à situação de maus tratos pode ser variado, consoante a situação vivida, mas sobretudo consoante a pessoa e os instrumentos psíquicos de que dispõe no momento dos maus tratos e também aqueles que adquire ao longo do seu processo de crescimento mental.

Perante um sujeito adulto com história infantil de maus tratos, tentamos reconstruir especulativamente como é que esta experiência foi vivida, acolhida e pensada no período em que o sujeito a sofreu e que transformações conheceu posteriormente. Assim, pretendemos clarificar, para o sujeito adulto sobre o qual nos debruçámos, quais as diferentes significações que pode ter a experiência de maus tratos continuados, perpetrados e/ou consentidos pelas figuras parentais.

Deste modo, procuramos compreender que símbolos podem ser construídos para representar a experiência, que representações e afectos se conjugam nestes símbolos, como é que os símbolos se integram no sistema simbólico do sujeito como um todo, como são transformados e como transformam o aparelho mental que os produziu.

Nesse momento, podemos então falar de inscrição da experiência no espaço psíquico do sujeito, não mais como um objecto real, mas como um elemento psíquico, com uma determinada natureza e constituição, que pretendemos clarificar. Iremos, então, focar os aspectos que decorrem do modelo apresentado.

A) O funcionamento mental do sujeito ao nível da relação continente-conteúdo será um dos nossos focos de interesse. Qual o funcionamento predominante de continente-conteúdo – parasitário, utilizando a identificação projectiva para evacuar os conteúdos, evitando desta forma gerir o negativo e a separação entre sujeito e objecto? Comensal, criando uma impermeabilidade ao outro e ao que advém da relação? Ou simbiótico, acolhendo os conteúdos e procurando transformá-los, usando a identificação projectiva para entrar em contacto com o outro e gerindo a separação entre sujeito e objecto?

B) Desta forma, a observação do funcionamento da função- α enquanto processo transformador vai-nos possibilitar posicionar o sujeito num espectro que vai desde a ligação, transformação e simbolização da experiência emocional até à evacuação, a estagnação e o bloqueio mentais. No sujeito de que nos ocuparemos, esperamos encontrar mais frequentemente uma situação de falência da função- α , que dará origem a situações de incapacidade para acolher os conteúdos, pela ausência de uma função continente eficaz, ou incapacidade para os transformar, pela paralisia da função transformadora.

C) A identificação projectiva permitirá dar um nome à experiência emocional ou, pelo contrário, evacuar essa experiência. Na problemática que nos importa aqui, esperamos encontrar movimentos que se aproximam mais de um mecanismo de evacuação da experiência, a qual se torna insuportável para a mente do sujeito, predominando, portanto, os vínculos negativos, isto é, aqueles que visam destruir a ligação, em detrimento dos vínculos positivos.

D) A barreira de contacto, pelas suas características de solidez e flexibilidade, ou, pelo contrário, de fragilidade e rigidez, vai conferir maior ou menor capacidade de comunicação no interior da mente do sujeito, permitindo uma maior ou menor ligação dos elementos psíquicos entre si. No nosso estudo, a nossa expectativa é que a barreira de contacto se aproxime mais de uma tela- β , a qual, com alguma facilidade, conduzirá o sujeito a uma situação de vazio psíquico, pela incapacidade de acolher os conteúdos, ligá-los e transformá-los, ou a uma situação de invasão do espaço mental por elementos- β , não transformados e não utilizáveis para a construção de representações.

E) Finalmente, o trabalho do negativo pode permitir a expansão da mente e a capacidade criativa, quando o aparelho psíquico do sujeito em questão tem capacidade de tolerância ao negativo, ou pode conduzir o sujeito à vivência do negativo como um buraco negro, onde algo que devia estar não está. O que é esperado neste trabalho é que o negativo seja vivido mais como um algo insuportável e menos como uma experiência que pode ser elaborada, desorganizando o sujeito quando este reconhece a experiência de separação entre o sujeito e o objecto, ou sendo evitado e escotomizado, posto que tal abismo não pode ser olhado e ainda menos pensado.

F) Desta forma, qual é o grau de eficácia da função simbólica no sujeito? É de esperar que fique mais próxima das equações simbólicas e mais longe da capacidade de construção de elementos oníricos, míticos e ainda menos de conceitos. O processo de comunicação do sujeito no interior de si mesmo e com o outro vai provavelmente estar dificultado, devido à forma como funcionam os mecanismos psíquicos que permitem, quando funcionantes, o estabelecimento dos elos de ligação.

Para chegarmos a essa clarificação, debruçarmo-nos-emos sobre um instrumento específico de avaliação psicológica, o Rorschach, seguindo as propostas de Marques (1996; 1999) no entendimento que fazemos desta metodologia.

O nosso objectivo será, portanto, seguir o modelo de estudo de protocolo, nomeadamente do protocolo de uma pessoa adulta com história infantil de maus tratos. Para isso, iremos utilizar concepções que não são aquelas que habitualmente constituem o discurso sobre o Rorschach (a lógica psicométrica ou a da psicopatologia estrutural), com o objectivo de compreender uma dinâmica específica, que não é em geral abordada por estas concepções. Assim, procuramos demonstrar a sensibilidade da técnica às dimensões do psiquismo postuladas pela teoria bioniana, o que implica um apuramento dos factores da técnica que nos permitem fazê-lo. O trabalho sobre a metodologia será, portanto, adaptar a análise do instrumento para que este possa captar outras dimensões da realidade psíquica, através do levantamento dos factores da técnica que o possam admitir. A análise do protocolo será, então, uma ilustração das possibilidades da metodologia Rorschach.

A metodologia Rorschach é, na nossa perspectiva, aquela que mais facilmente nos permitirá aceder à dimensão da significação, posto que os modelos propostos pela autora para a análise e interpretação dos protocolos assentam precisamente nas concepções que dão conta da relação, da transformação, da ligação e da construção de sentido. Deste modo, a prova permite o acesso aos processos dinâmicos de funcionamento mental, quer no sentido do crescimento mental, quer no sentido do bloqueio, da estagnação e, eventualmente, da destruição.

Esta metodologia funda-se no mecanismo da projecção, ou mais exactamente, segundo a autora, no mecanismo da identificação projectiva. É, então, no processo de resposta-Rorschach que podemos aceder ao modo como o sujeito constrói de forma singular e idiossincrática as imagens que, neste contexto, tomam o valor de símbolos. De cartão a cartão, de resposta a resposta, constrói-se uma narrativa pessoal que dá conta da forma como o sujeito vive a situação Rorschach e dos significados que lhe atribui, e de como os comunica no contexto em que esse processo acontece.

Deste modo, a prova surge como um espaço em que, segundo a autora, se entrecruzam quatro eixos fundamentais – os aspectos da relação, da interpretação, da comunicação e da simbolização.

Efectivamente, a situação Rorschach convoca a relação do sujeito consigo mesmo, do sujeito com os seus objectos internos, convocando igualmente fenómenos transferenciais, aspectos que irão condicionar a emergência das respostas.

Por outro lado, o conceito de comunicação é fundamental, visto que, como vimos, não há pensamento ou linguagem que não se inscrevam numa lógica comunicativa – o Rorschach proporciona um momento estético de integração numa imagem-conceito dos vários elementos da situação que contribuem para a produção de significados (o eu, o outro, a mancha, a relação).

A interpretação é baseada, portanto, numa lógica complexa, em que há uma procura de um sentido reportável ao sujeito e à representação que ele faz da situação de teste, no contexto da relação continente-conteúdo e convocando a identificação projectiva, a barreira de contacto, o trabalho do negativo.

Finalmente, encontramos o conceito de simbolização, no sentido em que as imagens e as palavras que o sujeito profere se reportam a um universo de significação que estrutura o mundo interno do sujeito, remetendo sempre para uma dupla dimensão - para aquilo que o sujeito é, ou seja, para a sua completude, mas também para aquilo que não é, ou seja, para a sua incompletude, para aquilo que o sujeito conhece, mas também para tudo aquilo que não conhece acerca de si próprio, para a sua infinitude.

Assim, o Rorschach permite aceder à possibilidade ou dificuldade do sujeito se envolver em e expressar processos de mudança, progressão, expansão mental, pela actividade de ligação, transformação e criação que propicia; isto porque podemos considerar a resposta Rorschach «como sendo um 'novo objecto' que nasce da confrontação – ligação e separação – entre objecto interno e externo, que impõe um trabalho de transformação, de construção e de comunicação de um sentido, submetido pelo contexto situacional e relacional onde as respostas são solicitadas, emergem, são criadas e depois comunicadas» (Marques, 1999, pp. 192).

Perante a situação desorganizadora imposta pelo material, impõe-se a actividade do pensamento, criando imagens-símbolos que podem ser entendidas como fruto da comunicação entre diversas partes do sujeito, entre o sujeito e o objecto (mancha), entre o sujeito e o outro que lhe propõe esta situação, comunicação essa suportada pela dinâmica da relação ♀♂.

O Rorschach pode, então, surgir como um continente onde se exercitam relações dinâmicas e se buscam sentidos, através de oscilações entre dentro e fora, sujeito e objecto, processo primário e processo secundário, dispersão e integração.

Recorrendo a esta metodologia, vamos, pois, procurar no sujeito do nosso estudo, uma mulher adulta com história infantil de maus tratos, o seu processo singular de construir sentidos, atribuir significações, dar nome a uma experiência. Procuramos não só o resultado final – a resposta-Rorschach –, mas também e sobretudo o processo da sua construção, na medida em que este nos dá conta do funcionamento mental que o suporta, nomeadamente nas vicissitudes da relação ♀♂, tal como a definimos anteriormente.

VI. MÉTODO

O Rorschach

Segundo Marques (1999), as metodologias projectivas têm em conta vários elementos: o significado do instrumento (as metodologias projectivas teorizam as possibilidades inerentes ao próprio instrumento, levando em conta, na sua aplicação, a forma específica como cada sujeito reage à situação); a lógica do sujeito (nas metodologias em questão, privilegia-se a lógica do sujeito em detrimento de uma lógica de validade e comparação do instrumento); e os modelos de compreensão do sujeito (as ditas metodologias baseiam-se em modelos compreensivos psicanalíticos, quer do sujeito definido em termos de pulsões, afectos e defesas, quer em termos de relações objectais, quer ainda, como é o caso neste trabalho, em termos da relação ♀♂).

Neste contexto, podemos distinguir a metodologia projectiva dos instrumentos ou provas projectivas propriamente ditas. Deste modo, a metodologia Rorschach está ligada com a forma como o instrumento Rorschach é usado e aplicado, e com que fins. Segundo a escola francesa, nomeadamente Chabert (1998), o Rorschach analisa fundamentalmente dois grandes eixos - a representação de si e a representação da relação.

A representação de si define-se num sistema de relações objectais, baseada num equilíbrio entre investimento objectal e investimento narcísico. Encontramos, então, um certo número de elementos que estão em relação com a diferenciação entre o sujeito e o objecto (cartões em que é solicitada a problemática da identidade – por exemplo, cartões I, V e VII) e, por outro lado, um certo número de elementos que se relacionam com a diferenciação sexual (cartões em que é solicitada uma problemática de identificação – por exemplo, cartão III).

No que se refere à representação da relação, podemos evidenciar, por um lado, o registo conflitual e os níveis de desenvolvimento libidinal a que os cartões apelam e, por outro lado, as mobilizações económicas induzidas pelos cartões, assim como os arranjos que eles sugerem ou permitem.

O instrumento Rorschach é composto por dez cartões, com características específicas. A simetria está presente nas dez situações apresentadas e contém em si o valor de organizador psíquico, unificando as manchas e conferindo-lhes coesão.

Assim, temos cartões compactos (I, IV, V, VI, VIII), cartões bilaterais (II, III, VII, IX) e ainda o cartão X, que é disperso. Enquanto que os primeiros remetem mais facilmente para a representação de si, os segundos remetem mais frequentemente para a representação da relação; o cartão X apresenta uma situação particular, na medida em que activa angústias primárias (angústia de fragmentação) e representa a ruptura da relação estabelecida entre psicólogo e sujeito ao longo da recolha do protocolo, bem como a ruptura da tarefa propriamente dita, ou seja, do material e da actividade interpretativa.

Podemos também agrupar os cartões considerando aqueles que apresentam manchas abertas (II, III, VII, VIII, IX, X), dado o seu aspecto menos denso e mais continente, e aqueles que apresentam manchas fechadas (I, IV, V, VI), cujo aspecto compacto se associa à presença de apêndices salientes. Assim, enquanto que as primeiras solicitam uma mobilização fantasmática associada ao materno / feminino, nas segundas destacam-se as referências fálicas, vinculáveis à representação do paterno / masculino, mais marcadas nos cartões IV e VI, enquanto que o cartão I remonta a uma imagem arcaica do objecto primário e o cartão V remete mais para a problemática da identidade e da coerência do *self*.

No que respeita às cores, temos cartões pretos, brancos e cinzentos (I, IV, V, VI, VII), cartões que integram a cor vermelha (II, III) e a série pastel (VIII, IX, X). Enquanto que as cores acromáticas remeterão para afectos depressivos, a cor vermelha reactiva aspectos pulsionais, libidinais e / ou agressivos. Por seu lado, as cores pastel estarão mais ligadas com afectos de ternura ou aspectos mais regressivos. O branco está presente em todos os cartões e permite a diferenciação figura-fundo; segundo Chabert (1998), é muito significativo quando é interpretado pelo sujeito, na medida em que remete para a falta, a ausência e o vazio psíquico. Outros autores, como Roman (1996; 2001), abordam o branco como marca de um processo psíquico que se estabelece no registo do negativo.

Quando encaramos o Rorschach enquanto metodologia, o instrumento aparece como materialização da teoria. É de realçar, então, o valor simbólico particular de cada cartão, que será o pano de fundo em relação ao qual a interpretação das respostas remonta.

De acordo com os trabalhos de Anzieu (1976), Traubenberg (1970 / 1997) e Chabert (1998), a solicitação simbólica de cada cartão é essencial quando olhamos para o Rorschach como uma metodologia que pretende estudar os processos psicológicos idiossincráticos de cada sujeito, na forma como permitem o desenvolvimento, a expansão mental e a criação ou, pelo contrário, bloqueiam, estagnam e conduzem à desadaptação. De facto, a solicitação simbólica dos cartões aponta para a capacidade de simbolização do sujeito e para a matriz simbólica do pensamento (Marques, 1999).

Dada a liberdade de expressão e de tempo, o constrangimento provocado pela regra da não omissão e a regra da abstinência, e a conflitualidade evocada pelo estímulo e pela instrução, a situação Rorschach é uma situação que remete para o negativo. O aspecto caótico do estímulo, em que a simetria é o único aspecto sistemático, estabelece uma situação que mobiliza a angústia de perda da forma, o que remete, inconscientemente, para a angústia de perda do objecto. Perante a ausência, o negativo, é pedido ao sujeito que dê sentido, que crie, que simbolize o objecto.

Assim, a situação Rorschach pode ser vivida como um espaço em que os conflitos, necessidades e desejos pessoais podem ser actualizados, isto é, um espaço potencial, ou pode reactivar o fenómeno do vazio psíquico, de sideração perante as solicitações latentes do material. Isto provoca, por um lado, movimentos de regressão e mobilização do imaginário e, por outro, desencadeia angústia e activa os mecanismos de defesa (Anzieu, 1976).

Podemos ainda entender a situação Rorschach como uma situação catastrófica, no sentido bioniano, na medida em que existe um duplo confronto - em relação ao psicólogo e em relação ao estímulo; é uma situação desorganizadora, que exige a criação de símbolos, os quais surgem na ausência (Marques, 1999).

Neste sentido, o Rorschach coloca em questão a existência ou não da possibilidade de expansão da mente, isto é, do funcionamento em sistema aberto que permita o crescimento mental e a actividade de ligação, transformação e recriação. Segundo Husain (1994), a interpretação das manchas no Rorschach dá conta de um percurso que vai do desligamento ao estabelecimento da ligação.

Por essa razão, Husain, Merceron e Rossel (2001) imprimem uma extrema importância à análise da verbalização e do discurso no Rorschach, partindo do pressuposto que a linguagem que o sujeito utiliza é determinada pelo seu inconsciente, pelo processo de socialização, pelo próprio teste enquanto objecto e pelo impacto que este provoca no aparelho mental do sujeito.

A importância conferida ao discurso advém das autoras considerarem que a verbalização implica uma sequência, um vector que se dirige algures (que é, por exemplo, rompido pela repetição incessante dos mesmos conteúdos de cartão em cartão) e se caracteriza pela sua não uniformidade e polissemia, mas sem perder, apesar de tudo, a sua coerência.

Para Marques (1999), a resposta Rorschach será, então, o compromisso possível entre o que de mais significativo rege o mundo interno do sujeito e aquilo que de mais significativo ele retém das características do mundo externo, daí que as imagens dadas pelo sujeito englobem elementos da realidade externa, mas com a interferência dos processos internos, mais ou menos inconscientes.

Na resposta Rorschach, assistimos, portanto, à criação de um novo objecto, que convoca o símbolo, na medida em que este permite tolerar a separação, a frustração, o carácter desconhecido, vale dizer, o vazio e o negativo do objecto. O processo de resposta Rorschach é, então, um trabalho de produção de significados, tendo em conta o conflito dominante e a relação que o sujeito estabelece internamente com os seus objectos e a oscilação entre percepção realista e sonho / rêverie (Marques, 1999).

Consequentemente, a resposta Rorschach não implica somente a projecção de um conflito, mas também a forma como o sujeito organiza o campo das experiências através da construção de sentidos (no limite, a construção do objecto interno).

Assim, a resposta Rorschach implica o estabelecimento de elos de ligação entre as diversas partes do sujeito e entre o sujeito e a situação projectiva no seu todo. Dar um sentido à mancha é um processo de transformação, baseado no recurso ao símbolo e, consequentemente, ao pensamento, numa oscilação contínua entre integração e dispersão, ligação e desunião, falha e símbolo. As manchas apresentam o caos aos olhos do sujeito, caos do qual emergirá uma nova - velha ordem: nova porque criativa e velha porque baseada em experiências e em relações de resignificação (Marques & Aleixo, 1994; Marques, 1996, 1999).

Nesta linha, encontrámos apenas um trabalho que se aproximava na metodologia e na população do nosso próprio estudo. De facto, Montreuil, Dubus, Castelain e Elipot (1996) desenvolveram uma investigação com mulheres adultas, vítimas de maus tratos infantis, analisando protocolos de Rorschach, entre outros dados, de dois grupos de mulheres – aquelas que, mal tratadas na infância, sofreram ainda um abuso sexual incestuoso, e aquelas a quem isso não aconteceu, embora também tenham sofrido maus tratos na infância.

Estas autoras destacaram diversos elementos, patentes nas provas projectivas, como o vivido depressivo, oscilando frequentemente com a vivência persecutória do objecto, a fragilidade identitária e dos limites, as dificuldades ao nível da separação-individuação e a actualização do traumatismo sexual aquando da passagem das provas projectivas, quer nas mulheres abusadas sexualmente, quer naquelas que não o foram. Finalmente, foram ainda destacados as dificuldades no manejo da agressividade e os mecanismos de identificação ao agressor.

No entanto, se alguns elementos deste estudo nos vão interessar quando delinearmos os procedimentos de acordo com os quais iremos analisar os protocolos, de um modo geral, a nossa investigação afasta-se desta nos objectivos que persegue – nomeadamente, a compreensão do processo de acolhimento, transformação e inscrição dos maus tratos na vida psíquica do sujeito.

Procedimentos de análise

Sendo uma metodologia muito trabalhada, o Rorschach destaca-se face a outras provas projectivas na medida em que tem já um conjunto de procedimentos e grelhas de análise consubstanciados pelos trabalhos de diversos autores, nomeadamente Chabert (1998; 2000) e Trautenberg (1970 / 1997). Por essa mesma razão, podemos aplicar a esta prova, na senda de Marques (1999), novas abordagens e novas formas de olhar o instrumento, já não apenas suportadas pela teoria freudiana, mas também por posteriores alargamentos da teoria psicanalítica, como é o caso da teoria bioniana, numa lógica de complementaridade e não de substituição de umas pela outras.

Os movimentos e processos solicitados no Rorschach vão permitir observar a natureza da organização interna dos sujeitos, entre o tempo e o espaço internos e o tempo e o espaço externos, no aqui e agora da situação Rorschach. Apesar de termos em conta alguns aspectos do psicograma, iremos claramente privilegiar uma análise qualitativa dos protocolos, tendo em atenção estes procedimentos, os quais nos parecem dar conta do objecto que nos propomos estudar.

Neste sentido, e de acordo com os objectivos deste trabalho, agrupamos os procedimentos a analisar no protocolo em dois grandes eixos de análise.

1. Os processos de ligação, criação e transformação a que o sujeito acede face à situação com que se confronta, o que convoca a capacidade de simbolização; esta, por sua vez, interliga-se com o funcionamento da barreira de contacto e do trabalho do negativo. Qual a qualidade do confronto do sujeito com a mancha? Que movimentos defensivos são convocados? Quais os movimentos regredientes e progredientes efectuados pelo sujeito e porque razão surgem? Que tipo de símbolos são construídos – é reconhecida a ausência, o negativo, e sobre isso criam-se elos de ligação, ou essa ausência é negada, negando a separação sujeito-objecto?
2. O processo de comunicação do sujeito consigo mesmo e com a mancha, entendida como objecto no sentido psicanalítico, ilustrado pela forma como o sujeito utiliza a função- α e o mecanismo de identificação projectiva, no contexto da relação $\text{♀} \text{♂}$. De que forma a função- α opera sobre a experiência emocional? Opera de facto como função transformadora, criando elementos psiquicamente manejáveis? A identificação projectiva surge como a busca de sentido ou como procedimento de evacuação? Dito de outro modo, surge de forma patológica, conferindo, por exemplo, um colorido persecutório à mancha, ou ao serviço da comunicação, em que, através deste movimento, o sujeito explora o significado e dá sentido à mancha?

Processos de ligação, criação e transformação

Os processos de ligação, criação e transformação que ocorrem na mente do sujeito perante a situação Rorschach convocam a função- α , a qual, por sua vez, se interliga com o funcionamento da barreira de contacto e do trabalho do negativo.

Tal como foi anteriormente explanado, a situação vivida pelo sujeito obriga a que se accionem determinados processos mentais, que vão ser responsáveis pela forma como a experiência vai ser tratada no interior da mente do sujeito. Desta forma, podemos encontrar uma função continente que acolhe a experiência e uma função- α que transforma as sensações perceptivas em elementos- α , isto é, elementos manipuláveis pela mente do sujeito.

Estes elementos são o nome que o sujeito vai dar à experiência, ou seja, a função- α é o processo mental que nomeia as vivências e lhes atribui sentido(s); uma experiência assim nomeada poderá então ser inscrita no aparelho mental do sujeito e ser ligada com outras experiências, criando novos símbolos e permitindo a comunicação. Para isto acontecer, concorre ainda a barreira de contacto, sendo responsável pelo processo de comunicação no interior do sujeito.

Pelo contrário, podemos encontrar uma mente que não acolhe a experiência, porque esta tem um carácter intolerável, evacuando desta maneira a vivência do espaço mental do sujeito. Com este movimento de evacuação, aliado a uma barreira de contacto construída sob a forma de uma tela- β , perde-se a possibilidade de nomeação, significação, inscrição e transformação da experiência vivida.

Posto que não existe um sujeito que acolha na sua mente toda e qualquer experiência, nem um sujeito que não contenha nenhum tipo de vivência, qualquer que ela seja, o que encontramos num certo sujeito é um determinado grau de intolerabilidade face a determinadas experiências, variável consoante a pessoa em causa. No caso dos sujeitos que aqui nos ocupam, e de acordo com a revisão teórica apresentada, esperamos encontrar sujeitos que apresentem um grau mais ou menos elevado de intolerabilidade face à experiência evocada pelo Rorschach, material este que coloca em jogo aspectos diversos da construção mental do sujeito enquanto pessoa.

Vamos, pois, procurar perceber quais os símbolos que o sujeito constrói face ao objecto Rorschach e de que forma transforma a mancha e lhe confere sentido. O modo como se apropria das manchas, o sentido que lhes dá, o aparecimento de espaços diferenciados ou, pelo contrário, confundidos, a forma como consegue ou não ligar, recriar, transformar o estímulo, os movimentos regredientes e progredientes, reflectem a forma como o sujeito se distingue ou se confunde com o objecto e as características dos seus processos de simbolização e transformação.

A situação Rorschach pode ser vivida como uma situação continente em relação à emergência de conteúdos diversos que surgem num contexto e situação determinados, onde se exercitam relações dinâmicas e se buscam sentidos, através da oscilação entre dispersão e integração. Há, então, um processo de transformação, na medida em que o estímulo se constrói como uma impressão sensorial a organizar como percepção – transformação, dando conta da existência ou não no sujeito das potencialidades de contenção, elaboração e transformação das representações e dos afectos (Marques, 1999).

Segundo a autora, subjacente à resposta-Rorschach, encontra-se um processo de ligação, criação e transformação, sendo que a resposta será o resultado transformado em $\varphi \sigma$, do encontro e comunicação entre o sujeito e o objecto – é, portanto, um símbolo.

Mas que tipo de símbolo, perguntaríamos nós? As particularidades da forma como o sujeito procede face à situação Rorschach, o impacto que as manchas têm no sujeito, como o sujeito gere esse impacto e que destino lhe dá, todos estes elementos são fundamentais se procuramos perceber a capacidade do sujeito para utilizar a prova como espaço transformador.

Assim, a metodologia escolhida permite ver em funcionamento o trabalho psíquico que começa com o confronto do sujeito com a mancha, isto é, com a experiência e o impacto emocional que esta imprime no sujeito, até à inscrição desta experiência, condensada na resposta que é dada. Entre um momento e outro, há um caminho que se trilha, que nos permite observar como é que o sujeito lida e o que faz da experiência.

O sujeito acolhe ou não este objecto que é a mancha? Se a experiência é acolhida no espaço mental do sujeito, como é que a sua função- α procede face a este novo conteúdo? Que tipo de transformações se operam e com recurso a que mecanismos? Que tipo de símbolos são construídos e como é que o sujeito representa esta nova experiência? Como é que, finalmente, a experiência de confronto com a mancha é inscrita no espaço mental do sujeito de modo a ser produzida uma resposta, que é comunicada ao outro no contexto da aplicação da prova?

Efectivamente, o Rorschach pode ser pensado como uma situação que coloca à prova precisamente a capacidade do sujeito para se confrontar com uma nova experiência, acolhê-la e inscrevê-la no seu sistema simbólico, permitindo-nos portanto observar esse processo, como também dar conta do próprio sistema simbólico como um todo. Isto é, na nossa perspectiva, o Rorschach permite-nos não só compreender como é que o conteúdo (neste caso, a mancha, com a sua solicitação latente) é acolhido e transformado, mas também a qualidade do continente que o recebe.

Diversos elementos na situação Rorschach permitem precisamente esta análise, como seja a simetria das manchas, a partir de um eixo central, organizando as manchas, unificando-as, dando-lhes coesão, mas que pode igualmente solicitar a dimensão especular. Neste sentido, o Rorschach revela a função continente do sujeito na medida em que põe em jogo a capacidade de expansão da mente, no sentido do crescimento, da abertura, da transformação, ou, pelo contrário, do encerramento na lógica do duplo, do igual e, portanto, da estagnação, do bloqueio, da morte (Marques, 1999).

Por seu lado, Roman (1996; 2001) conceptualiza o branco no Rorschach como o organizador do processo projectivo – quando se constitui como espaço de inscrição das potencialidades criativas do sujeito, o espaço branco pode ser um espaço diferenciador e estruturante. Pelo contrário, na ausência de uma capacidade de estruturação da mente e de uma barreira de contacto suficientemente desenvolvida, o branco não pode assumir esta função estruturante, tornando-se num vazio insuportável.

Assim, o branco pode surgir com uma função enquadrante, como um continente que abarca a figura, ou como espaço vazio, aterrorizador e persecutório - como o branco do pensamento, a ausência de representação.

O que é representado pelo branco pode ser, então, a incapacidade para pensar - o negativo deixa de ser a fonte de um trabalho, para se tornar a suspensão da actividade psíquica (Green, 1991).

O trabalho do negativo será uma das dimensões que iremos observar a partir da metodologia. É este trabalho mental que, funcionando juntamente com a barreira de contacto no sentido da ligação, transformação e criação, irá permitir o estabelecimento de vínculos entre o interno e o externo, entre o passado e o presente, entre o presente e o ausente. A capacidade de tolerar o negativo, a ausência, o espaço radicalmente vazio que separa sujeito e objecto, pode permitir olhar para este espaço não como um abismo, mas como um espaço de criatividade, a qual possibilita a construção de representações mentais diversas, que surgem não como uma certeza e um fim, mas como uma busca, um caminhar em direcção a algo.

Por oposição, a intolerabilidade face ao negativo conduz o sujeito ao ataque ao vínculo, à destruição, no limite, à morte. Entre estes dois opostos, podemos encontrar vias intermédias que apontam mais no sentido do crescimento ou mais no sentido do bloqueio e da estagnação. Estes movimentos podem incluir a sideração perante o vazio, a desorganização mental, com emergências em processo primário, a escotomização de todos os elementos que sugiram a ausência e a separação, a necessidade de encontrar uma resposta certa que ponha um fim à dúvida insuportável.

Segundo Roman (1996; 2001), devemos atentar à apreensão do branco na situação-Rorschach, pois implica um processo psíquico estabelecido no registo do negativo, reenviando para a capacidade de organização do sujeito.

A actividade que tem origem no branco provém de uma forma de pensamento arcaica, tendo como eixo central a experiência da alucinação negativa do seio, isto porque a cor branca se constitui como um espaço de inscrição de potencialidades e de formas primitivas de elaboração do eu, mas também de rupturas precoces na constituição do eu.

O Rorschach obriga, portanto, o sujeito a um trabalho psíquico que vai desde a percepção da mancha até à produção da resposta, trabalho psíquico que espelha aquele que o sujeito faz quando se confronta com uma experiência real, até ao momento em que a inscreve no seu aparelho mental.

Ora, a simbolização pode surgir no movimento criativo ou limitar-se a estabelecer equações simbólicas (Segal, 1978); neste último caso, o processo de criação e transformação estará dificultado, porque o falso “símbolo” é confundido com o objecto concreto, tornando-se por essa razão muito menos manejável mentalmente. É, portanto, de esperar movimentos regredientes com maior ou menor intensidade, em que emergem de forma súbita as dificuldades do sujeito e a dor mental subjacente.

Deste modo, recorrendo à literatura publicada sobre a prova, podemos destacar diferentes elementos que dão conta da capacidade do sujeito utilizar o Rorschach como espaço potencialmente transformativo.

Rebourg, Tychev e Vivot (1991), bem como Bacqué (1992), dão relevância à produtividade geral elevada sem um aumento de F%. Também Lefévre e Chomé (1999) realçam este elemento como dando conta da consistência dos continentes do pensamento, bem como a manutenção da qualidade formal e a delimitação clara dos contornos do percepto.

Outro elemento que nos dá conta da possibilidade do sujeito utilizar o Rorschach como meio transformador é precisamente a capacidade lúdica do sujeito no contexto da prova, realçada por Handler (1999). A capacidade para utilizar a prova como espaço de jogo livre aparece na criação de cenários relacionais atravessados por L+.

Outros autores, como Rebourg, Tychev e Vivot (1991) e Lefévre e Chomé (1999), salientam a originalidade das respostas (e, logo, a não utilização excessiva das respostas banalidade), nomeadamente quando são respostas globais elaboradas, dando conta da mobilização e ligação entre elementos internos e externos. Também as respostas (A) podem dar conta da fluidez da fantasia e da capacidade lúdica do sujeito.

Tanto Rebourg et. al. (1991) como Bacqué (1992) relevam igualmente a variedade dos processos de construção da resposta-Rorschach – a variedade dos determinantes, das localizações, dos conteúdos, das operações defensivas, sobretudo quando seguidas de movimentos progredientes, dão conta de uma plasticidade do aparelho mental que permite ter acesso às representações a todo o momento, sem bloqueios de maior importância ou recusas.

Neste sentido, a rede de representações solicitada pelo material é tanto maior quanto maior a capacidade do sujeito usar a prova como espaço potencialmente transformador, bem como a variedade dos elos que as ligam, o que surge na modulação dos tempos de latência, no ritmo das respostas, no TRI e nos comentários que indiquem a variedade do acesso às representações, desde que estas se mantenham estáveis, sem confusões ou contaminações.

Da mesma forma, as cinestésias são apontadas pelos vários autores (Rebourg et. al., 1991; Chabert, 1998, 2000; Lefévre e Chomé, 1999) e são, quanto a nós, índices de uma boa capacidade para utilizar o Rorschach como espaço continente de transformação. Assim, é dada relevância a um número elevado de cinestésias, particularmente cinestésias humanas, acompanhado por um número ligeiramente inferior à norma de F% e A%, e à qualidade dessas respostas. No entanto, é de salientar que, pelo contrário, as cinestésias, quer humanas, quer animais, quando associadas a más formas (e, em geral, a deterioração formal) dão conta de movimentos regredientes em que os objectos surgem atingidos na sua integridade, reflectindo o ataque aos vínculos e a incapacidade para ligar, transformar e criar um novo objecto.

Destacamos ainda, de acordo com os autores (Rebourg et. al., 1991; Bacqué, 1992; Chabert, 1998, 2000), a sensibilidade do sujeito ao simbolismo dos cartões e a sua capacidade para transformar os elementos angustiantes, dando-lhes uma forma, atribuindo-lhes um nome, simbolizando-os, portanto.

Nesta linha, Emmanuelli (1993) vem destacar a importância da sublimação no Rorschach, surgindo em respostas C e F com conteúdo simbólico, respeitando as solicitações latentes dos cartões e representando o conflito pulsional e o conflito inerente à relação objectal.

Pelo contrário, a dificuldade em utilizar o Rorschach como espaço de transformação surge na redução do número de respostas, no baixo número de K, no aumento do F%, Ban e A%, nas reacções de choque ou nas recusas, no aparecimento das respostas Anat e na ausência de sensibilidade à solicitação simbólica dos cartões. Assim, surge uma expressão verbal marcada pela crítica ao material, dificuldades em associar representações a elementos angustiantes, manifestações comportamentais acentuadas e, finalmente, o recurso massivo a operações defensivas de um só tipo, que conduzem, porque falham, a movimentos regredientes intensos (Rebourg et. al., 1991).

Também Frédérick-Libon (2001), utilizando também o conceito de relação $\varphi\sigma^1$, observa no Rorschach movimentos que dão conta da falência da função continente, como, por exemplo, respostas pele que dão conta de uma insuficiente delimitação entre interno e externo ou respostas que evidenciam limites corporais inconsistentes.

Ainda nesta linha, a autora dá muita importância a respostas em que a percepção é bidimensional, quando era esperável uma percepção em profundidade. Da mesma forma, a autora, tal como Lefévre e Chomé (1999), considera que respostas de contaminação, em que dois perceptos se confundem, ou condensações ideativas bizarras mostram essa mesma falência para encontrar continente para conteúdo, bem como anomalias de diferenciação figura-fundo.

Quando há dificuldades de simbolização, os sujeitos tendem a transformar os estímulos ambíguos dos cartões em perceptos vividos pelo sujeito como reais. Neste sentido, há uma dificuldade em distinguir o símbolo do objecto simbolizado: o sujeito trata a mancha como um objecto concreto, não se distanciando do cartão, mas antes fundindo-se com ele (Greenberg, Craig, Seidman, Cooper & Teele, 1987). Nesta medida, o sujeito funciona em equação simbólica, ou seja, a resposta Rorschach aparece não como um verdadeiro símbolo, mas como o resultado da identificação projectiva patológica, negando a separação entre sujeito e objecto.

Igualmente, podemos encontrar movimentos de inversão figura-fundo, que dão conta, segundo Roman (1996; 2001), da ausência de espaço entre sujeito e objecto, isto é, da fusão entre eles. A negação da ausência dificulta o desenvolvimento da simbolização - os detalhes brancos combinados e a indiferenciação figura-fundo, juntamente com a sensibilidade à simetria, dão conta deste mesmo aspecto, tendo sido estas apontadas como característica dos protocolos de Rorschach de mulheres adultas com história infantil de maus tratos (Montreuil et. al., 1996),.

A integração dos espaços brancos intermaculares na resposta pode dar conta de uma sensibilidade específica ao branco como um espaço vazio, em que falta algo. Por outro lado, a existência de muitas respostas C' dá conta desta sensibilidade específica ao branco, ligada com uma modalidade da relação $\varphi\sigma^1$ em que o acolhimento dos conteúdos e/ou a transformação dos mesmos estão dificultados.

Também as respostas Dbl, sobretudo se associados a temas de frio, branco ou vazio, podem ser inseridas nesta linha de análise, especialmente relevantes quando surgem nos cartões com simbolismo materno mais patente, como o cartão VII e o cartão IX (Chabert, 2000).

De facto, o cartão VII evoca o problema sexual na sua dimensão feminina, reactivando a imagem feminina e / ou materna, dado o esbatido das suas matizes, a sua estrutura aberta, a interpenetração figura-fundo (Traubenberg, 1970 / 1997; Anzieu, 1976). Assim, evoca a relação de objecto precoce, a imagem corporal, dada a estrutura bilateral e a associação do branco ao vazio, e o sentimento de identidade (Chabert, 1998).

Por seu lado, o cartão IX solicita à regressão, remetendo para um simbolismo materno pré-genital (Traubenberg, 1997/1970). Assim, solicita o narcisismo e as vivências de falta e insatisfação (Chabert, 1998).

A má qualidade formal das respostas nestes cartões pode ser considerada como um movimento regrediente. Por outro lado, as recusas, os choques e os equivalentes choque nos mesmos cartões dão conta de dificuldades de contacto com o objecto, o que impede a mobilização do pensamento e da simbolização, podendo emergir a ausência de sentido, a evacuação e, no extremo, a destrutividade.

Esta dificuldade em conferir sentido pode conduzir a uma tentativa de neutralização das manifestações pulsionais ou evitamento de certos detalhes da mancha.

No Rorschach, a morte pulsional aparece na tendência para paralisar o movimento, num processo de mobilização e petrificação das figuras. Esta negação dos movimentos pulsionais é especialmente relevante nos cartões II e III, cujas características e conteúdo latente reenviam para investimentos pulsionais libidinais e / ou agressivos. A associação de uma estrutura bilateral, que reenvia para a relação, e da cor vermelha, que desencadeia a reactividade pulsional, coloca em causa a capacidade de integração pulsional (Rebourg et. al., 1991; Chabert, 2000).

Segundo Chabert, certos sujeitos não interpretam as manchas vermelhas, ou, interpretando-as, não as integram na resposta, explorando a mancha ao nível formal, num movimento de delimitação do contorno da figura.

Um número elevado de respostas C', sobretudo perante a ausência de respostas C, reflecte igualmente esta tentativa de anulação dos movimentos pulsionais. Nomeadamente, encontramos a utilização de C' em detrimento de C, enquanto tentativa de neutralizar o desejo e extinguir as pulsões libidinais e / ou agressivas (Bacqué, 1992; Chabert, 2000).

O recurso às características objectivas dos estímulos pode, então, ser visto como um mecanismo defensivo de inibição dos movimentos pulsionais. A circunscrição formal surge também no peso do determinante D, numa tentativa de dominar a situação a partir de respostas em que surgem quase só elementos do externo, reflectindo o esforço de confinar, conter, controlar. De facto, um F% elevado dá conta de uma formalização excessiva, baseada no abafamento da vida fantasmática e na neutralização dos afectos e dos movimentos pulsionais. Neste sentido, o sujeito apenas tem em conta as características manifestas da mancha, ignorando o seu conteúdo latente, daí que surjam respostas sem ressonância fantasmática, que denotam a dificuldade do sujeito em utilizar o Rorschach como espaço potencialmente transformador.

A anulação dos movimentos pulsionais anula também a diferença, e, conseqüentemente, a separação entre sujeito e objecto, que surge essencialmente nas imagens especulares, expressas directa ou indirectamente, e nos fenómenos de desdobramento. Os cartões bilaterais, ao evocar a representação da relação, podem, portanto, reactivar esta dimensão especular (Chabert, 2000).

No Rorschach, a sensibilidade à simetria pode dar conta de um processo de negação da separação entre sujeito e objecto, numa tentativa de homogeneização do mundo interno, que anula as diferenças e despreza o outro enquanto tal.

Podem surgir mesmo comentários de simetria ou afirmação da duplicidade das figuras, ou então as figuras podem surgir indiferenciadas e, apesar do sujeito não clarificar que serão iguais, as figuras são tão homogéneas e tão pouco específicas, que perdem o seu carácter de diferente.

A vivência do negativo de uma forma patológica pode, então, surgir numa tendência para o nada, que se manifesta na falta de diversidade dos conteúdos, na repetição das temáticas e na sensibilidade à simetria, que reflectem a perda de sentido e o ataque aos vínculos, e que pode, eventualmente, chegar a uma recusa total e inultrapassável de determinados cartões.

No extremo, podemos assistir a movimentos regredientes em que emerge uma destrutividade intensa, mesmo cega – a perda da qualidade formal é patente e os objectos surgem não transformados, mas atingidos na sua integridade, verdadeiros objectos bizarros, o que dá conta de uma comunicação estabelecida no registo da relação ♀♂ parasitária.

Outro tipo de objectos dá conta de um retraimento narcísico, como os animais com carapaça, que reflectem um processo de evitamento da relação e do contacto autêntico com o outro e de ataque aos vínculos. Podemos estar perante uma relação ♀♂ parasitária ou comensal, consoante o vínculo é activamente atacado ou negado.

Pensamos que a relação ♀♂ comensal se estabelece precisamente quando o sujeito manifesta uma atitude de incerteza ou evitamento. Nestes casos, não assistimos a um retorno do recalçado, dada a inflexibilidade da barreira de contacto, mas a um evitamento total das representações. Assim, podem surgir respostas globais associadas a conteúdos abstractos, as quais dão conta de um evitamento de representações.

Os Dd de contorno, assim como a redução da produtividade total, reenviam igualmente para a ausência de representações, situação provocada pela impermeabilidade e inflexibilidade da barreira de contacto (Rebourg et. al., 1991).

As respostas K podem igualmente assentar no mesmo tipo de conduta, nomeadamente quando os verbos são imprecisos, a dúvida é verbalizada quando a acção é projectada, a acção é banal, estilizada ou estereotipada e o sujeito mantém-se numa atitude de neutralidade evasiva (Chabert, 2000).

Este evitamento pode também aparecer num movimento em que o sujeito, de uma imagem global, retira activamente uma parte da mancha, que não chega a interpretar. Esse movimento é tanto mais importante quando aparece nos cartões II e III, em que as partes retiradas correspondem aos detalhes vermelhos, o que dá conta de uma tentativa de neutralização das mobilizações pulsionais.

Os G vagos, associados a F±, dão conta de uma indefinição e uma indiferenciação que podemos associar a um estado de ausência de representações mentais. Podemos estar perante uma invasão do sujeito pelo objecto – as características do estímulo invadem o espaço psíquico do sujeito, de tal forma que este não consegue organizá-lo em imagens coerentes.

As manchas não se transformam numa imagem concreta, mas permanecem um aglomerado de cores, sem forma, sem organização e sem vida. Aliás, as respostas F_{\pm} remetem, de uma forma geral, para uma atitude de incerteza e um pensamento vago que podem dar conta de uma incapacidade para ligar e transformar as representações, reflectindo o estado de vazio psíquico.

Igualmente, as respostas C ou C' puras, sem intervenção do determinante formal, dão conta de uma apreensão indiferenciada da realidade, que reenvia para esta ausência de representações (Rebourg et. al., 1991). Segundo Bacqué (1992), o alongamento dos tempos de latência, as largas omissões no discurso, a sideração e o discurso vazio ou vago são também manifestação do evitamento das representações.

Por outro lado, quando as defesas falham, assistimos a emergências massivas em processo primário, não integradas e não transformadas, reflectindo rupturas violentas ao nível da barreira de contacto, transformando a modalidade da relação $\text{♀} \text{♂}$ em parasitária.

Estas respostas podem ser consideradas elementos β , tal como Bion os definiu (Symington, J. & Symington, N., 1999), na medida em que a confrontação com o cartão provoca impressões e sensações que não podem ser acolhidas na mente, ou seja, são ♂ para os quais não existe ♀ , logo, não são elaborados nem transformados. Ora, nestas condições, não pode ser dado um sentido à mancha.

A comunicação

A mancha Rorschach pode ser entendida como objecto no sentido psicanalítico, logo, o modo como o sujeito comunica consigo mesmo e com o cartão equivale ao modo como se estabelece no seu interior a comunicação no seio da relação $\text{♀} \text{♂}$.

Como foi exposto atrás, a relação continente-conteúdo pode processar-se segundo três modelos – simbiótico, parasitário e comensal.

No primeiro caso, continente acolhe conteúdo, surgindo desse encontro um novo objecto, o qual se vai ligar com outros elementos mentais, expandindo desta maneira o espaço mental do sujeito. No segundo caso, há algum grau de acolhimento da experiência emocional, mas continente não se molda a conteúdo e conteúdo fere continente, danifica-o, e o que surge desse encontro é da ordem do desligamento, da estagnação, da destrutividade. Finalmente, no terceiro caso, continente e conteúdo não se encontram, não chegando a operar o acolhimento da experiência na mente, antes operando de imediato a evacuação. Não se cria, dessa forma, nada de novo, antes é mantido o *status quo*.

Nos sujeitos que agora nos ocupam, pensamos encontrar mais facilmente um funcionamento oscilando entre uma relação ♀♂ comensal e parasitária, e menos frequentemente momentos de relação simbiótica.

Caso os sujeitos funcionem predominantemente a um nível comensal, os traços de desconfiança face ao objecto evidenciar-se-ão pela forma como o sujeito procura ignorar o estímulo ou as partes do mesmo, ao invés de o tolerar e de o acolher em continente. Caso os sujeitos funcionem com maior predominância a um nível parasitário, o encontro com o objecto será da ordem do insuportável, ameaçando a destruição do vínculo, do objecto e do próprio sujeito. Seja qual for o caso, o processo de comunicação estará dificultado.

Segundo Marques (1999), a resposta Rorschach pode ser vista como o resultado de um movimento constante de comunicação interna, do sujeito consigo mesmo e com os seus objectos internos, num diálogo que pode ter características de vitalidade, crescimento, exploração do desconhecido ou, pelo contrário, características de negação do desconhecido, de clausura, de morte.

Os elos de ligação construídos no seio da relação ♀♂ vão permitir que, a partir daí, surjam símbolos, que se unem a outros símbolos já existentes.

Este movimento é bem ilustrado pela forma como o sujeito utiliza a identificação projectiva, no contexto, quer no sentido da busca de sentido, quer no sentido da evacuação. A identificação projectiva surge de forma patológica, conferindo, por exemplo, um colorido persecutório à mancha, ou ao serviço da comunicação, em que, através deste movimento, o sujeito explora o significado e dá sentido à mancha?

Assim, a identificação projectiva pode ser utilizada para explorar o objecto, colocando-o de alguma forma à prova, a prova da relação; desta forma, é procurado um nome para a experiência, predominando os vínculos positivos, que possibilitam o estabelecimento da ligação e, conseqüentemente, da comunicação simbólica.

Pelo contrário, o sujeito pode servir-se da identificação projectiva como forma de evacuar da mente o impacto que provoca no sujeito o encontro com o objecto, predominando, neste caso, os vínculos negativos, que visam destruir a ligação. Entre estes dois opostos, poderemos encontrar vias intermédias, como seja a identificação ao agressor (como, aliás, apontam Montreuil et al., 1996).

O Rorschach é um instrumento privilegiado, na medida em que nos permite observar o trabalho de ligação e criação de sentido em funcionamento na atitude do sujeito face à prova, na forma como aborda as várias situações apresentadas e nas respostas que consegue construir a partir dos cartões. Assim, permite-nos observar até que ponto a identificação projectiva favorece ou impede o processo de transformação, dando conta da existência ou não no sujeito das potencialidades de contenção, elaboração e transformação das representações e dos afectos.

A utilização sistemática da identificação projectiva patológica conduz, eventualmente, a um grande empobrecimento do self, na medida em que diversas partes do eu são intoleráveis e não podem ser mantidas no espaço mental. Se, por um lado, existe um estado mental penoso que é evacuado violentamente, com o objectivo de alcançar alívio imediato e controlo sobre o objecto, por outro lado, a situação de vazio psíquico instala-se à medida que o movimento de projecção de dentro para fora ganha intensidade. Deste modo, o trabalho de ligação, de criação de sentido e de transformação está dificultado, estando conseqüentemente bloqueada a comunicação.

A utilização deste mecanismo aparece, no Rorschach, através das respostas cinestésicas. Consoante a boa qualidade formal da resposta, o tipo de cenário mobilizado, os afectos que o trespassam, o respeito pela solicitação latente do cartão, a clara definição dos contornos, da actividade, das identificações, podemos estar perante a utilização da identificação projectiva no sentido da comunicação em ♀♂ simbiótico, em que um sentido é procurado e atribuído à mancha.

De facto, as cinestésias podem denotar uma procura de sentido e uma ligação entre o interno e o externo, que se opera através da identificação projectiva, a qual pressupõe, num primeiro momento, uma confusão entre sujeito e objecto, que facilita a comunicação e a empatia, mas que, num segundo momento, exige a separação.

Pelo contrário, quando opera a identificação projectiva patológica, a aproximação entre sujeito e objecto desencadeia uma fusão agressivo-destrutiva, que impede a troca, tornando-se insuportável.

Sobretudo quando associadas a más formas, as cinestésias humanas ou animais dão conta de uma produção de carácter arbitrário, e, portanto massivamente projectiva, que reflecte a actuação deste mecanismo defensivo.

Igualmente, as respostas Clob decorrem de uma insuficiente separação entre sujeito e objecto, na medida em que, na mancha Rorschach, são projectados sentimentos persecutórios e inquietantes, logo, dada essa insuficiente separação, o objecto é tratado como se realmente fosse ameaçador, em verdadeira equação simbólica.

Efectivamente, e de acordo com os trabalhos de Bacqué (1992), a manutenção da consciência interpretativa, os comentários que indicam a circulação das representações e a capacidade do sujeito associar a um mesmo percepto várias representações, desde que estas se mantenham estáveis, sem confusões ou contaminações, evidencia a utilização da identificação projectiva no sentido da exploração da mancha e do significado que ela possa ter. Logicamente, o contrário indica a utilização da identificação projectiva no sentido da evacuação de afectos insuportáveis, reactivados pelo material.

A identificação projectiva patológica aparece também na projecção de partes do self sobre os objectos, acompanhada pela necessidade de controlar esses objectos, impedindo-os de qualquer acção.

No Rorschach, este mecanismo manifesta-se nas respostas isoladas baseadas na projecção de uma agressividade pouco elaborada, na evocação de personagens maléficas associadas a respostas em kp (Chabert, 2000). Assim, respostas em Dd, sobretudo se associadas a F-, dão conta desta actuação da identificação projectiva.

Podemos, igualmente, assistir ao funcionamento deste mecanismo de defesa no surgimento de um bestiário inquietante e persecutório, como animais perigosos, venenosos ou selvagens. Pode surgir também um bestiário que apresenta uma factura primitiva, mal diferenciada e arcaica, como, por exemplo, animais invertebrados, que dão conta de preocupações muito regressivas, ou animais com carapaça, que manifestam o retraimento narcísico e o ataque aos vínculos (Chabert, 1998; 2000).

Segundo Lerner (1998), este mecanismo surge essencialmente nas figuras humanas confabuladas de má qualidade formal e nas respostas H ou Hd, localizadas em pequenos detalhes.

De facto, a má qualidade formal dá conta de movimentos regredientes, que surgem na sequência de mecanismos de identificação ou mesmo evacuação projectiva e que podem dar origem a imagens de objectos deformados, atingidos ou bizarros. Nesta medida, podemos encontrar a expressão directa, sem transformação, de conteúdos sexuais e / ou agressivos, que aparecem isolados, sem serem integrados numa imagem coerente, e que podem ser entendidos como elementos β , que não podem ser acolhidos na mente.

Pensamos ainda que a utilização da identificação projectiva patológica surge claramente quando a comunicação é estabelecida segundo um modelo de relação $\text{♀} \text{♂}$ parasitária.

No Rorschach, o aparecimento de uma relação $\text{♀} \text{♂}$ parasitária pode surgir nos traços de colorido paranóide ou francamente paranóicos, que, seguindo os trabalhos de Rousselle, Husain e Dreyfus (1990), destacam-se no Rorschach por uma verbalização peculiar, em que a referência ao outro (ao outro examinador, ao outro criador do teste e/ou a um outro anónimo) é omnipresente, bem como as críticas ao material e as críticas subjectivas, antecipando as críticas que o sujeito imagina que serão feitas pelo examinador.

A procura exacerbada de controlo face ao material e ao examinador trespassa também a verbalização e a construção das respostas-Rorschach, sendo esta marcada pela desconfiança, daí a produção extremamente baixa, oscilando com o vivido persecutório.

Neste contexto, podem surgir imagens ou cenários destrutivos, bem como a sua negação, que podem dar origem a temáticas de fragmentação e / ou imagens de objectos atingidos na sua integridade.

A relação ♀♂ parasitária pode ainda surgir na perda da consciência interpretativa e nos elementos que dão conta da confusão entre agressor e vítima, particularidade estudada por Choulat e Eperon (1991). Segundo estes autores, este movimento surge em erros lógicos que dão conta de um pensamento paradoxal (sobretudo na utilização da alternativa, em que, de um lado, o objecto é visto como sendo agredido e, do outro, como agressor), na confusão ligada à dissociação perceptiva, na centração em critérios não pertinentes que se tornam hipersignificantes, em certas perturbações da linguagem e na confusão em relação aos laços de causalidade.

Estes movimentos dão claramente conta da utilização da identificação projectiva patológica e da dificuldade em associar uma representação aos afectos agressivos, elaborando-os e transformando-os em ♀♂, através da barreira de contacto.

Tal como foi descrito na secção anterior, a relação comensal surgirá nos momentos em que o sujeito evita o estímulo ou partes dele, bem como na redução da produtividade global, nas recusas, nos determinantes ou conteúdos vagos, inespecíficos, no alongamento dos tempos de latência e nas largas omissões no discurso.

Síntese

Em resumo, os procedimentos que estabelecemos têm como objectivo permitir a observação dos processos de ligação, criação e transformação, bem como dos processos de comunicação. De acordo com os objectivos do trabalho, procuramos desta forma ter acesso ao funcionamento predominante de continente-conteúdo, à acção da função- α sobre a experiência emocional, à forma como a identificação projectiva é utilizada, às características da barreira de contacto, às vias seguidas pelo trabalho do negativo e às características da simbolização que é operada.

Deste modo, procuramos compreender se o sujeito acolhe ou não o estímulo, isto é, o impacto causado pelo confronto com a mancha, contendo a experiência emocional na sua mente. Se sim, de que qualidade é essa contenção? Qual é o encontro que se dá entre conteúdo e continente?

A experiência emocional tem um destino no espaço mental, entrando a função- α em acção? Se o objecto é reconhecido enquanto tal, vamos procurar perceber que tipo de elos de ligação se constróem entre o sujeito e o objecto, construção essa suportada pelo funcionamento da barreira de contacto e pelo reconhecimento da experiência do negativo.

Se todas estas etapas são alcançadas, o sujeito estará agora em posição de construir símbolos que dêem conta da experiência emocional vivida, símbolos que conhecerão transformações até à produção da resposta Rorschach.

Ao nível dos processos de comunicação, estaremos particularmente atentos à utilização da identificação projectiva, nos seus aspectos saudáveis e/ou patológicos, ou seja, a identificação projectiva é, para um dado sujeito, um meio de explorar a realidade, de entrar em contacto com o objecto, ou é um meio de evacuar experiências emocionais insuportáveis, criando à sua volta objectos bizarros e esvaziando a mente de conteúdos?

A comunicação irá então processar-se no contexto da relação $\text{♀} \text{♂}$, segundo as modalidades anteriormente estabelecidas – simbiótica, comensal ou parasitária. Qual a mais predominante na forma como este sujeito em particular comunica? Em que momentos surgem as outras modalidades e porquê?

Para podermos observar estes movimentos psíquicos, vamos sistematizar os factores da técnica que realçamos:

↳ número de respostas, dando conta da possibilidade para utilizar o Rorschach como espaço de criação e transformação

↳ variedade dos determinantes, localizações e conteúdos utilizados, dando conta da plasticidade do aparelho mental e da possibilidade de acesso às representações

↳ modulação dos tempos de latência, dando conta da capacidade de diferenciação dos estímulos, através do impacto diferente que estímulos diversos provocam

↳ ritmo das respostas, dando conta dos processos de construção, criação e transformação

↳ existência ou ausência de recusas ou equivalentes choque, sendo as recusas e os choques sinal de que um dado estímulo, pelo impacto emocional que provoca, não pode ser pensado ou coloca graves dificuldades ao sujeito

↳ análise de F% e A%, sendo que um valor médio ou ligeiramente inferior à média pode dar conta da originalidade do pensamento e da capacidade para construir símbolos criativos e transformativos

↳ análise de D%

↳ existência ou ausência de respostas Anat, sendo que o seu aparecimento pode dar conta de um pensamento cru, primário e não transformativo, onde podemos observar o funcionamento da identificação projectiva no sentido evacuativo

↳ análise das respostas (A) que, quando associadas a boas formas, podem dar conta de uma capacidade lúdica e criativa

↳ análise das respostas K e H, enquanto índices de uma boa capacidade para utilizar o Rorschach como espaço continente e de transformação, quando associadas a boas formas

↳ presença de respostas Dbl, dando conta de uma sensibilidade ao branco que pode ou não paralisar o pensamento

↳ presença de G vagos associados a F± e/ou Abst, dando conta de um pensamento vago, num processo de evitamento das representações e dificuldade em construir símbolos que contenham a experiência emocional

↳ presença de respostas Clob, dando conta de um impacto emocional disfórico provocado pelo estímulo, que se torna difícil de conter no espaço psíquico, dando origem a movimentos de identificação projectiva patológica

↳ presença de respostas Kp e/ou respostas Dd associadas a F-, que podem conter movimentos de carácter paranóide, dando conta de uma relação parasitária entre continente e conteúdo

↳ variedade das operações defensivas utilizadas, dando conta da plasticidade do aparelho mental e dos recursos de que dispõe

↳ análise dos comentários, da expressão verbal e das manifestações comportamentais, como expressão do processo mental de elaboração do impacto emocional no interior do psiquismo do sujeito

↳ existência de respostas elaboradas, com construção de cenários, que podem dar conta da capacidade de criação e transformação do sujeito

↳ existência de respostas contaminadas e/ou objectos danificados ou atingidos na sua integridade, que podem dar conta do funcionamento intenso da identificação projectiva patológica

↳ sensibilidade ao simbolismo dos cartões, que mostra que o sujeito reconhece e discrimina no espaço psíquico o impacto emocional que o estímulo provoca

↳ utilização da cor, podendo dar conta da capacidade do sujeito para incluir os vários elementos presentes no estímulo e utilizá-los para construir símbolos criativos

↳ análise da sequência das respostas, dando conta dos movimentos progredientes e regredientes, enquanto sinais externos que nos indiciam o processo interno do sujeito

↳ sensibilidade à simetria e/ou inversão figura-fundo, que pode dar conta de um processo interno no registo da negação da diferença entre sujeito e objecto, apontando para uma dificuldade em pensar a separação, a diferença, o negativo e, portanto, em simbolizar e transformar

↳ presença ou ausência de conteúdos como figuras petrificadas ou imobilizadas, imagens especulares e/ou desdobramentos, que reflectem movimentos de perda de sentido e ataque ao vínculo

↳ emergências primárias não transformadas, que podem dar conta da emergência em processo primário, numa comunicação estabelecida no registo da relação parasitária entre continente e conteúdo

↳ perda ou manutenção da consciência interpretativa, dando conta do funcionamento da identificação projectiva

Sintetizando, procuramos atentar aos elementos interpretativos que dêem conta das dimensões que pretendemos observar. Deste modo, procuramos aceder aos símbolos que o sujeito constrói face à situação Rorschach e ao processo de transformação e atribuição de sentido face ao estímulo. O modo como se apropria das manchas, o sentido que lhes dá, o aparecimento de espaços diferenciados ou, pelo contrário, confundidos, a forma como consegue ou não ligar, recriar, transformar o estímulo, os movimentos regredientes e progredientes, reflectem a forma como o sujeito se distingue ou se confunde com o objecto e as características dos seus processos de simbolização e transformação, quando confrontado com uma experiência emocional.

Sujeito - Andreia

Andreia procura ajuda psicoterapêutica aos 27 anos por uma crise depressiva. Conta que é filha de uma mulher prostituta e que tinha uma história de toxicodependência. Desde muito cedo, a Andreia foi retirada à mãe por uma mulher, também ela prostituta, que a recebeu em sua casa, onde também recebia os seus clientes.

Desde esta altura, Andreia era exposta às relações sexuais desta mulher com os clientes. Aos 2 anos, Andreia conta que é recebida por um casal, com quem viveu até aos 6 anos, chamando pai e mãe a estas pessoas. Ao longo destes anos, a mulher com quem tinha vivido anteriormente e a quem chama «madrasta» continuava a visitá-la; Andreia lembra-se desta pessoa como «uma mulher grande, esmagadora, sempre vestida de negro, muito pesada».

Aos 6 anos, esta mulher retirou-a de forma forçada à família de acolhimento e levou-a de novo para viver em sua casa, apesar de Andreia continuar a visitar a família de acolhimento.

Andreia conta que sofria maus tratos físicos e emocionais por parte da «madrasta», sobretudo humilhações muito intensas, ao mesmo tempo que era exposta visualmente às relações sexuais com os clientes. Os próprios clientes eram muitas vezes verbalmente abusivos com a criança.

Quando entrou para a escola, Andreia sentia-se alvo de humilhação também por parte dos colegas, compreendendo qualquer referência a prostituição ou vida de rua como uma referência a si mesma, como se os outros procurassem sempre ridicularizá-la.

Aos 12 anos, Andreia conta que houve uma tentativa de abuso sexual por parte de um homem que era cliente da madrasta, a qual não foi concretizada, porque ela consegue fugir. Faz então uma tentativa de suicídio. Na sequência deste episódio, o caso chega à Segurança Social, voltando para a casa da mesma família de acolhimento e lá vive até aos 18 anos, mas acusa o pai adoptivo de ter feito uma tentativa de abuso sexual quando ela tinha 15 anos de idade.

Aos 18 anos, inicia uma relação amorosa e investe numa carreira artística, apesar de pouco consistente. Aos 22 anos, é internada por depressão; depois do internamento, casa-se, engravida e tem uma filha. Relativamente à filha, diz que «nunca a abandonarei como fizeram comigo», mas ao mesmo tempo afirma que «se tiver que o fazer por razões pessoais, deixo a minha filha e vou buscá-la depois».

Quando procura apoio psicoterapêutico, está casada, apesar da relação ser sentida como insatisfatória, tendo, com o conhecimento do marido, amizades com outros homens, com os quais «nunca se passa nada». No entanto, este facto deu origem a uma série de mal-entendidos entre ela, o marido e a filha do casal de acolhimento, sócia do café que ela explora na altura.

A sua postura nas sessões com o psicoterapeuta foi sempre muito sedutora, procurando constantemente quebrar os limites do *setting* psicoterapêutico.

Passado alguns meses, largou bruscamente a psicoterapia e rompeu a relação estabelecida com o psicoterapeuta.

Comentário

Nesta história de vida, estamos perante uma mulher que sofreu perdas muito precoces e rupturas constantes ao longo da vida, muito particularmente na infância.

Salientamos a perda da mãe nos primeiros meses de vida, bem como a perda da «madrasta» aos 2 anos, seguido da perda da família de acolhimento aos 6 anos de idade.

As rupturas constantes fazem-nos pensar que, provavelmente, Andreia nunca sabe em que lugar se encontra face ao objecto, não tendo conseguido construir um objecto interno coeso, dada a instabilidade e inconstância dos seus objectos externos. Talvez seja esta a razão pela qual assume uma postura sedutora face ao terapeuta, como único modo de buscar um lugar junto das pessoas que vai encontrando, nomeadamente dos homens.

A representação do objecto interno está, na nossa perspectiva, contido na forma como Andreia descreve a «madrasta» - uma mulher grande, pesada, esmagadora, negra -, o que pode remeter para um objecto não cuidador e agressor, ou pelo menos não protector.

De facto, esta mulher sofreu maus tratos de várias ordens ao longo da vida – desde a exposição muito precoce (ainda antes dos 2 anos de idade e, mais tarde, entre os 6 e os 12) às relações sexuais dos adultos, que em si mesmo constitui uma forma de abuso sexual; até aos maus tratos físicos e emocionais, que surgem concomitantemente com o abuso sexual no mesmo período dos 6 aos 12 anos, tomando a forma de violência física, humilhações constantes, desvalorização continuada e não protecção da criança face aos clientes.

A tentativa de suicídio aos 12 anos de idade é um sinal gritante de uma fragilidade narcísica muito importante, a qual não sabemos exactamente ao que é que remete, o mesmo acontecendo relativamente às suas crises depressivas – de que tipo de depressão estaremos a falar? Podemos, porém, especular que o seu casamento e gravidez logo após a saída do internamento possam ter sido uma forma de anular a vivência da depressão, evacuando pelo agir a dor mental.

De facto, na vida adulta, as suas escolhas são inconsistentes, quer a nível amoroso, quer a nível profissional, quer mesmo na relação com a filha.

A relação de maus tratos parece ter sido interiorizada por Andreia, de tal modo que, desde muito cedo, parece ser sempre esta a qualidade de relação que ela espera ter com as pessoas que vai encontrando.

O movimento de repetição da situação de maus tratos é bastante evidente, nas acusações de abuso sexual (aos 12 anos da parte de um cliente da madrasta e aos 15 da parte do pai da família de acolhimento), quer sejam reais, quer sejam imaginárias, nos mal entendidos que cria continuamente com as pessoas que a rodeiam, na própria ruptura súbita com o psicoterapeuta.

Análise e interpretação do protocolo¹⁴

Psicograma

A produtividade muito baixa que Andreia apresenta pode sugerir, de acordo com os autores anteriormente referidos, uma dificuldade em usar a prova como espaço transformador, ou seja, como continente para conteúdo. Há uma necessidade do sujeito se centrar em conteúdos com pouca ligação com continente. Efectivamente, o Rorschach pode ser utilizado como continente ou como conteúdo – se usado como continente, isto possibilita a emergência de conteúdo; no entanto, aqui parece que o Rorschach é usado como conteúdo, o que dificulta grandemente a emergência do pensamento.

A modulação dos tempos de latência e o ritmo das respostas poderia dar conta da fluidez da rede de representações evocadas pelo material; no entanto, tal interpretação é infirmada por outros dados. De facto, a escassa variedade de determinantes ou de conteúdos, bem como as duas recusas, parece sugerir uma falta de plasticidade mental e uma dificuldade, patente em determinados momentos, em aceder às representações e em simbolizar.

A relação entre F%, tendencialmente baixo, e F% alargado, muito elevado, aponta na direcção de que a emergência pulsional provoca nesta mulher uma crisperação, a qual conduz à tentativa de controlo através do recurso às características objectivas do estímulo.

¹⁴ Ver ANEXO 1

O valor elevado de F% alargado aponta para uma utilização frequente do determinante formal, sem grandes variações, podendo sugerir um aprisionamento através da forma, uma falta de plasticidade que pode apontar para a rigidez da barreira de contacto ou para a rigidez de continente. O recurso constante às características objectivas do estímulo pode fazer-nos pensar num mecanismo defensivo de neutralização dos afectos e dos movimentos pulsionais, ou mais exactamente, de aprisionamento dos mesmos.

Ainda para mais, quando olhamos para a manutenção da qualidade formal, podemos observar que esta decresce visivelmente em F+, o que nos faz pensar numa inconsistência dos continentes do pensamento. No entanto, o valor F+ alargado encontra-se dentro da média, o que pode vir contrariar esta análise.

Assim, de acordo com o que era esperado, podemos avançar que há elementos que apontam para dificuldades ao nível do processo de acolhimento de conteúdo por continente; numa primeira análise, parece haver um conteúdo que fere continente e continente que não se molda a conteúdo. Ambos não parecem poder harmonizar-se numa relação que aponte na direcção do conhecimento e da verdade psíquica.

Por outro lado, ao nível das localizações, verificamos uma percentagem de respostas em G muito elevada, conjuntamente com uma percentagem de D francamente baixa.

Ora, o movimento de abordar o cartão em maior detalhe, não se restringindo a uma abordagem global, daria conta da utilização da identificação projectiva como forma de exploração do objecto-mancha, no sentido de um aprofundamento do contacto passível de ser mantido com a mancha e as suas solicitações simbólicas. Ao evitar este movimento, Andreia parece recuar perante a possibilidade de estabelecer uma comunicação com o objecto.

O aumento em relação à norma da percentagem das respostas de detalhe branco remete-nos para o confronto de Andreia com o vazio, com o negativo. Consoante a elaboração destas respostas, poderemos ver, na análise cartão a cartão, a forma que toma esse confronto.

Apesar disso, o número normal de banalidades (três em dez respostas, nos cartões III, V e VIII) poderia apontar para alguma capacidade de construir respostas originais, utilizando símbolos específicos ao sujeito, e não símbolos consensuais ou socializados. Da mesma forma, o baixo número de conteúdos animais pode estar de acordo com esta linha de pensamento. No entanto, encontramos também um número baixo de respostas humanas, o que parece apontar num outro sentido.

De facto, elementos como os tempos de latência muito altos, o ritmo das respostas entrecortado por muitos silêncios, o baixo número de cinestésias e o TRI coartativo dão provavelmente conta de uma falta de plasticidade do aparelho mental, que, em determinados momentos, não permite o acesso às representações nem a construção de símbolos, o que pode dar conta de uma perda de sentido ou de uma dificuldade em conferir sentido à experiência e, portanto, de a pensar.

Análise cartão a cartão

Andreia aborda a prova com um tempo de latência elevado, que aparentemente contradiz a sua reacção comportamental; se o sorriso que exhibe nos poderia fazer crer que a mancha que lhe provoca uma impressão sensorial agradável, o tempo de latência elevado, a referência à sua própria experiência, a crítica ao material e a incapacidade de transformar a impressão sensorial provocada pela mancha numa representação delimitada nos seus contornos faz-nos colocar a hipótese de uma reacção de choque à mancha.

A referência à própria vivência surge então como uma forma de encontrar no interior do psiquismo um modelo que permita compreender a experiência nova a que Andreia se encontra sujeita; um objecto antigo parece surgir como continente para um objecto novo, mas este movimento faz-se numa lógica de igualdade e anulação da diferença, próximo da equação simbólica.

Deste modo, a mancha é semelhante aos desenhos feitos pela criança que Andreia foi, mas aquilo que é diferente entre uma coisa e outra parece não ter espaço para existir. A resposta, centrada no fazer, isto é, no agir, pode sugerir a dificuldade do pensar.

De facto, a resposta – «desenhos abstractos» – é uma resposta vaga, sem contornos bem delimitados, que pode dar conta do evitamento que esta mulher faz dos afectos reactivados pela mancha e/ou pela situação de teste; ou ainda de uma dificuldade em transformar a impressão sensorial, ligando-a com uma representação que pudesse ser um símbolo, uma linguagem para dizer a experiência.

O silêncio que segue a resposta, a manipulação do cartão e o comentário que Andreia faz, crítico em relação ao material e ao examinador, podem ser vistos nesta mesma linha. Efectivamente, o impacto provocado pelo estímulo parece dificultar o processo de pensamento de Andreia, que se mantém num silêncio longo, na sequência do qual parece acontecer um movimento projectivo, em que a dificuldade em pensar é posta no outro - «você faz uns testes muito complicados»; «não sei o que quer que lhe diga». O não-saber de Andreia é imputado à dificuldade da tarefa e transformado no não-saber do examinador, o qual conterà por isso a dificuldade em pensar de Andreia. É a partir do “eu fazia” que Andreia parece poder abordar o cartão, mas rapidamente o fazer do eu torna-se no querer do outro; “não sei o que quer que lhe diga”, como se a expectativa que sente que vem do outro fosse não uma motivação, mas uma dificuldade.

Parece, portanto, não ter havido possibilidade de acolher o elemento- β que é impressão sensorial provocada pela mancha, dar-lhe um sentido e integrá-lo na matriz que é o aparelho psíquico desta mulher. Dito de outro modo, parece não ter havido espaço psíquico para transformar o impacto provocado pelo estímulo, o que vem no sentido das nossas hipóteses.

Aqui, a mancha parece ter funcionado como um conteúdo difícil de acolher em continente, de tal forma que a resposta, enquanto produto de um processo de transformação, fica vaga, pouco específica e, portanto, de um baixo grau de simbolização. A dificuldade em conferir sentido parece, então, conduzir esta mulher a uma dificuldade em organizar um verdadeiro símbolo a partir da mancha.

Podemos, portanto, falar de um equivalente choque neste cartão, tanto mais significativo quanto este cartão é o primeiro, aquele que dá início à prova, e, portanto, à relação que se estabelece com o examinador.

Logo, a sua ressonância latente está ligada à forma como o sujeito aborda a realidade num primeiro tempo, o que nos pode fazer pensar numa dificuldade em entrar em contacto com o outro e com a realidade, não podendo pensar os afectos que estão presentes na relação.

Andreia evita o envolvimento com a prova, dando conta do estabelecimento da relação numa modalidade comensal, que parece ser a sua primeira forma de abordagem ao objecto.

Nesta modalidade de ♀♂, o que observamos é um não encontro, ou seja, uma não relação no lugar da relação que não se estabeleceu. Efectivamente, Andreia tenta não se envolver, não se deixar impressionar pelo estímulo, o que a impede de utilizar a identificação projectiva para explorar os potenciais sentidos que a mancha possa ter. Neste momento, o estímulo não está a funcionar nem como continente, nem como conteúdo, e esta dificuldade é remetida para o examinador e para o material, não sendo pensada dentro da mente de Andreia, mas evacuada para o exterior.

Em síntese, o movimento de Andreia neste cartão fica próximo da equação simbólica, tal como era esperado, mas não fica claro que tipo de vínculo é que é posto em jogo. A representação mental possível fica a um nível vago e inespecífico, posto que não há utilização da identificação projectiva no sentido de uma comunicação simbólica com o objecto-mancha, mas pelo contrário uma atitude que oscila entre a referência narcísica e o não envolvimento, logo, a relação que se estabelece entre continente e conteúdo é mais próxima da modalidade comensal. O acolhimento do estímulo na mente é, portanto, hesitante e difícil e o seu destino é ser imediatamente equacionado com uma situação do passado, não dando espaço para a dúvida, ou seja, para o negativo, o que não possibilita uma transformação criativa nem uma simbolização mais rica.

No entanto, a crítica ao material e ao examinador deixam adivinhar o que eventualmente se esconde por trás deste evitamento: uma rede de representações que não se forma claramente, deixando o sujeito numa situação de confusão, e uma atitude projectiva de desconfiança, que pode apontar para uma relação ♀♂ de tipo parasitário.

O cartão II é abordado com um tempo de latência mais baixo, mas com um comentário que é simultaneamente uma crítica a si mesma e ao material («mesmo que pareça idiota?»). Este comentário subjectivo anuncia novamente a referência narcísica e, portanto, a dificuldade em sair do movimento de equação simbólica.

Apesar disso, depois de um silêncio que parece de elaboração, Andreia consegue transformar a impressão sensorial transmitida pela mancha numa resposta de boa qualidade formal, dando conta de uma representação de uma maior qualidade simbólica, quando comparada com a resposta anterior, porque mais delimitada nos seus contornos e com uma temática que sugere uma representação de um continente (igreja ou castelo), ou mais exactamente da porta que dá acesso ao interior desse continente (estará aberta ou fechada?). Podemos então pensar que, apesar do choque num primeiro tempo, num segundo tempo, Andreia entra na relação, aborda a realidade, conseguindo utilizar a sua função- α para transformar os elementos- β que daí advém. Aliás, este cartão é, efectivamente, uma das escolhas positivas de Andreia e é uma das duas únicas situações em que dá mais do que uma resposta (o segundo momento será no cartão VIII), permitindo-se a si mesma alguma exploração da situação com que se vê confrontada.

Não obstante, esta interpretação da mancha em paisagem num cartão cuja bilateralidade é patente dá conta de um movimento de investimento no objecto, mas a um nível muito regressivo. Surge uma imagem petrificada, defensiva, sem reactividade à solicitação latente do cartão, que vemos como a tentativa de evitamento da relação e, portanto, um retraimento narcísico. O carácter bilateral é, então, negado, bem como os detalhes vermelhos, que são ignorados, provavelmente num movimento de não acolhimento na mente do conflito pulsional por eles solicitado. Depreendemos daí que a barreira de contacto se encontra em funcionamento de forma rígida.

Igualmente, na linha do que foi estabelecido nos procedimentos, não podemos deixar de atentar ao facto da resposta se ter construído a partir do branco (sendo a porta o detalhe branco central), apenas depois surgindo a interpretação do resto da mancha como sendo a igreja ou o castelo ao qual a porta dá acesso. Num terceiro tempo, acontece a interpretação do resto da mancha (exceptuando o vermelho), com uma resposta em que aparece a sensibilidade ao esbatimento («um bosque à volta»), sendo aqui utilizado um determinante que não voltará a ser usado ao longo da prova. O movimento, ainda que ténue, de estabelecimento de comunicação com o objecto faz surgir outros recursos que poderiam ser utilizados caso Andreia se permitisse acolher os conteúdos em continente.

A indiferenciação entre a figura e o fundo pode dar conta de alguma confusão entre continente e conteúdo e, portanto, de uma falência da função continente; e ainda de dificuldades ao nível da elaboração do negativo, que irão dificultar o desenvolvimento da simbolização.

Se é a capacidade de realização negativa que organiza a relação do sujeito com o mundo externo e interno, estruturando o pensamento, quando esta capacidade está dificultada, como parece ser o caso aqui, isto conduz a uma dificuldade de pôr em contacto e em desenvolvimento as capacidades expansivas e transformadoras da mente. Neste contexto, o trabalho do negativo tende geralmente para a ruptura, o ataque aos vínculos, a clivagem, bloqueando os processos de crescimento mental.

Neste caso, de acordo com o que decorre das nossas hipóteses, o negativo parece surgir aqui como um buraco negro que ameaça sugar o pensamento, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, parece permitir a construção de uma resposta com um grau de simbolização superior à anterior. Assim, o branco tem, apesar de tudo, alguma função enquadrante, havendo alguma elaboração na forma como Andreia constrói a resposta, convocando a mobilização dos recursos psíquicos e fazendo entrever alguma capacidade de ligação entre elementos internos e externos.

Neste cartão, o que nos parece estar em evidência é um duplo movimento em que o negativo é vivido como uma solicitação regressiva, permitindo, portanto, que Andreia construa um pensamento, mesmo que rudimentar, mas simultaneamente ameaçando sugar este mesmo pensamento. Este duplo movimento coloca esta mulher numa situação de aprisionamento entre o dentro e o fora, entre o pensamento e o anti-pensamento, entre o contacto com o objecto e a retracção narcísica face ao objecto.

O branco surge, então, como o caminho ou a porta, ou seja, como ponto de contacto. A sensibilidade ao branco é tanto mais importante quanto este é o cartão da relação pulsional, como se, centrando-se no branco, esta mulher procurasse neutralizar ou aprisionar as pulsões, sugeridas pela bilateralidade da mancha e pelos detalhes vermelhos.

O castelo ou a igreja, de maneiras diferentes, sugerem a representação de uma fortaleza ou de um sítio protegido, que nos faz pensar em até que ponto esta imagem não é uma representação de si mesma, dando conta da força das suas defesas e da inflexibilidade da sua barreira de contacto.

A não sensibilidade ao conteúdo latente, que impede a emergência da banalidade esperada neste cartão, pode apontar no mesmo sentido, ou seja, no sentido da utilização intensa de defesas narcísicas, dada a crispação provocada pelo contacto com o objecto.

Após manifestações comportamentais de ansiedade e um tempo de silêncio longo, Andreia consegue esboçar a ideia de um encontro, um acolher, como que sugerindo a possibilidade de, eventualmente, poder esboçar uma relação («um caminho longo para a gente ir ao encontro...»), mas que é afastada por uma defesa rígida de deslocamento no tempo da cena que começava a entrever-se («como naqueles tempos antigos»). Está, pois, patente o movimento de oscilação entre a proximidade e a distância, entre a ligação e o ataque à ligação.

Para esconder ainda mais uma representação, já de si rígida e talvez mesmo inacessível, surge o bosque, a vegetação que cerca o castelo, que o isola ainda mais do exterior e que torna a imagem ainda mais regressiva. O castelo rodeado por um bosque faz-nos pensar numa história infantil bem conhecida, em que uma jovem adormecida espera num castelo protegido por uma densa floresta, imobilizada na atemporalidade, a qual só pode ser quebrada pelo encontro com um objecto que a fará crescer através de uma relação em que o vínculo L predomine.

A paisagem construída por Andreia neste cartão pode ser vista como este apelo regressivo, no qual está presente a necessidade de uma relação simbiótica, que permita o crescimento, mas onde também está presente a imobilização, o buraco negro onde não há tempo nem espaço e onde, por isso mesmo, não pode haver eu, nem pode haver objecto.

Resumindo, neste cartão, Andreia parece permitir-se uma comunicação com o objecto, suportada por uma relação que se aproxima de uma lógica simbiótica. Há um movimento em que continente se encontra com conteúdo. Com o acolhimento da experiência na mente, a identificação projectiva pode funcionar desta vez permitindo o contacto e alguma exploração da mancha. Dá-se, então, uma atribuição de sentido, na qual o apelo regressivo fica muito patente, deixando entrever uma relação com o objecto oscilando entre a retracção narcísica e a ausência de separação entre sujeito e objecto.

Andreia fica numa posição impossível de manter, em que o confronto com o negativo não confere a liberdade mental suficiente para se dar uma transformação, operada em processos de simbolização mais ricos e criativos. A angústia provocada pela comunicação com o objecto deixa o sujeito na indecisão entre continuar a conter na mente o impacto emocional, de modo a conseguir transformá-lo, ou evacuá-lo sem mais demoras.

O cartão III volta a conhecer um pequeno aumento do tempo de latência. A banalidade surge («duas pessoas a agarrarem algo»), mas sem qualquer definição da identidade dessas pessoas ou da actividade que desempenham em conjunto, como se não fosse possível para esta mulher representar, simbolizar a relação e o que ela significa em termos de conflito pulsional. As pessoas e as acções que elas desempenham são tão pouco específicas que evocam uma dimensão especular e uma atitude de neutralidade evasiva, que permite que Andreia mantenha a distância, não se envolvendo com o objecto-mancha. A expressão vaga e a indefinição do cenário retiram a qualidade que uma resposta cinestésica poderia ter, no sentido de dar conta de uma capacidade para utilizar o cartão como espaço transformador, mas ainda assim não podemos deixar de reforçar que houve um reconhecimento do conteúdo latente deste cartão, ao contrário do que tinha acontecido até aqui.

Apesar disso, não encontramos um vínculo que ligue as duas personagens num cenário trespassado por L, H ou K, positivo ou negativo. A relação comensal estabelece-se, provavelmente estabelecida pela angústia provocada pelos detalhes vermelhos, que novamente não são interpretados.

Realçamos ainda o verbo utilizado – agarrar – que sugere uma relação com o objecto de tipo anaclítico. Ora, a relação anaclítica é baseada num modelo primário de relação com o objecto de quem se recebeu alimento e protecção, ou seja, a relação com o objecto cuidador e protector.

A evocação deste tipo de relação é tanto mais relevante quando acontece no cartão III, o cartão que, dadas as suas características, aponta para uma relação de tipo mais socializado, ao que Andreia contrapõe uma relação de um nível bastante regressivo. Novamente, faz-nos pensar que esta mulher oscila entre um contacto muito regressivo com o objecto e uma retracção narcísica muito crispada e intensa face ao objecto.

De acordo com o que foi estabelecido nos procedimentos de análise, a identificação projectiva parece não funcionar enquanto mecanismo de exploração da realidade, de modo a construir um ou mais sentidos na relação com o objecto, neste caso, a mancha. O contraste entre a inespecificidade desta resposta e a especificidade da resposta do cartão anterior, que remete para objectos duros, para fortalezas, dá provavelmente conta de um espaço de necessidade de contacto e, simultaneamente, de impossibilidade de contacto.

Estes dois movimentos e a dificuldade da sua integração fazem com que Andreia se mantenha numa oscilação constante de um para outro, num movimento circular fechado, de onde não parece ser fácil sair.

A manifestação comportamental (manuseamento do cartão) e a pergunta dirigida ao examinador expressam finalmente a reacção de Andreia às cores destes cartões. Se, no cartão II, os detalhes vermelhos foram ignorados, como se não existissem, aqui a defesa falha e Andreia não pode deixar de referir as cores que a perturbam – o negro e o vermelho. Quando escolhe este cartão como uma das escolhas negativas, vai deixar claro qual destas cores a incomoda mais; efectivamente, é o vermelho presente nestes dois cartões que lhe dificulta o movimento de pensar, de simbolizar, de transformar. O vermelho remete, como sabemos, para os movimentos pulsionais, o que nos faz pôr a hipótese de que a reactivação destes aspectos provoca nesta mulher uma críspação intensa, que apenas pode ser circunscrita, através do desmentido que Andreia tenta fazer destes detalhes, mas parece não poder ser contida, acolhida, pensada e transformada.

Sintetizando, no cartão anterior, Andreia terminou a interpretação da mancha num momento de dúvida entre continuar a conter na mente o impacto emocional ou, em oposição, evacuá-lo; neste cartão, conseguimos compreender o que acontece. De facto, confirmando as hipóteses anteriormente avançadas, o impacto emocional acolhido na mente torna-se insuportável e é evacuado, voltando o sujeito a uma relação entre continente e conteúdo de tipo comensal, tal como a que havia sido estabelecida no primeiro cartão. Desta maneira, a capacidade de transformação decresce e o processo de simbolização perde em qualidade e riqueza.

No cartão IV, Andreia entra imediatamente sem qualquer tempo de latência para representar o impacto emocional que a mancha cria em si, impacto esse claramente disfórico e angustiante. Surge a imagem de um monstro, «o monstro do Loch Ness».

Apesar de ser uma resposta (A), não contém em si elementos de fantasia, de criatividade ou capacidade lúdica. Claramente, esta imagem parece encerrar em si a angústia provocada pela mancha, mas que aparece com um grau de simbolização maior do que o da resposta anterior, evocando um animal mítico, inexistente. Por outro lado, é um animal que vive num elemento particular; as águas paradas do lago, com todo o simbolismo regressivo que evocam.

A expressão verbal vaga (não sei...) vem apontar a tentativa de não envolvimento, sempre presente nesta mulher. A identificação projectiva surge numa forma patológica, dando um colorido persecutório à mancha, o que fica muito claro no comentário feito aquando do inquerito («faz lembrar uma coisa enorme, monstruosa»). Por essa razão, parece haver dificuldade em entrar em comunicação com o objecto, explorando-o com recurso à identificação projectiva normal, de modo a encontrar outros sentidos para a mancha, significados alternativos que pudessem conter melhor a angústia provocada pela impressão sensorial, aumentando o grau de transformação dessa angústia e criando símbolos mais ricos. Andreia é sensível à solicitação latente do cartão, mas parece ter dificuldade em dar forma aos elementos angustiantes; o movimento fica novamente próximo da equação simbólica.

Efectivamente, o silêncio que se segue à resposta parece dar conta de um impacto insidioso que a mancha tem nela; se, num primeiro tempo, há um movimento de colorido histórico face à angústia, parece que quanto mais Andreia se confronta com o cartão, mais o seu conteúdo latente lhe causa impacto.

Surge então uma tentativa de não envolvimento, presente no não saber, tal como aconteceu no cartão I, mas a monstruosidade da mancha torna-se algo de insuportável, que tem que ser negado, desvalorizado, surgindo então o «monstrinho». Nesta imagem, pode também estar presente a desvalorização do poder fálico. Se entendermos o falo não como representante do pénis, mas como significante da falta (Laznik, 2003) e, conseqüentemente, do negativo, compreendemos que o vazio da falta é insuportável para esta mulher.

A evocação do masculino parece, pois, ser algo insuportável, que surge como um elemento- β que Andreia tenta transformar, mas parece não conseguir, caindo de novo num movimento oscilatório entre a simbolização e a assimbolização, entre o pensamento e o não pensamento.

Neste momento, o discurso da paciente ganha sentido à luz do anteriormente estabelecido nos procedimentos, na medida em que dá conta precisamente desse resvalar dos processos de simbolização para a equação simbólica, quando Andreia fala com o cartão como se de facto a mancha fosse o monstro («faz lembrar um monstrinho, coitado»). Se inicialmente a consciência interpretativa ainda está presente, logo se perde.

O inquérito vem precisamente reforçar esta interpretação, na medida em que a monstruosidade da mancha surge bem patente no comentário feito neste momento, em que a imagem perde a forma, ficando apenas a impressão sensorial de monstruosidade, que parece ser dificilmente contida no aparelho psíquico de Andreia. No mesmo sentido, vem ainda o facto deste cartão ter sido uma das escolhas negativas.

Em resumo, podemos afirmar que, neste cartão, Andreia não tem como impedir a invasão da sua mente pelo impacto emocional provocado pelo estímulo; a barreira de contacto não se mantém com as características de rigidez presentes na situação anterior. Não conseguindo manter a atitude de não envolvimento que caracterizou a abordagem do cartão I e III, esta impressão sensorial é acolhida na mente, mas de uma forma brusca, invasiva, em que conteúdo fere continente. Estamos, portanto, em presença do estabelecimento de uma relação ♀♂ de modalidade parasitária, tal como era esperado. Novamente, surge o apelo regressivo, desta feita imbricado numa representação de carácter angustiante, que apenas permite um mínimo de simbolização, mas percebemos que o movimento fica demasiado próximo da equação simbólica.

Não se opera, portanto, uma efectiva transformação, na medida em que Andreia tolera mal o vínculo com o objecto, dada a insuportabilidade da experiência do negativo, o que vem ao encontro do que foi por nós estabelecido. Consequentemente, a imagem que surge é somente o veículo para a evacuação da angústia, na qual detectamos o funcionamento da identificação projectiva patológica. Ora, isto vai impedir o estabelecimento de uma autêntica comunicação com o objecto, que poderia permitir a exploração e a atribuição de outros sentidos, em que o nível de transformação e simbolização fossem acrescidos. Com a evacuação do impacto emocional, perde-se a possibilidade de inscrição da experiência no aparelho mental desta mulher e, consequentemente, a possibilidade de transformação que conteúdo poderia operar em continente.

No cartão V, Andreia dá a banalidade esperada, sem qualquer atributo acrescentado à borboleta e sem sequer procurar uma segunda interpretação para a mancha, como se não pudesse ser outra coisa.

Talvez o arrastamento da angústia do cartão anterior não tenha permitido uma maior exploração da mancha neste cartão, suportada pelo funcionamento da identificação projectiva no contexto de uma comunicação simbólica com o objecto, mas ainda assim facilmente Andreia transforma a mancha num símbolo consensual e socializado, que dá conta da manutenção do princípio da realidade. A manutenção da qualidade formal e a delimitação clara dos contornos do percepto dão conta da consistência mínima que existe nos continentes do pensamento, desde que a clivagem opere.

Aqui, parece haver um movimento de se agarrar às características objectivas do estímulo, sem nada acrescentar do mundo interno, provavelmente como fuga à angústia do cartão anterior e necessidade de a circunscrever através do recurso aos aspectos formais. Não há qualquer ressonância fantasmática na resposta construída, acontecendo, portanto, uma clivagem entre interno e externo, o que poderia ser um movimento organizador e progrediente, caso Andreia não se limitasse a esta resposta. Contudo, a clivagem mantém-se, como defesa face à dificuldade em suportar um contacto mais profundo com o objecto.

O trabalho psíquico de construção da resposta é reduzido ao mínimo indispensável e o recurso à forma permite que Andreia estabeleça uma relação ♀♂ que fica entre a relação simbiótica e a modalidade comensal.

O contacto com o objecto é, portanto, reduzido ao banal da socialização de superfície e é desta maneira que Andreia consegue evitar que um novo estímulo invada o seu espaço mental, diminuindo assim a angústia .

No entanto, o cartão VI despoleta um impacto muito intenso nesta mulher, que impede o movimento de circunscrição formal feito no cartão anterior, provocando uma recusa, acompanhada de um movimento de auto-desvalorização («estou a sentir-me idiota...»). A dificuldade em integrar o impacto emocional e transformá-lo, dando-lhe um sentido, aparece claramente no sentimento subjectivo de Andreia, que se vive como uma idiota, como uma débil mental, ou seja, como alguém que não consegue pensar, aprender com a experiência.

Novamente, a atitude de não envolvimento é marcada pelo comentário «não sei...», sinalizando, à luz dos procedimentos de análise que elaborámos, o estabelecimento da comunicação de uma forma comensal. Depois de algum tempo a observar o cartão, a dificuldade de Andreia em associar representações a elementos angustiantes torna-se patente; a impressão sensorial provocada pela mancha é evacuada da mente e Andreia parece incapaz de a transformar, num cartão em que a solicitação latente diz respeito à sexualidade e ao poder fálico. De novo, o masculino surge como impossível de acolher e de transformar, perdendo-se mesmo o movimento oscilatório que vemos no cartão IV.

Pensamos, de facto, que a recusa deste cartão vem ainda no seguimento da intensa angústia provocada pelo cartão IV; aqui, de novo, a mancha evoca o masculino e a falta, o que despoleta uma emergência de angústia insuportável e, por isso mesmo, não transformável. De facto, parece que, para esta mulher, o masculino, quando evocado, é acompanhado com um movimento de crispação narcísica muito intenso.

Em síntese, o esboço de organização mental elaborado no cartão anterior perde-se neste cartão, logo, a clivagem não teve como consequência um movimento progrediente, mas, pelo contrário, foi apenas um sinal da inflexibilidade da barreira de contacto. O que observamos agora é a falência da função- α , ou seja, um impacto emocional que não pode ser acolhido na mente e, por conseguinte, não é ligado, não é transformado, não é inscrito no espaço mental do sujeito. Parece não haver comunicação possível com este objecto, o que está de acordo com o que era esperado.

A dificuldade em associar uma representação a um percepto claramente angustiante vem dar conta, neste momento, da perda total da capacidade para utilizar o Rorschach como um espaço transformador, como conteúdo capaz de se harmonizar com continente. Efectivamente, Andreia está aqui a utilizar o Rorschach como continente e não como conteúdo, projectando nele a sua angústia e, portanto, evacuando-a, o que impede precisamente a emergência de continente como algo que surge no interior do espaço psíquico. Há uma perda de sentido, um ataque ao vínculo que permitiria explorar o estímulo e simbolizá-lo.

No cartão VII, há uma entrada imediata, sem tempo de latência, o que nos sugere uma tentativa de evacuar a angústia arrastada desde o cartão IV, num movimento de fuga para a frente.

Surge então uma representação que poderia suportar o encontro esboçado no cartão II - «duas caras». Dois rostos que poderiam olhar-se, entrar em contacto, relacionar-se, mas que são rapidamente petrificados e transformados numa estátua («duas caras... uma estátua»; e no inquerito «reflexo de um espelho»). Os dois passam a um, seja uma estátua, seja a duplicação do espelho, numa dificuldade de separação entre sujeito e objecto, imagens vivas passam a imagens mortas, numa tentativa de anulação das pulsões e homogeneização do mundo interno, perdendo-se a riqueza das diferenças. A simetria convoca a lógica do duplo e a diferença parece não se organizar.

Esta segunda e última cinestesia do protocolo perde, pois, o seu valor por não ser claramente humana e por não haver estabilidade da representação, o que sugere a dificuldade em encontrar continente para conteúdo ou talvez uma confusão entre continente e conteúdo. Novamente, observamos Andreia a crispar-se e a cristalizar-se numa retracção narcísica de uma intensidade muito grande.

Neste sentido, a cinestesia perde o carácter de pensamento criativo, de originalidade, de simbolização. Segue-se um silêncio que parece conter em si um movimento transformativo no sentido progrediente, visto que, após o silêncio, o percepto volta a dividir-se em dois e parece voltar a ser dotado de vida, onde aparece um reconhecimento do feminino.

Um alguém não especificado está presente na imagem e «dá a sensação que estão a olhar uma para a outra, face a face», o que sugere a posição em que examinador e sujeito se encontram na passagem da prova, pelo que pode conter um sentido transferencial.

Pomos a hipótese que esta mulher, perante um outro que lhe permita ser utilizado como continente transformador, consegue mobilizar mais recursos internos e consegue minimamente dar corpo a um movimento de encontro, de relação, de contacto ocular, de acolhimento de conteúdo em continente. Apesar disso, em referência aos procedimentos de análise descritos, o cenário percebido não sugere nenhum tipo de elo de ligação, não conseguimos perceber se as duas personagens se ligam através do amor, do ódio ou do conhecimento.

A comunicação entre continente e conteúdo volta-se em direcção a uma modalidade simbiótica, mas não parece ser possível afastar-se das características que marcam quer a relação parasitária, quer a relação comensal.

Com efeito, o inquérito sugere que este movimento é muito frágil, pois a imagem passa a ser o reflexo no espelho, que sugere o tema do duplo, e, portanto, da indiferenciação entre o sujeito e o objecto.

A sensibilidade à simetria, anteriormente realçada enquanto elemento fundamental de análise, aparece pela primeira vez na prova, movimento tanto mais importante por ser no cartão VII, que solicita a representação do feminino e do materno. A relação precoce com o objecto materno, a imagem corporal e a sexualidade e a identidade femininas estão em jogo nesta situação. A observação de simetria e o aparecimento do desdobramento dão conta da dificuldade de comunicação profunda com o objecto, a um nível em que a separação entre ambos esteja clara – pensamos que é precisamente a confronto com o negativo, muito impressionante neste cartão de estrutura aberta em que o branco interpenetra a mancha, que faz emergir a paralisia do movimento e da vida.

De novo, vemos surgir um movimento oscilatório entre a necessidade de contacto com o objecto e a retracção narcísica, a petrificação da relação. Há uma oscilação desesperante entre a comunicação da vida, a não-comunicação da morte e a vida sem comunicação, numa lógica de duplo, ou seja, de reprodução por cissiparidade, que perde o carácter criativo do encontro entre masculino e feminino. Os dois vivos passam a um objecto inanimado, para passar novamente a um só objecto vivo.

Quando Andreia diz que «as imagens estão de costas, mas as caras estão frontais», esta verbalização dá conta da questão desta mulher – na relação, está sempre com um pé dentro e outro fora, sempre preparada para, ao mínimo obstáculo, voltar as costas, ir embora, desistir da relação, pelo o que esta tem de impensável para ela. Mas apesar de tudo, também está presente o movimento contrário, existem ainda as caras que se olham, novamente num apelo muito regressivo a uma relação simbiótica.

De acordo com o que era esperado, destacamos essencialmente neste cartão o ataque ao vínculo, presente na forma como não ficamos esclarecidos quanto à ligação que se pode estabelecer entre as duas personagens anunciadas, bem como na sensibilidade à simetria e na não estabilidade da representação mental.

Este cartão tem um impacto imediato em Andreia, impacto esse que é acolhido na mente, mas parece haver uma indecisão quanto ao que fazer com este elemento, uma vez contido. Assim, a função- α opera mas surge a confusão entre continente e conteúdo, a confusão entre sujeito e objecto e a paralisia do movimento como marca da rigidez da barreira de contacto. Solicitando a relação precoce com o objecto materno e a forma como esta mulher se vê a si própria na sua identidade feminina, o impacto emocional acolhido na mente parece não conhecer um destino claro.

Andreia fica mais uma vez numa posição de difícil manutenção, posto que não faz claramente uma evacuação da experiência, mas ao mesmo tempo tem dificuldade em encontrar continente para conteúdo. A comunicação com o objecto é hesitante e o nível de simbolização e de transformação oscila muito, aumentando e diminuindo consoante a imagem se vai alterando.

A coexistência do carácter vivo, mesmo que regressivo e numa relação de dependência, com a imobilização narcísica dá conta de uma necessidade de investimento na relação com o objecto, mas ao mesmo tempo uma necessidade de mobilização de defesas narcísicas muito importantes. Onde há contacto, parece haver crispação, onde não há crispação, não pode haver comunicação, coexistindo dois níveis muito difíceis de integrar.

O cartão VIII inaugura a série pastel, o que Andreia não comenta, como se, novamente, não percepcionasse as cores. Dá a banalidade nos detalhes rosa laterais, dando uma impressão de movimento aos animais, mas não há qualquer definição de que tipo de animal poderia ser ou mesmo que tipo de movimento poderia estar em causa, o que acaba por implicar uma perda do carácter de diferente das duas figuras percepcionadas. De novo, o evitamento de Andreia em se envolver na prova estabelece a relação no registo comensal, fazendo-a ficar numa abordagem banal ao objecto.

Parece haver um esboço disso quando Andreia diz que «seguem algo», o que poderia tomar o sentido do movimento anaclítico de seguir. Claramente, Andreia evita pensar o que quer que a mancha lhe tenha sugerido, o que está patente na expressão verbal («seguem algo, não sei...»). A dificuldade em conferir sentido conduz esta mulher a uma tentativa de evitamento daquilo que a mancha lhe sugere, expressa pelo não saber, como já se torna habitual. A expressão «não sei...» é, efectivamente, uma marca do discurso desta mulher face à situação Rorschach.

No entanto, no inquérito, surge uma resposta adicional – uma mão – que mais uma vez, poderia dar conta do movimento anaclítico, posto que a mão é uma zona privilegiada de contacto com o outro, sendo a segunda e última resposta humana do protocolo. O facto de esta ser a única resposta adicional do protocolo é por nós interpretado como marca da inflexibilidade da barreira de contacto, que não possibilita uma emergência de novos sentidos, mesmo no segundo tempo do inquérito.

Como excepção, surge aqui algum movimento de comunicação interna, talvez por este ser um cartão que tem uma solicitação simbólica menos primitiva, sendo, portanto, um estímulo menos perigoso do que outros para a mente da paciente. Não obstante, não deixa de ser uma resposta humana parcial, uma parte do corpo aparentemente desligada do todo.

Resumindo, neste cartão, após um novo aumento do tempo de latência, Andreia consegue acolher a impressão sensorial provocada pelo estímulo e a função- α transforma esse elemento- β , organizando uma representação com movimento, portanto, com vida. Contudo, na oscilação entre a comunicação simbiótica e o não envolvimento, a balança tende sempre mais para a modalidade comensal de $\text{♀} \text{♂}$, tal como era esperado.

Nesta medida, a representação construída fica com um grau baixo de simbolização, não sendo construído um cenário onde os personagens possam vincular-se. Apesar de tudo, observamos o movimento em direcção à relação, a procura de um ponto de contacto com o objecto que possa ser menos tumultuosa e mais manejável.

Há um aumento do nível de transformação e de simbolização relativamente a outros cartões, tanto que este cartão dá origem a uma resposta adicional, mas ainda assim a transformação e a inscrição da experiência no aparelho mental de Andreia fica bloqueada pela dificuldade em entrar em comunicação autêntica com o objecto, colocando em contacto o interno e o externo.

O cartão IX conhece um tempo de latência elevadíssimo, provavelmente devido à solicitação latente do cartão, que reactiva as vivências primárias com o materno. Há um momento de verdadeira sideração desta mulher perante o novo estímulo, mas, não por acaso, este cartão é uma das escolhas positivas: a representação «flor» surge como um símbolo de um materno / feminino delicado, talvez mesmo contendo em si a impressão sensorial do odor do corpo materno. É curiosa a manifestação comportamental de Andreia neste cartão, que o toca como quem afaga.

A resposta em C, mas com alguma participação do determinante formal, com um conteúdo simbólico que respeita a solicitação latente do cartão, sugere um movimento de sublimação nesta resposta, dando conta da capacidade de Andreia para construir um símbolo que represente o objecto materno. Esta é a resposta de maior qualidade simbólica e transformadora ao longo de todo o protocolo, mesmo apesar de ser um pouco vaga e não claramente delimitada nos seus contornos.

No entanto, a resposta seguinte inaugura um movimento regrediente em que a qualidade da simbolização diminui drasticamente, visto que é uma resposta de má qualidade formal, claramente evacuativa, em que a identificação projectiva não é mais usada como forma de explorar a mancha e procurar sentidos, mas no sentido patológico.

Aparece «uma parede, um muro», lembrando o castelo do cartão II, como uma representação da rigidez da sua barreira de contacto; uma parede que é um obstáculo, que é algo que separa e impede a relação, que coloca uma impossibilidade, provavelmente, a impossibilidade de aceder à relação com o objecto cuidador evocado anteriormente.

Ainda mais relevante, é este percepto ter sido organizado a partir do detalhe branco que é, neste cartão, o eixo central da mancha. Simultaneamente, vemos a sensibilidade ao branco e a sensibilidade ao eixo de simetria da mancha – nesta resposta, surge uma forma de pensamento arcaica, baseada na experiência de alucinação negativa do objecto. Mas, neste caso, a falta não permite a construção do pensamento, mas impossibilita-a. O vazio aparece, então, como um obstáculo ao contacto, realçando a dificuldade em ligar, criar vínculos, e, portanto, em pensar. O branco convoca a inacessibilidade, a solidão total, a prisão do sujeito nele próprio. Esta resposta, surgindo neste cartão, dá, pois, conta das vivências de falta intensas, que impedem a mobilização dos recursos psíquicos, criando obstáculos à simbolização e ao pensamento.

Confirmando as nossas hipóteses, nesta mulher, continente não é suficientemente flexível e conteúdo não se adapta, uns ferindo os outros, dificultando muito a possibilidade de se estabelecer uma relação de tipo simbiótico. Surge aqui claramente a relação ♀♂ na sua forma parasitária, em que o conteúdo danifica o continente e o continente não se molda ao conteúdo.

Deste cartão, destacamos a impressionante sequência das respostas. Após o bloqueio inicial, o impacto emocional provocado pela experiência é acolhido na mente e a função- α opera de forma a transformar a sensação em elementos mentais manejáveis. Quando esta primeira transformação acontece, há um movimento de comunicação em ♀♂ simbiótico, em que a barreira de contacto, flexibilizando-se, possibilita o encontro entre o interno e o externo.

Deste encontro, surge uma representação mental, indubitavelmente o movimento de simbolização de maior qualidade ao longo de todo o protocolo, que permite a inscrição da experiência no aparelho mental de Andreia, ligando a situação presente com o objecto interno. Mas esta comunicação certamente provoca uma turbulência insuportável na sua mente, acontecendo então o movimento regrediente mais intenso de toda a prova, intensamente evacuativo.

A possibilidade de contenção, transformação e simbolização da experiência é, pois, imediatamente seguida do estabelecimento de uma relação parasitária, em que o conteúdo fere o continente e este não se harmoniza com o primeiro. A experiência do negativo, a consciência da separação entre sujeito e objecto, indispensável para que a comunicação simbólica possa acontecer, não é suportada, na medida em que no momento em que aquela comunicação se estabelece, logo em seguida a separação é negada, o movimento do encontro é paralisado e a barreira de contacto recupera as suas características de rigidez e inflexibilidade.

Percebemos portanto porque é que Andreia se tenta manter numa relação comensal; de facto, a entrada em contacto com o objecto tem custos muito altos para esta mulher, porque provoca uma catástrofe que tem que ser evacuada de qualquer forma.

O cartão X é recusado liminarmente. Como que uma recusa da separação? Como uma reacção à fragmentação da mancha?

Podemos pensar que aqui, o surgimento de inúmeros elementos, desligados uns dos outros, dificulta nesta mulher a mobilização das suas defesas e dos seus recursos internos. A relação comensal mantém-se, provavelmente por arrastamento da resposta anterior. Depois de um movimento regrediente tão evacuativo, suportado pela identificação projectiva patológica, é como se Andreia ficasse exaurida e não lhe fosse possível mais ligar este estímulo externo com o vazio que ficou na mente. Nem a verbalização do «não sei» parece ser possível, limitando-se a uma comunicação gestual muito arcaica.

Discussão

A) Ao longo do protocolo, Andreia apresenta movimentos diversos. O início da prova é marcado por uma aproximação muito cautelosa ao estímulo, dado o longo tempo de latência, num movimento hesitante, que estabelece a comunicação com o objecto numa modalidade comensal. Dada a distância em que se coloca relativamente ao objecto, a identificação projectiva não tem possibilidade de funcionar e dá lugar a um movimento em equação simbólica («isto faz-me lembrar quando fazia pinturas com os guaches»), que não permite a dúvida, o negativo, e portanto, o pensamento e a transformação. Este cartão, representando a primeira abordagem do sujeito à prova, dá conta do primeiro contacto de Andreia com uma situação nova. Por outro lado, remete simbolicamente para a representação arcaica do objecto primário, o que nos faz pensar que Andreia evita entrar em contacto com esta representação.

Esta primeira abordagem parece, porém, abrir a possibilidade de, num segundo momento (cartão II), acontecer uma maior aproximação em relação ao objecto-mancha («uma porta de um castelo ou de uma igreja»; «um caminho longo para a gente ir ao encontro»). A comunicação fica mais próxima de uma modalidade simbiótica, na medida em que se opera o encontro entre continente e conteúdo, tanto mais significativo quando este cartão remete para a relação pulsional do sujeito com o objecto, evocando a dimensão afectiva e sexual. Perante isto, parece então haver alguma possibilidade de encontro.

Este encontro permite então o funcionamento da identificação projectiva ao serviço do estabelecimento da comunicação, mas deste confronto com o objecto irá emergir um apelo muito regressivo – Andreia fica num impasse entre a sua necessidade de contacto e a crispação que esse contacto lhe provoca, conduzindo à retracção narcísica.

Duas direcções são, neste momento, possíveis – ou continua a conter o impacto provocado pela experiência emocional, que poderá conduzir à sua transformação e inscrição no espaço mental, ou evacua esses elementos.

O cartão seguinte (III) dá-nos a resposta – Andreia “escolhe” não pensar e volta ao estabelecimento de uma relação comensal. Este cartão - cuja solicitação latente aponta para a forma como o sujeito se posiciona face ao outro numa relação mais socializada, em que os investimentos pulsionais são solicitados, mas de forma mais modulada - poderia permitir que Andreia se organizasse com maior facilidade, mas não é isso que acontece, dada a sua intolerabilidade aos aspectos pulsionais da relação com o objecto.

Esta evacuação tem como consequência um esvaziamento, que conduz à perda de recursos internos («duas pessoas a agarrarem algo»); logo, perante a situação seguinte (cartão IV) e também devido ao impacto intenso provocado por este estímulo em particular (o qual, lembramos, reactiva a relação com o masculino e o paterno), não é possível activar as defesas e acontece uma invasão da mente pelo impacto do estímulo («o monstro do Loch Ness»; no inquérito, «uma coisa enorme, monstruosa»). Assistimos aqui à ruptura da barreira de contacto e ao choque entre continente e conteúdo, em que um fere e é invadido pelo outro. Estabelece-se, neste momento, uma modalidade de comunicação parasitária.

A imagem que daqui resulta fica muito próxima da equação simbólica, a qual contém novamente o apelo regressivo que já tínhamos encontrado antes, sendo apenas uma forma de evacuar rapidamente do espaço mental a experiência emocional provocada pelo objecto. A identificação projectiva patológica está aqui em pleno funcionamento.

No cartão V, dada a solicitação menos regressiva, remetendo para as dimensões da adaptação à realidade e da identidade, Andreia consegue reorganizar-se e volta ao contacto comensal, reduzindo a proximidade com o objecto ao mínimo, conseguindo com esta defesa um movimento progrediente («uma borboleta»).

Esta defesa poderia ser um momento de distanciamento que permitisse, em seguida, uma reaproximação ao objecto. Mas não é isso que observamos – no cartão VI, que é recusado, acontece a falência da função- α , não havendo acolhimento de conteúdo em continente e, por conseguinte, não havendo qualquer comunicação. Num cartão que solicita as dimensões da sexualidade, sobretudo na dimensão fálica, Andreia perde totalmente a capacidade de utilizar o Rorschach como um espaço de comunicação e transformação, conduzindo a um movimento de perda de sentido e ataque ao vínculo, logo, o negativo está agora a operar em vias patológicas.

O cartão VII, muito importante pela solicitação que faz da relação precoce com o objecto materno, representa precisamente esse ataque ao vínculo. Nesta situação, o seu impacto é acolhido na mente, mas surge de novo a dúvida entre conter essa experiência emocional ou evacuá-la da mente. Este impasse conduz à confusão entre continente e conteúdo (o que, obviamente, dificulta a possibilidade de harmonia entre eles), a confusão entre sujeito e objecto, negando a experiência do negativo, e a rigidez da barreira de contacto, que paralisa o movimento e a vida («duas caras... uma estátua»). A comunicação é, portanto, muito hesitante e o nível de simbolização muito oscilatório.

Apesar de tudo, o facto do estímulo não ser liminarmente evacuado vai permitir que, na situação seguinte (cartão VIII), aconteça um movimento de simbolização mais rico, representando um objecto com vida («dois animais» que «seguem algo»). Num cartão em que o conteúdo latente aponta para a relação do sujeito com o mundo exterior social, a comunicação fica entre a modalidade comensal e a modalidade simbiótica, embora continue a tender mais em direcção à primeira. A comunicação autêntica com o objecto é procurada mas, simultaneamente, é bloqueada pela dificuldade em pôr em contacto interno e externo.

Mesmo assim, graças à redução da angústia, é possível acolher o próximo estímulo (cartão IX), acontecendo uma transformação no contexto de uma comunicação simbiótica. Continente encontra-se com conteúdo, harmonizam-se, e a barreira de contacto exhibe uma maior flexibilidade, movimento contido na resposta «uma flor», tanto mais importante quando nos encontramos num cartão que remete para a *imago* materna primária.

No entanto, este momento de comunicação simbiótica com o objecto provoca uma turbulência insuportável na mente de Andreia – acontece então, não uma mudança catastrófica (Bion, 1965 / 1991), mas uma catástrofe mental propriamente dita¹⁵.

A relação parasitária estabelece-se de imediato, conteúdo fere continente, continente não se molda a conteúdo, o negativo volta a encontrar-se nas vias patológicas do ataque ao vínculo e a barreira de contacto rigidifica-se novamente. Não há saída possível – a evacuação tem que acontecer («uma parede, um muro»).

E esta evacuação é de tal modo violenta, que deixa esta mulher numa situação de esvaziamento total, perdendo, na situação seguinte (cartão X), qualquer capacidade para procurar um sentido e estabelecer algum tipo de comunicação com o objecto. Este cartão remete para a ruptura da relação, sendo o cartão que marca o final da prova, simultaneamente evocando a angústia de fragmentação; é esta evocação que leva, na nossa perspectiva, à recusa do cartão.

B) O protocolo de Rorschach de Andreia permite-nos, portanto, observar a natureza da organização do seu aparelho de pensar os pensamentos. O espaço e o tempo da prova encontram o espaço e o tempo internos e, deste encontro, ficam visíveis os processos de ligação, criação e transformação de que o sujeito dispõe e os seus processos de comunicação no seio da relação ♀♂.

Neste protocolo, salientamos as diversas características que vêm ao encontro do que foi estabelecido nos procedimentos de análise. De facto, realçamos como aspectos proeminentes o número baixo de cinestésias de boa qualidade e a pouca sensibilidade à cor e às solicitações latentes dos cartões, que dão conta da pouca maleabilidade dos processos de pensamento, bem como o desmentido que Andreia faz da cor vermelha, representante dos movimentos pulsionais, de que esta mulher constantemente se defende.

¹⁵ Bion (1965 / 1991) descreve a mudança catastrófica como uma situação que contém a subversão daquilo que é a ordem natural das coisas para a pessoa, acompanhada por um sentimento de turbulência e um grau de violência muito alto; esta situação dá origem à emergência de uma emoção mais próxima da verdade psíquica, que, quando pensada, dirige a pessoa para O, tendo portanto o efeito de expansão mental. Pelo contrário, a catástrofe mental será, segundo a nossa leitura, uma situação em que os primeiros elementos estão presentes, mas não podem ser tolerados, sendo evacuados da mente, o que impossibilita a expansão da mente.

A pouca exploração do estímulo e o pouco envolvimento com o objecto-mancha fazem com que a rede de representações formada seja pobre e pouco diversificada. Apesar disso, há um respeito considerável pelo aspecto formal, sendo que as ocasiões em que a qualidade formal se perde acontecem no contexto de movimentos regredientes intensos, marcados pela evacuação projectiva e pela perda de sentido.

A dificuldade em associar mais do que uma imagem a cada mancha e os movimentos constantes de distanciamento e evitamento dão conta, precisamente, da dificuldade em utilizar a identificação projectiva como mecanismo de exploração da mancha e procura de sentido.

Em geral, vemos uma baixa sensibilidade às solicitações latentes dos cartões e um esforço activo em não se aproximar demasiado do objecto, não se envolvendo e estabelecendo a relação a um nível comensal. O controlo face à produção sugere um movimento de desconfiança, que faz entrever a relação parasitária, a qual aparece de facto nos momentos em que as defesas de retracção falham.

Os movimentos progredientes que encontramos acontecem graças à utilização da defesa do não envolvimento, em que o sujeito se agarra às características objectivas do estímulo. No entanto, estes movimentos nunca chegam a permitir uma verdadeira mudança do aparelho psíquico.

Os elementos observados por Montreuil et. al (1996) nos protocolos de Rorschach de mulheres adultas com história infantil de maus tratos estão também presentes no protocolo de Andreia: a sensibilidade ao branco, a sensibilidade à simetria e a indiferenciação figura-fundo, as quais, na nossa perspectiva, dão conta da insuportabilidade do confronto com o negativo.

As reacções de choque e equivalente choque dão conta da dificuldade em usar o Rorschach como espaço transformador, bem como as críticas ao material, ao examinador e a si mesma, que são marcas do seu discurso, tal como o silêncio, patente no alargamento dos tempos de latência e nos longos silêncios no interior das respostas.

Consequentemente, o grau de simbolização tende a ser baixo, o que dá origem a imagens ou pouco originais, ou pouco elaboradas, ou a movimentos em equação simbólica, em que o estímulo e o símbolo se confundem.

As lacunas nos processos simbólicos são, pois, evidentes – os processos de pensamento, que em dados momentos se estruturam, convivem lado a lado com elementos assimbólicos, que são postos no lugar do pensamento.

Efectivamente, o protocolo de Andreia é marcado por movimentos muito diferentes, que sugerem que, nesta mulher, coexistem aspectos de qualidades muito distintas, muito difíceis de integrar.

A coexistência do carácter vivo da relação e do objecto, mesmo que num contexto regressivo e numa relação anaclítica, com a imobilização narcísica, a petrificação do objecto e da relação, dá conta de um duplo movimento de necessidade de investimento no objecto, mas, ao mesmo tempo, de uma defesa narcísica muito importante.

Onde há contacto, mesmo que este seja uma necessidade, há imediatamente crispação. Aliás, a presença de elementos pouco definidos contrasta com elementos muito duros, que dão igualmente conta de um lugar que é, simultaneamente, de necessidade e de impossibilidade de contacto.

Temos a convicção de que é este dilema que se consubstancia no sintoma de Andreia; podemos agora dizer que as crises depressivas remetem provavelmente para uma depressão do vazio, em que o sujeito se encontra num lugar impossível entre o contacto com o objecto e a carapaça narcísica.

O contacto com o negativo surge conjuntamente com a impossibilidade de com ele contactar, com a dificuldade de o transformar, o que não é inesperado numa pessoa que sofreu tantas perdas, rupturas relacionais e violências como Andreia. Esta mulher parece encontrar-se num aprisionamento entre o dentro e o fora, uma placa giratória entre a retracção narcísica e a procura do objecto, da qual parece sair muito dificilmente, ficando num lugar psíquico onde não é, mas também não deixa de ser.

A relação anaclítica, frequentemente evocada, remete para um tipo de relação muito regressivo, com um objecto cuidador de quem o sujeito, numa posição infantil, é completamente dependente. Uma relação verdadeiramente de vida ou de morte, em que ser abandonado por este objecto é morrer, é uma insuportável ruptura do psiquismo. Daí surge a retracção intensa e as defesas narcísicas, com as quais Andreia se tenta defender do total desamparo em que se encontra face a este objecto.

A relação ♀♂ simbiótica dificilmente se estabelece, oscilando Andreia entre ♀♂ comensal, em que não há contacto, e ♀♂ parasitário, em que continente é demasiado rígido, pouco flexível para acolher este conteúdo duro, e ao mesmo tempo conteúdo não se adapta, fere continente, fá-lo explodir. Uns danificam os outros, provocando uma enorme dificuldade em transformar a experiência e o vivido emocional. A função- α confronta-se com a dificuldade em transformar os elementos- β , porque não tem onde os acolher.

Nos momentos em que a comunicação simbiótica está próxima de acontecer, o que denotamos é um resvalar em direcção à modalidade comensal, marcada pela paixão da ignorância de que fala Lacan (1972, citado por Laznick, 2003). De facto, uma das marcas do discurso de Andreia é a expressão «não sei».

A atitude de não querer saber, a paixão de ignorar, antagónica do desejo de conhecer (ou seja, de K), traz consigo a não exploração do objecto, mas também um reconhecimento fugaz de que há algo a conhecer que pode ser perigoso – logo, mais vale não saber. Esta mulher prefere não saber qual é a qualidade da relação que pode estabelecer com o objecto, porque este objecto é, para ela, necessariamente perigoso, instável, aleatório, inconstante.

E efectivamente observamos que manter uma atitude de aprofundamento do contacto e uma comunicação simbiótica com o objecto conduz Andreia a um estado de uma turbulência insuportável, provocando uma catástrofe mental que desemboca numa evacuação violenta, que deixa a mente esvaziada e danificada.

Dito de outro modo, vemos que a qualidade do confronto do sujeito com a mancha é da ordem da catástrofe, logo, a defesa mantida contra este contacto é a distância. Quando a defesa falha, o que se torna visível é que a comunicação autêntica com o objecto desorganiza o sujeito, dando origem a movimentos regredientes intensos.

C) Relacionando a nossa análise com os objectivos do presente trabalho, através da análise deste protocolo, podemos concluir que, na mente do nosso sujeito, a construção de símbolos se faz com dificuldade, consequência do ataque aos elos de ligação e do desmentido da experiência do negativo. Em diversos momentos, surgem elementos assimbólicos e equações simbólicas, que substituem os verdadeiros símbolos.

Os momentos de simbolização propriamente dita que encontramos no protocolo fazem emergir uma procura de contacto com o objecto a um nível muito regressivo, um contacto anaclítico, que parece ser o único tipo de contacto verdadeiro possível para Andreia – no entanto, este tipo de relação deixa o sujeito desamparado face ao objecto, e este desamparo é demasiado perigoso.

A identificação projectiva ou não surge de todo ou é utilizada de uma forma menos de exploração do objecto e procura de sentido e mais no sentido da utilização patológica: por vezes, acontece o caminhar em direcção ao objecto e a busca de sentido, mas a maioria das vezes aparece nas suas formas patológicas, ou em evacuação, ou em equação simbólica, surgindo o colorido persecutório.

A barreira de contacto é mais frequentemente rígida do que flexível; quando se flexibiliza, aparece a possibilidade de comunicar em ♀♂ simbiótico, mas a maior parte do tempo, rigidifica-se, impedindo a comunicação, ou sofre rupturas, dando origem a evacuações intensas.

Encontramos portanto um grau de intolerabilidade alto face à situação emocional. O nome para a experiência parece difícil de encontrar e quando surge, é de imediato danificado, deixando o sujeito numa situação mental catastrófica e esvaziada de conteúdos.

O negativo é, a maior parte das vezes, insuportável para esta mulher, impedindo a criatividade e a capacidade simbólica. O branco no Rorschach é vivido por Andreia como decretando a suspensão da actividade psíquica ou, em alternativa, reactivando falhas precoces e lançando o sujeito numa relação com o objecto muito regressiva. O passado e o presente confundem-se e o interno e o externo não se encontram ou, se se encontram, desorganizam o seu aparelho mental.

Consequentemente, o Rorschach é usado menos vezes como espaço continente transformador e mais vezes como objecto a manter à distância, numa comunicação comensal, ou objecto persecutório, estabelecendo a comunicação numa modalidade parasitária.

Nesta mulher, a experiência emocional ou não chega a ser acolhida, graças ao estabelecimento da comunicação numa modalidade comensal, ou quando é acolhida em continente, parece não ser manipulável, porque insuficientemente transformada pela função- α . Isto impede, pois, a transformação e a inscrição da experiência no sistema simbólico do sujeito, ou seja, no seu aparelho mental.

Em momentos específicos, o impacto emocional provocado pelo estímulo é acolhido, transformado, mas não chega a ser inscrito na cadeia simbólica de Andreia, na medida em que este movimento em direcção à expansão mental é imediatamente seguido de um ataque ao vínculo, de uma destruição do sentido encontrado, dando conta de uma vivência do negativo da ordem do desligamento e não da ligação e da criatividade.

A comunicação é, pois, estabelecida maioritariamente numa lógica comensal, numa tentativa de não mudança; quando falha esta defesa pela distância, a modalidade de comunicação transforma-se em parasitária, fazendo emergir a insuportabilidade, a destrutividade, e a impossibilidade de contacto com o objecto.

Mas por vezes parece haver possibilidade de estabelecer uma comunicação simbiótica. Apesar das dificuldades, parece haver algumas possibilidades de expansão mental, sobretudo no contexto de uma relação com um objecto que se permita ser utilizado como objecto anaclítico, simultaneamente suportando as oscilações constantes patentes na forma de Andreia comunicar.

Portanto, a comunicação interna apresenta por vezes características de vitalidade e contacto com o objecto, mas a maior parte das vezes fica a um nível superficial, enclausurando o sujeito numa retracção narcísica da qual parece querer sair, mas não consegue.

Por outro lado, observamos a potencialidade do instrumento para dar conta deste tipo de movimentos psíquicos. Verificamos que, com o Rorschach, é possível aceder ao confronto do sujeito com a experiência emocional e à manipulação que faz desta experiência no seio do seu aparelho de pensar os pensamentos.

D) Retomando os aspectos teóricos, vemos que, em Andreia, os processos de pensamento estão dificultados, provavelmente pelo impacto que a situação de maus tratos físicos e emocionais teve no aparelho de pensar. Este aparelho apresenta então como características uma função continente que falha com facilidade, não permitindo o acolhimento da experiência emocional na mente.

Quando a experiência é acolhida, a função- α , também ela frágil, transforma insuficientemente estes elementos- β , o que conduz mais facilmente à evacuação do que ao conter da experiência no interior do psiquismo. Com a evacuação, instala-se o vazio do pensamento.

Os maus tratos parecem ser, segundo a nossa leitura, uma experiência que dificilmente parece ter um destino simbólico no interior da mente do sujeito, antes sendo mais frequentemente um elemento que danifica continente na relação parasitária. Por essa razão, o movimento mais frequente é o afastamento face à experiência e à relação, pois estas podem dar origem a uma derrocada mental. Contudo, com este distanciamento, é impossível a transformação e a atribuição de novos sentidos à experiência, sentidos esses que possam ser menos lesivos para o aparelho psíquico e que permitam que o sujeito saia deste ciclo vicioso.

O não envolvimento e a evacuação não permitem, portanto, a construção de novos recursos internos e de novos símbolos, não permitindo o aumento da capacidade da função continente e da função- α . A expansão mental fica dificultada, bem como o crescimento do sujeito na relação com o objecto e o aumento das possibilidades de comunicação. Andreia fica reduzida a uma comunicação superficial ou a uma relação muito regressiva, insuportável pelo desamparo em que a deixa face ao objecto.

Os afectos presentes são, pois, da ordem do perigo (-L; -H), do não saber (-K), apesar destes coexistirem com o desejo de relação. Mas a dor mental não é vivida e o desconhecido é evitado através do não envolvimento e do não contacto, repetindo psiquicamente o movimento de anulação da dor mental que Andreia agiu na realidade ao casar e engravidar logo após a saída do seu internamento por depressão.

Aliás, podemos pensar que esta dor mental não vivida está contida no objecto interno que a faz descrever a mulher que a maltratou (ao cargo de quem esteve durante os seus dois primeiros anos de vida e dos 6 aos 12 anos) como uma mulher enorme, pesada, esmagadora, negra. Também podemos pôr a hipótese de que, na tentativa de suicídio, estaria provavelmente contida uma fantasia de homicídio desta figura materna, como forma de evacuação dessa dor mental.

Desta forma, a repetição da situação de maus tratos tende a ser repetida, pelo mecanismo de compulsão à repetição já descrito por Freud (1920 / 1996), que é concebido pelo autor como uma forma de escapar ao conflito, evitando pensá-lo¹⁶.

Ora, ao evitar o conflito interno que significa pensar a experiência, Andreia vê-se obrigada a repeti-la, na medida em que aquilo que não tem lugar no espaço mental como pensamento, é evacuado e pode ser agido na realidade externa. Isto poderia explicar as acusações de tentativa de abuso sexual que Andreia faz aos 12 anos ao cliente da madrasta e aos 15 anos ao seu pai adoptivo (quer estas tentativas de abuso sexual sejam reais ou imaginárias). Da mesma forma, Andreia repete constantemente a experiência de maus tratos na forma como cria mal entendidos entre as pessoas que a rodeiam, dando origem a tensões e a conflitos.

De facto, Andreia não sabe qual o lugar que pode ter junto do objecto; por isso, tenta seduzir o psicoterapeuta, tal como provavelmente faz com todos os homens que encontra, na mesma medida em que parece não conseguir imaginar uma relação de outra qualidade, uma relação aceitante, contentora, transformadora. Esta sedução pode então ser uma defesa face ao horror ao masculino e à grande dificuldade de Andreia em elaborar uma representação mental do mesmo, tal como fica patente nos cartões IV e sobretudo VI, que remetem precisamente para a dimensão do masculino.

Face ao que foi estabelecido pelos autores que estudaram os maus tratos, vemos como os diversos elementos estão presentes no psiquismo e na vida desta mulher.

A agressividade surge projectada no vivido persecutório (bem patente no sentimento de Andreia de estar sempre exposta a humilhações que a qualquer momento podem vir do outro) e na violência dos movimentos de expulsão e de evacuação. Por outro lado, a inconstância está bem patente na oscilação constante entre a vivência do objecto e do *self* como vivos e como mortos, entre a vivência do *self* e do objecto como acolhedores e persecutórios, entre a necessidade de contacto e a retracção narcísica. Numa outra perspectiva, esta inconstância está também presente na forma como Andreia conduz a sua vida, mudando de direcção constantemente e parecendo nunca saber efectivamente para onde se dirige ou para onde quer ir.

¹⁶ Neste texto, Freud define a compulsão à repetição como um mecanismo cujo objectivo é retornar a um estado inanimado e, por isso mesmo, aconflitual.

O desamparo aparece em toda a sua plenitude na relação anaclítica que é buscada pelo sujeito e, como defesa contra esta vulnerabilidade, encontramos a insensibilização dos sentidos e a impermeabilização do sujeito ao outro, bem visível na comunicação de tipo comensal.

A experiência é, portanto, vivida como avassaladora, esmagadora como é o objecto interno, sentindo-se Andreia impotente face ao impacto emocional provocado pela comunicação com este objecto.

Estar em relação é insuportável porque desencadeia uma fusão agressivo-destrutiva, que a deixa à mercê dos maus tratos que vêm do objecto e desorganiza completamente a sua mente, mas não estar em relação deixa-a num deserto emocional que também não é mais suportável; este dilema faz com que esta mulher nunca saiba qual o seu lugar junto do objecto (interno e externo) e qual o lugar do objecto dentro de si e na sua vida.

Sem grande margem de dúvida, podemos pensar que a relação psicoterapêutica rapidamente se tornou insuportável, o que provavelmente determinou a sua ruptura.

A única via possível seria Andreia encontrar uma pessoa que se fizesse objecto da relação regressiva que esta mulher procura, verbalizando e, portanto, ajudando a simbolizar a repetição da situação de maus tratos, através da relação transferencial. Simultaneamente, esta pessoa teria que suportar o que Andreia não suporta, isto é, o impacto emocional provocado pela entrada em relação e pelo estabelecimento de uma comunicação mais próxima da modalidade simbiótica, simbolizando os elementos de inconstância, de violência, de desamparo e de impotência. Pensamos que só uma relação psicanalítica, colocando em jogo os aspectos da transferência e da contra-transferência, poderia ajudar Andreia a construir alguma saída para o sistema circular fechado em que tem vivido.

VII. CONCLUSÃO

Com este trabalho, procurámos responder a determinados objectivos.

A) O primeiro objectivo, sendo este um trabalho de contração metodológica, seria perceber até que ponto o instrumento por nós utilizado, o Rorschach, seria sensível a outras dimensões do funcionamento mental que não aquelas que fazem parte da abordagem clássica da prova. Ao rejeitar a lógica psicométrica para nos inscrevermos na metodologia projectiva, escolhemos uma via de investigação com características muito particulares. Ainda assim, no seio desta metodologia, rejeitámos a submissão a um racional psicopatológico, buscando novos sentidos e aplicando ao Rorschach, dentro da Psicanálise, o modelo bioniano, procurando desta forma focar o funcionamento psíquico do sujeito à luz dos processos de pensamento e simbolização.

Neste momento, estamos em condições de afirmar que, efectivamente, o Rorschach é um instrumento que capta as dimensões que procurámos, nomeadamente, a comunicação no contexto da relação $\text{♀} \text{♂}$. Com os procedimentos que delineámos, podemos ajustar a nossa utilização do instrumento, de modo a que este reflecta a forma como esta comunicação se processa no interior do sujeito.

Deste modo, o confronto do sujeito com um estímulo provoca na sua mente um impacto, que irá, conjuntamente com o afecto por ele despoletado, constituir uma experiência emocional a ser processada no espaço psíquico. A função continente presente na mente do sujeito será responsável pelo acolhimento dessa experiência emocional, que, por sua vez, para poder ser manejável como elemento psíquico, terá que sofrer uma transformação, entrando em jogo a função- α . Quando a experiência passa a estar sob a forma de elemento- α , este elemento tem então lugar na mente e pode ser pensado, ligado com outros elementos, acontecendo, graças ao funcionamento da barreira de contacto, um encontro entre passado e presente, objecto interno e objecto externo, sujeito e objecto, consciente e inconsciente.

Deste encontro, suportado pelo reconhecimento da experiência do negativo, nasce um símbolo, que representa a experiência da forma como o sujeito a viveu, o qual irá inscrever-se no aparelho psíquico do sujeito, tomando o seu lugar na sua memória e na sua rede de representações.

Este aparelho no seu todo transforma-se, dando origem a um novo continente, que poderá receber novos conteúdos, agora de uma forma diferente da anterior. Ao longo do processo de comunicação, no seio de uma relação ♀♂ simbiótica, houve, pois, uma transformação, não só de conteúdo, mas também de continente.

Neste processo, muitos vectores estão em jogo. O processo de criação, ligação e transformação pode conhecer vias diversas, pode sofrer curto-circuitos e bloqueios, pode estagnar totalmente, pode desviar-se para outras vias de simbolização de qualidade inferior, ou seja, pode conhecer as mais variadas vicissitudes, dependentemente da função- α disponível, do funcionamento da barreira de contacto, das vias que segue o trabalho do negativo, em suma, das características da comunicação tal como se processa no aparelho psíquico do sujeito em causa.

Ora, o que podemos constatar claramente é a potencialidade do Rorschach para dar conta destas dimensões e o grau de sensibilidade com que as capta, permitindo-nos observar todos estes movimentos. Esta é, efectivamente, uma metodologia eficaz para observar este processo a funcionar dentro do sujeito, sendo este um dos grandes alcances do nosso trabalho.

Neste sentido, procurámos ampliar a capacidade desta metodologia para aceder ao conhecimento do sujeito. Com esta ampliação, pensamos ter contribuído para uma maior explicitação e um alargamento das possibilidades do método Rorschach, que permite, desta feita, aceder ao funcionamento mental do sujeito nos seus processos de simbolização, ligação e transformação, ou seja, nos seus processos de pensamento e comunicação. Este foi o nosso principal objectivo, enquanto trabalho metodologicamente centrado.

B) Relativamente ao objecto de estudo ao qual aplicámos esta metodologia, ou seja, a situação de maus tratos, pensamos ter delineado um novo olhar sobre a questão dos maus tratos, colocando esta questão na dimensão da comunicação no seio da relação ♀♂, perspectiva essa com um carácter inovador face à literatura existente actualmente e à qual tivemos acesso.

A vantagem desta abordagem é, de acordo com a nossa visão, centrar a questão no sujeito e não no acto, tentando evitar o pensamento de causalidade directa e procurando explorar os vários sentidos que a situação de maus tratos pode ter para o sujeito adulto que a viveu na sua infância.

Se os sentidos podem ser variados, torna-se, então, possível a sua transformação, por exemplo, no contexto de um espaço psicoterapêutico, o que significa que o sujeito não fica preso à realidade concreta do passado, ganhando alguma liberdade interna (precisamente o que está contido no conceito bioniano de expansão mental).

Daqui, ressaltam vários aspectos importantes. Nomeadamente, pensamos que é de realçar a perspectiva dos maus tratos como um conteúdo que é acolhido no aparelho psíquico do sujeito, e que, de acordo com o modelo delineado, irá sofrer um destino em continente.

O sujeito atravessou o seu processo de maturação do aparelho mental e dos recursos internos (nomeadamente do processo de comunicação), até chegar à fase adulta, pelo que se pressupõe que este conteúdo sofreu transformações, dependentemente de inúmeros factores que se encontram em jogo, factores circunstanciais (tipo de maus tratos, dinâmica da relação entre a criança mal tratada e o adulto mal tratante, idade da criança, condições de desenvolvimento, entre outros) e factores internos (tipo de recursos mentais disponíveis na altura dos maus tratos, desenvolvimento e maturação desses e de outros recursos, significados atribuídos à situação de maus tratos no contexto relacional e comunicacional, entre outros).

Quando nos confrontamos com um adulto com história infantil de maus tratos, estamos então perante um indivíduo singular, que viveu, pensou e elaborou a situação que viveu na infância de uma forma idiossincrática e particular. Tal como no contexto clínico, podemos a partir daqui reconstruir o caminho que esta experiência emocional trilhou no interior do aparelho mental do sujeito, não esquecendo o carácter especulativo de toda a reconstrução.

No estudo que agora apresentamos, optámos por um estudo aprofundado de um protocolo de Rorschach de uma mulher adulta com história infantil de maus tratos. A natureza da organização do seu aparelho psíquico é reflectida pelo instrumento, ressaltando a pouca maleabilidade dos processos de pensamento. Segundo a nossa abordagem, os maus tratos podem então ser considerados como uma experiência que não conheceu um destino simbólico no interior da mente do sujeito, ficando como um elemento- β , uma coisa em si, não manejável; fica como um objecto duro no interior da mente que danifica continente e cria obstáculos nas várias fases do percurso do pensamento, desde a vivência da experiência até à sua inscrição no espaço mental do sujeito.

Desta forma, esta “rocha” psíquica dificulta o acolhimento da experiência, a sua transformação pela função- α , a ligação deste com outros elementos, a sua transformação, a sua significação, a sua simbolização. Assim, convivem internamente objectos vivos com objectos mortos, elementos simbólicos e elementos assimbólicos, elos de ligação positivos com elos de ligação negativos.

A comunicação numa lógica comensal, com características de desconfiança e de não saber, surge como forma de defesa face à relação, na medida em que as várias experiências de maus tratos, as perdas, as rupturas, todas elas vividas desde uma fase muito precoce, parecem ter conduzido à construção de um objecto interno indisponível, aleatório, não confiável e mesmo perigoso, que não pôde ser utilizado como uma base segura, não permitindo um sentimento de confiança básica.

No confronto com a realidade externa, o que encontramos é uma oscilação entre uma retracção narcísica muito importante e a procura de uma relação muito regressiva, da ordem do desamparo, que dá conta das carências e faltas que esta mulher sofreu. Nesta relação com o objecto, não há tolerância ao negativo, à ausência, à separação, seguindo o trabalho do negativo mais facilmente vias de bloqueio e estagnação do que vias de crescimento e expansão.

Ora, esta relação é perigosa para o sujeito, assumindo características de perigo, aleatoriedade, instabilidade, agressão. Instala-se a comunicação numa modalidade parasitária, na sequência da qual a mente do sujeito sofre uma desorganização e se esvazia no movimento de evacuação. Desta forma, encontramos, em momentos específicas, a utilização da identificação projectiva como forma de entrar em contacto e procurar sentido, mas a maior parte do tempo esse mecanismo é utilizado de forma evacuativa.

A busca de sentido é bloqueada pela atitude de não saber (-K), porque conhecer, entrar em comunicação autêntica com o objecto no seio de uma relação simbiótica, é demasiado perigoso. Por essa razão, o movimento mais frequente é o afastamento face à experiência e à relação, pois estas podem dar origem a uma derrocada mental.

Contudo, com este distanciamento, torna-se difícil a transformação e a atribuição de novos sentidos à experiência. Seria precisamente essa atribuição de sentido(s), que pudesse(m) ter uma maior qualidade simbólica, que poderia permitir a transformação da experiência de maus tratos num elemento mais manejável psiquicamente, danificando menos continente e permitindo uma saída para esta posição impossível que o sujeito se encontra.

C) Sabendo que todos os trabalhos apresentam limitações, este não é excepção. De facto, este trabalho inscreve-se numa linha de investigação que continua a não ser nem consensual, nem amplamente difundida. Por essa razão, este trabalho é exploratório e foca sobretudo as potencialidades do método Rorschach.

Neste sentido, esta é uma exploração da amplitude do método, como forma de investigação, tentando seguir novos caminhos no que se refere à construção do conhecimento sobre o sujeito psicológico, sem no entanto entrar em ruptura com o que já foi anteriormente erigido. Se os modelos teóricos se renovam e se desenvolvem, então é legítimo que as metodologias, enquanto materialização das teorias, se renovem também elas.

A partir do momento em que o alargamento destas potencialidades esteja solidamente estabelecido, outro tipo de investigações poderá vir a lume, centrando-se mais no objecto de estudo, posto que a nova abordagem do método estará já bem fundada. Bem entendido, até ao momento em que nova renovação se revele necessária, posto que é assim que a ciência avança.

Por outro lado, um dos aspectos aos quais demos maior relevância prendeu-se com um afastamento do racional diagnóstico e psicopatológico. Se, efectivamente, não formulámos um diagnóstico do sujeito que estudámos, nem pensámos nele nesses termos, por outro lado, temos consciência da dificuldade que é evitar a lógica psicopatológica; a primeira tendência é atribuir um significado negativo aos movimento com que nos deparamos e ver a faceta doente do sujeito.

Tentámos evitar que o nosso olhar ficasse preso na doença, na impossibilidade, na clausura, e procurámos também os aspectos de crescimento, de possibilidade de transformação, de infinitude. Mas esta via é difícil de seguir, e não temos a certeza de o ter conseguido em todos os momentos.

D) Como já foi dito anteriormente, pensamos que o grande alcance deste trabalho foi, em primeira instância, a modificação do olhar sobre o instrumento Rorschach, confirmando a potencialidade que esta metodologia tem de iluminar aspectos do funcionamento mental que remetem menos para uma lógica psicopatológica, e mais para os processos de pensamento e comunicação que ocorrem no interior da mente do sujeito e que, por essa razão, não nos são visíveis directamente.

Se o processo de transformação não é visível, pode ser reconstruído através do produto a que dá origem esse processo, neste caso, a resposta-Rorschach. Esta é o produto da transformação operada, a partir da qual podemos inferir o processo, atentando aos aspectos que estiveram presentes na construção da resposta, desde as características do próprio estímulo, até ao que de si o sujeito projectou nesse objecto. Esta indução está baseada nas características nas quais assenta a metodologia, a saber, as características perceptivas dos cartões e a tonalidade emocional para a qual remetem, o valor simbólico dos cartões, a importância da simetria na interpretação das manchas, a relevância do branco enquanto continente e diferenciador entre a figura e o fundo.

Por outro lado, pensamos ter contribuído também para o estudo dos maus tratos, sugerindo um novo olhar sobre esta questão e pensando-a através da comunicação no contexto da relação ♀♂. O modelo bioniano tinha sido, até aqui e tendo em conta a literatura a que tivemos acesso, pouco utilizado para compreender este fenómeno relacional a que tantas crianças estão sujeitas. Deste modo, procurámos dar o nosso contributo nesta área.

Os aspectos realçados pelos autores que fizeram parte da nossa pesquisa bibliográfica foram encontrados perante a situação que estudámos. No nosso sujeito, encontrámos o evitamento da relação e o movimento de insensibilização dos sentidos e de impermeabilização ao outro, enquanto marca da comunicação comensal, e a desconfiança de colorido paranóide, associada a afectos de ódio, angústia e dor mental, enquanto marca da comunicação no registo parasitário. Mas igualmente, encontrámos momentos em que a comunicação simbiótica parece tornar-se mais possível, momentos esses que abrem alguma possibilidade de transformação e de pensar a experiência emocional.

Não contrariando os autores citados, é clara a frustração, o perigo e mesmo a desorganização que advém do contacto com o objecto, bem como a insegurança e vulnerabilidade face ao objecto, mas simultaneamente está presente um movimento em direcção ao objecto, está presente a necessidade e o apelo à relação, ainda que regressiva.

Face a este dilema em que a comunicação com o objecto coloca o sujeito, encontramos, pois, a aleatoriedade e oscilação constante da resposta deste àquele e a extrema dificuldade em pensar o seu lugar junto desse objecto. No entanto, apesar de tudo, não há uma retirada completa da comunicação.

Avançando assim o nosso conhecimento acerca do fenómeno dos maus tratos, pensamos que este trabalho pode ser operacionalizável no contexto clínico, levando a uma maior compreensão da situação e permitindo às pessoas que a viveram, no seio de uma relação transferencial, aumentar o grau de simbolização da experiência, construindo significados e encontrando inscrições que possam ser o menos lesivas possíveis para o seu aparelho psíquico.

Este trabalho permitiu-nos o aprofundamento de um modelo, a reflexão sobre um fenómeno, o desenvolvimento de uma estratégia de investigação que, obviamente, nos deixou mais ricos do que quando começámos. Esse é, pensamos nós, também um dos grandes objectivos da investigação, e tal como os outros, esse também foi atingido.

VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aber, J. & Allen, J. (1987). Effects of maltreatment on young children's socioemotional development: An attachment theory perspective. Developmental Psychology, 23 (2), 406-413.
- Amaral Dias, C. (1992). *Aventuras de Ali-Babá nos Túmulos de Ur – Ensaio psicanalítico sobre a somatopsicose*. Lisboa: Fenda.
- Amaral Dias, C. (1993). *Só Deus em mim se opõe a Deus – Um seminário de psicanálise*. Lisboa: Fenda.
- Amaral Dias, C. (1994). *(A) re-pensar – Colectânea psicanalítica*. Porto: Afrontamento.
- Amaral Dias, C. (1997). *Tabela para uma nebulosa – Desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion*. Lisboa: Fim de século.
- Amaral Dias, C. (1998). α -Dream Work. In A. Rezende, C. Amaral Dias & D. Zimerman (Eds.). *Bion hoje* (pp. 11-36). Lisboa: Fim de século.
- Amaral Dias, C. (1999). *O negativo ou o retorno a Freud*. Lisboa: Fim de século.
- Amaral Dias, C. (2000). *Freud para além de Freud*. Lisboa: Fim de século.
- Amaral Dias, C. (2004). *Costurando as linhas da psicopatologia borderland (estados-limite)*. Lisboa: Climepsi.
- Amaral Dias, C. & Fleming, M. (1998). *A psicanálise em tempo de mudança – Contribuições teóricas a partir de Bion*. Porto: Afrontamento.
- Anzieu, D. (1976). *Les méthodes projectives*. Paris : Presses Universitaires de France.

Bacqué, M. (1992). Mentalisation de la dépression au Rorschach et au TAT: Comparaison dans de cadre d'une maladie grave et d'un épisode dépressif majeur. Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française, 36, 77 – 91.

Bayle, F. (2000). A violência – Forma última de ligação. Inuaf Studia, 1, pp. 127-135.

Bion, W. (1959). Attacks on linking. International Journal of Psycho-Analysis, 40, 308 – 315.

Bion, W. (1962 / 1991). *Learning from experience*. London: Karnac.

Bion, W. (1963 / 1989). *Elements of psychoanalysis*. London: Karnac.

Bion, W. (1965 / 1991). *Transformations*. London: Karnac.

Bion, W. (1970 / 1993). *Attention and interpretation*. London: Karnac.

Bohec, J., Suard, M. & Monperrus, D. (1990). Sévices à enfants: Familles complices. In L. Villerbu (Ed.). *Violence, délinquance, psychopathie*. Paris: Presses Universitaires de France.

Bollas, C. (1987). *The shadow of the object – Psychoanalysis of the unthought known*. London: Free Associations.

Bollas, C. (1995). *Cracking up – The work of unconscious experience*. London: Routledge.

Brinich, P. (1982). The emergence of mother-child communication. In A. Solnit, R. Eissler, A. Freud, P. Neubauer (Eds.). *The psychoanalytic study of the child – vol 37* (pp. 3 – 13). New Haven: Yale University Press.

Cabral, M. (1998). *Pensar a emoção – O processo psicanalítico como reconstrução da barreira de contacto*. Lisboa: Fim de Século.

Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi. (Título original *Le Rorschach en clinique adulte – Interprétation psychanalytique*)

Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi. (Título original *La psychopathologie à l'épreuve dans le Rorschach*)

Choulat, M. & Eperon, D. (1991). Les expressions de la confusion agresseur / agressé aux tests projectifs. Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française, 35, 87 - 94.

Coppolillo, H. (1982). Modèle conceptuel pour l'étude de certains parents auteurs de sévices envers leurs enfants. In E. Anthony, C. Chiland & C. Koupemick (Eds.). *L'enfant dans sa famille – L'enfant vulnérable* (pp. 185-193). Paris: Presses Universitaires de France.

Correia, C. (1999). *Ricoeur e a expressão simbólica do sentido*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Criville, A. (1987). Mauvais traitements, abus sexuels: Place du sadisme, place du sexuel. In C. Mignot (Ed.) *Droits de l'enfant, inceste, séparation – Enfants maltraités* (pp. 284 – 299). Paris: Édition et Communication Médicale.

Dayan, J. (2004). Maus tratos. In D. Houzel, M. Emmanuelli & F. Moggio (Eds.). *Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente* (pp. 563 – 565). Lisboa: Climepsi. (Título original *Dictionnaire de psychopathologie de l'enfant et de l'adolescent*)

Dicionário de Latim-Português (1999/1966). Porto: Porto Editora.

Emmanuelli, M. (1993). Figures de la sublimation à l'adolescence – Apport des épreuves projectives. Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française, 37, 161 – 181.

Figueiredo, B. (1998). Maus tratos à criança e ao adolescente (I): Situação e enquadramento da problemática. Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, 3 (1), pp. 5-19.

Fonagy, P. & Target, M. (1999). Towards understanding of violence: The use of the body and the role of the father. In R. Perelberg (Ed.). *Psychoanalytic understanding of violence and suicide* (pp. 53-72). London: Routledge.

Frédéric-Libon, C. (2001). Réflexions autour de certains phénomènes archaïques au Rorschach chez l'enfant : Les distorsions de la relation contenant-contenu. Psychologie Clinique et Projective, 7, 127 – 152.

Freud, S. (1915 / 1996). *O inconsciente*. In CD-Rom - Edição electrónica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1920 / 1996). *Para além do princípio do prazer*. In CD-Rom - Edição electrónica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1925 / 1996). *A negativa*. In CD-Rom - Edição electrónica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

Galdston, R. (1981). The domestic dimensions of violence. In A. Solnit, R. Eissler, A. Freud, M. Kris & P. Neubauer (Eds.). *The psychoanalytic study of the child – vol 36* (pp. 391- 414). New Haven: Yale University Press.

Green, A. (1973). On negative capability. A critical review of W. R. Bion's *Attention and interpretation*. International Journal of Psycho-Analysis, 54 (1), 115 - 119.

Green, A. (1975). The analyst, symbolization and absence in the analytic setting (On changes in analytic practice and analytic experience). International Journal of Psycho-Analysis, 56 (1), 1 - 22.

Green, A. (1979). L'angoisse et le narcissisme. Revue Française de Psychanalyse, 43 (2), 45 - 87.

Green, A. (1986). Le travail du négatif. Revue Française de Psychanalyse, 50 (1), 489 – 493

Green, A. (1997). The intuition of the negative in *Playing and reality*. International Journal of Psycho-Analysis, 78 (6), 1071 - 1084.

Green, A. (1999). *The work of the negative*. London: Free Associations.

Green, A. (2002). *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: Presses Universitaires de France.

Grotstein, J. (1999). *O buraco negro*. Lisboa: Climepsi.

Handler, L. (1999). Assessment of playfulness – Hermann Rorschach meets D. W. Winnicott. *Journal of Personality Assessment*, 72 (2), 208 – 217.

Helfer, R. (1987). The developmental basis of child abuse and neglect: An epidemiological approach. In R. Helfer & R. Kempe (Eds.). *The battered child* (pp. 60-80). Chicago: The Chicago University Press.

Husain, O. (1994). L'interprétation du Rorschach et du TAT: Un parcours de la déliaison à la liaison. *Bulletin de Psychologie*, 47, 419 – 425.

Husain, O., Merceron, C. & Rossel, F. (2001). Introduction à l'analyse dynamique du discours. In O. Husain, C. Merceron & F. Rossel (Eds.). *Psychopathologie et polysémie – Etudes différentielles à travers le Rorschach et le TAT* (pp. 17 – 40). Lausanne : Payot.

Laznik, M. (2003). *O complexo de Jocasta – A feminilidade e a sexualidade sob o prisma da menopausa*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Lecours, S. & Bouchard, M. (1997). Dimensions of mentalisation: Outlining levels of psychic transformation. *International Journal of Psychoanalysis*, 78 (5), 855 - 875.

Lefévre, A. & Chomé, C. (1999). Les contenants de pensée et le Rorschach, essai de compatibilité. *Psychologie Clinique et Projective*, 5, 113 – 141.

Levine, H. (1994). Repetition, reenactment and trauma: Clinical issues in the analytic therapy of adults who were sexually abused as children. In A. Sugarman (Ed.). *Victims of abuse – The emotional impact of child and adult trauma* (pp. 141-164). Madison: International Universities Press.

Liberman, D. (1981). *A comunicação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus. (Obra original publicada em 1976)

Kempe, R. (1987). A developmental approach to the treatment of abused child. In R. Helfer & R. Kempe (Eds.). *The battered child* (pp. 360-381). Chicago: The Chicago University Press.

Kreisler, L. (1985). Les enfants victimes de sévices. In S. Lebovici, R. Diatkine & M. Soulé (Eds.). *Nouveau traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent – vol IV* (pp. 2365-2382). Paris: Presses Universitaires de France.

Mancia, M. (1992). *No olhar de Narciso – Ensaios sobre a memória, o afecto e a criatividade*. Lisboa: Escher.

Marques, M. (1996). Comunicação, interpretação e simbolização no / para o Rorschach. *Análise Psicológica*, 14 (1), 39 - 44.

Marques, M. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.

Marques, M. & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica*, 12 (4), 459 - 462.

Martinet, S. (2000). Maus tratos – Primeiros sinais – Factores de risco. *Inuaf Studia*, 1, pp. 67-77.

Millás, J. (2000). *A ordem alfabética*. Lisboa: Temas e Debates. (Título original *El orden alfabético*)

Montreuil, M, Dubus, C, Castelainm, B. & Elipot, F. (1996). Inceste et maltraitance: Etude comparative au Rorschach. *Psychologie Clinique et Projective*, 1, 31 – 47.

Motz, A. (2001). *The psychology of female violence – Crimes against the body*. Hove, UK: Brunner-Routledge.

Mrazek, P. (1993). Maltreatment and infant development. In C. Zeanah (Ed.). *Handbook of infant mental health* (pp. 159-170). London: Guilford.

Novick, J. & Novick, K. (1994). Externalization as a pathological form of relating: The dynamic underpinnings of abuse. In A. Sugarman (Ed.). *Victims of abuse – The emotional impact of child and adult trauma* (pp. 45-68). Madison: International Universities Press.

Pearce, J. & Pezzot-Pearce, T. (1997). *Psychotherapy of abused and neglected children*. London: Guilford.

Pédinielli, J. (2004). Negativo (trabalho do). In D. Houzel, M. Emmanuelli & F. Moggio (Eds.). *Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente* (pp. 600). Lisboa: Climepsi. (Título original *Dictionnaire de psychopathologie de l'enfant et de l'adolescent*)

Peixoto, J. (2002). *Uma casa na escuridão*. Lisboa: Temas e Debates.

Perelberg, R. (1999). Psychoanalytic understanding of violence and suicide: A review of the literature and some new formulations. In R. Perelberg (Ed.). *Psychoanalytic understanding of violence and suicide* (pp. 19-50). London: Routledge.

Ogden, T. (1979). On projective identification. International Journal of Psychoanalysis, 60, 357 – 373.

Ogden, T. (1992). The dialectically constituted / decentred subject of psychoanalysis – I. The Freudian subject. International Journal of Psycho-Analysis, 73, 517 - 526.

Ogden, T. (1997). *Reverie and interpretation – Sensing something human*. London: Karnac.

Rebourg, C., Tychev, C. & Vivot, M. (1991). Etude comparée des conceptions de l'imaginaire et de la mentalisation: Reflexion sur leur operationnalisation au test de Rorschach. Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française, 35, 45 - 66.

Rezende, A. (1994) *A metapsicanálise de Bion – Além dos modelos*. São Paulo: Papyrus.

Rezende, A. (1998). Aspectos epistemológicos na psicanálise de Bion. In A. Rezende, C. Amaral Dias & D. Zimmerman (Eds.). *Bion hoje* (pp. 37-101). Lisboa: Fim de século.

Ricoeur, P. (1969). *O conflito das interpretações*. Porto: Rés. (Título original *Le conflit des interprétations: essais d'herméneutique*)

Ricoeur, P. (1990). *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Papyrus. (Título original *Le soi-même comme un autre*)

Rogosch, F., Cicchetti, D., Shields, A. & Toth, S. (1995). Parenting dysfunction in child maltreatment. In M. Bornstein (Ed.). *Handbook of parenting – vol 4* (pp. 127-159). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Roman, P. (1996). Blanc au Rorschach et psychopathologie du Moi-Peau. Revue Européenne de Psychologie Appliquée, 46, 139 – 143.

Roman, P. (2001). Des enveloppes psychiques aux enveloppes projectives: Travail de la symbolisation et paradoxe de la négativité. Psychologie Clinique et Projective, 7, 71 – 84.

Rousselle, I., Husain, O. & Dreyfus, A. (1990). Les prudents et les méfiants – Diversité de la paranoïa au Rorschach. Bulletin de Psychologie, 43, 716 – 719.

Rouyer, M. & Drouet, M. (1986). *L'enfant violenté – Des mauvais traitements à l'inceste*. Paris: Centurion.

Saramago, J. (2000). *A Caverna*. Lisboa: Caminho.

Segal, H. (1978). On symbolism. International Journal of Psychoanalysis, 59, 315 – 319.

Skuse, D. & Bentovim, A. (1994). Physical and emotional maltreatment. In M. Rutter, E. Taylor & L. Hersov (Eds.). *Child and adolescent psychiatry – Modern approaches*. London: Blackwell Scientific Publications.

Steele, B. (1987). Psychodynamic factors in child abuse. In R. Helfer & R. Kempe (Eds.). *The battered child* (pp. 81-114). Chicago: The University of Chicago Press.

Steele, B. (1994). Psychoanalysis and the maltreatment of children. Journal of the American Psychoanalytic Association, 42, pp. 1001-1025.

Stern, D. (1985 / 1998). *The interpersonal world of the infant*. Karnac: London.

Straus, P. & Rouyer, M. (1982). Le devenir psychologique des enfants maltraités. In E. Anthony, C. Chiland & C. Koupernick (Eds.). *L'enfant dans sa famille – L'enfant vulnérable* (pp. 395-402). Paris: Presses Universitaires de France.

Symington, N. & Symington, J. (1999). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi. (Título original *The clinical thinking of Wilfred Bion*)

Thorner, H. (1981). Either / or. A contribution to the problem of symbolization and sublimation. *International Journal of Psycho-Analysis*, 62 (1), 455 - 463.

Traubenberg, N. (1997 / 1970). *La pratique du Rorschach (8ª ed.)*. Paris: Presses Universitaires de France.

Vale, A. (2001) *O vazio psíquico – sua expressão através do Rorschach* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Yourcenar, M. (2002 / 1974). *Memórias de Adriano*. Lisboa: Ulisseia. (Título original *Mémoires d'Hadrien*)

ANEXO 1 – PROTOCOLO DE RORSCHACH DE ANDREIA

Protocolo

Tempo total: 35 minutos

<p>I (sorri) 45''</p> <p>1. Isto faz-me lembrar quando fazia pinturas com os guaches, desenhos mais abstractos. (.....)</p> <p>Pode ser tanta coisa... você faz uns testes muito complicados (ajusta o cartão)... não sei o que quer que lhe diga...</p>	G	G F± Art Com. Obj.
<p>II 20''</p> <p>Mesmo que pareça idiota? (...)</p> <p>2. Uma porta de uma igreja ou de um castelo (ajusta o cartão e aproxima-o) (.....)</p> <p>Faz lembrar um caminho longo para a gente ir ao encontro... como naqueles tempos antigos...</p> <p>3. Um bosque à volta... um castelo</p>	Dbl - porta D Sup Negro – igreja/castelo D Lat Negro	Com. Subj. D bl F+ Obj D EF Nat
<p>III 30''</p> <p>4. Duas pessoas a agarrarem algo, não sei... (volta o cartão para o examinador) Porquê o preto e o vermelho?</p>	G	G K H Ban Com. Obj.
<p>IV 1''</p> <p>5. O monstro do Loch Ness. (.....) Não sei... (muda de expressão) Faz lembrar um monstrinho, coitado</p>	G Faz lembrar uma coisa enorme, monstruosa	G FClob (A)
<p>V 10''</p> <p>6. Uma borboleta.</p>	G	G F+ A Ban

VI 30'' Complicado! Não sei... estou a sentir-me idiota... não sei.		RECUSA Com. Subj.
VII 1'' 7. Duas caras... uma estátua. Talvez... (.....) Dá a sensação que estão a olhar uma para a outra, face a face (segura o cartão).	D Reflexo de um espelho. As imagens estão de costas, mas as caras estão frontais	D K Hd/Obj Obs. Simetria
VIII 40'' 8. Dois animais. Seguem algo, não sei.	D Rosas Laterais R. A.: Parece uma mão Dd F+ Hd	D F+ A Ban
IX 1'30'' 9. Só me faz lembrar uma flor... olhando para o conteúdo (toca no cartão) 10. Uma parede, um muro.	G Dbl central	G CF Bot Dbl F- Obj
X (Abana várias vezes a cabeça)		RECUSA

Escolhas:

+ IX; II – porque me fazem lembrar um castelo e uma flor
- IV; III – um porque é um monstro e o outro porque o vermelho incomoda

Psicograma

R = 10 ↓↓

Recusa = VI; X

T total = 35'

T / resposta = 3,5''

T lat médio = 33''

G = 5 50% ↑↑
 D = 3 30% ↓↓
 D bl = 2 20% ↑↑

F | F+ = 3
 | F- = 1
 | F± = 1

F% = 50% ~↓
 F+% = 70% ↓↓
 Fa% = 80% ↑↑
 F+%a = 81% ~

K = 2

A = 3 A% = 30% ↓
 (A) = 1
 H = 1 H% = 10% ↓
 Hd/Obj = 1

EF = 1
 CF = 1
 Fclob = 1

Art = 1
 Obj = 2
 Nat = 1
 Bot = 1

Ban = 3

T Apreensão G D D bl

TRI 2K / 1 ΣC
 FC 0k / 1 ΣE

RC % = 30% ~↓

Choques = VI; X
 Equiv. Choque = I

Com. Obj. = I; III
 Com. Subj. = II; VI
 Obs. Simetria = VII

- IX; II
 + IV; III